

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

**“MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: ESTUDO SOBRE EVENTOS
MUSICAIS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA-
PR”**

PONTA GROSSA

2020

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

**“MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: ESTUDO SOBRE EVENTOS
MUSICAIS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA-
PR”**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA

2020

A553 Andrade, Adriana Aparecida de

 Música em espaços públicos: estudo sobre eventos musicais na área central da cidade de Ponta Grossa - PR / Adriana Aparecida de Andrade. Ponta Grossa, 2020.

 203 f.

 Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky.

 1. Espaço público. 2. Eventos musicais. 3. Música. 4. "Sexta às Seis". 5. Festival de música de Ponta Grossa. I. Monastirsky, Leonel Brizolla. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III.T.

CDD: 910

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA APARECIDA DE ANDRADE

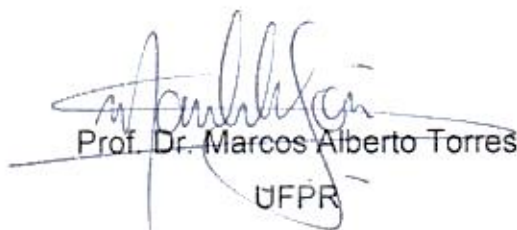
“MÚSICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: ESTUDO SOBRE EVENTOS MUSICAIS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA - PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

UEPG



Prof. Dr. Marcos Alberto Torres

UFPR



Prof. Dr. Rafael Schoenherr

UEPG

Ponta Grossa, 28 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu orientador Leonel Brizolla Monastirsky, que assim como eu, acredita no potencial social da música, por todo incentivo à pesquisa, por todo conhecimento compartilhado e por sua amizade.

Agradeço Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão de bolsa de mestrado.

Agradeço aos meus professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Geografia pelo conhecimento compartilhado durante esses anos de mestrado.

Agradeço ao professor Marcos Alberto Torres e ao professor Rafael Schoenherr, ambos experientes pesquisadores em seus respectivos campos de conhecimentos pelas sugestões e críticas durante a banca de qualificação.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, por todo amor e confiança a mim dedicados.

Agradeço a Vini pelo incentivo, compreensão, paciência e por sempre ouvir minhas ideias e apoiá-las, por acreditar em meu potencial não só em questões acadêmicas, mas também na vida.

Agradeço aos meus colegas de turma; em especial a Junior Cesar, Bruna Sassi, Fabio Martins e Carlos Alexandre, pelos debates, pelas discussões e risadas durante os anos que passamos na UEPG.

Agradeço especialmente a todos os envolvidos no “Sexta às Seis” e Festival de Música de Ponta Grossa; músicos, público participante e membros da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, obrigado por fazerem desses eventos projetos musicais tão especiais, por partilharem comigo essa experiência musical. Gratidão! Sem vocês com certeza essa pesquisa não se efetivaria.

Em memória de Emerson Bueno, querido amigo, que nos deixou no carnaval de 2019.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender em que medida os eventos musicais (Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa) constituem as experiências dos indivíduos (público, músicos e organizadores) no espaço público de Ponta Grossa, e quais medidas e ações o poder público toma em relação a promoção e organização desses eventos. Essa pesquisa também analisou as dinâmicas musicais de promoção ao direito à cidade e à cultura, assim como buscou compreender a relação indivíduo e espaço público. A pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas com músicos e membros da Fundação Municipal de Cultura com o auxílio de tópico guia e ponto de saturação e também questionários *online*. Identifica-se os eventos musicais Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa de suma importância para o acesso à cultura na cidade, como possibilitam a participação de vários segmentos sociais, gêneros, etnias e gostos musicais, possibilitam que artistas locais tenham a oportunidade de mostrar o seu trabalho, possibilitam aos indivíduos o contato direto com artistas reconhecidos no cenário musical nacional, e são importantes por incentivar a utilização e valorização dos espaços públicos através de atividades culturais.

Palavras chave: Espaço público, eventos musicais, música, “Sexta às Seis”, Festival de Música de Ponta Grossa.

ABSTRACT

This research had as its main objective to understand to what extent the musical events (Sexta às Seis and the city music festival, Festival de Música de Ponta Grossa) constitute the individuals' experience (audience, musicians and organizers) in the public space in Ponta Grossa and what are the measures and actions that the public administration takes related to the promotion and organization of these events. This research also analyzed the musical dynamics promoting the right to the city and to the culture, as well as it sought to understand the relation between individual and space. The research characterizes as qualitative and quantitative methodology, with semi structured interviews with musicians and members of the city cultural foundation (Fundação Municipal de Cultura) within the help of a guidance document and data saturation, and also an online questionnaire. The musical events Sexta às Seis and extremely important to the city cultural access, since they allow the attendance of various social segments, genders, ethnicities, and musical taste; they allow that the local artists have the opportunity of showing their work; they allow the individuals to have close contact with well-known artists of the national music scene; and they are important to encourage the use and appreciation of the public spaces through cultural activities.

Keywords: public space; musical events; music; "Sexta às Seis", Festival de Música de Ponta Grossa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Eventos e festivais musicais pelo mundo	50
Figura 2	-	Eventos e festivais musicais no Brasil	51
Figura 3	-	Localizações do Projeto Musical/Cultural Sexta às Seis	56
Figura 4	-	Matéria do Jornal Diário dos Campos do dia 20 de março de 2005	59
Figura 5	-	Locais do giro cultural do Festival de Música (2018)	65
Figura 6	-	Locais do giro cultural do Festival de Música (2019)	66
Figura 7	-	Local de moradia dos participantes do Festival de Música de Ponta Grossa (2018 e 2019)	77
Figura 8	-	Local de moradia dos participantes do Sexta às Seis (2018 e 2019)	77
Figura 9	-	Local de moradia dos músicos participantes do Festival de Música e Sexta às Seis (2018 e 2019)	78
Figura 10	-	Localização do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, Ponta Grossa-Pr	80

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	- Show de abertura do Sexta às Seis, edição de 2018.....	40
	Palco Novas Sonoridades do Festival de Música de Ponta	
Fotografia 2	- Grossa, edição 2018	40
Fotografia 3	- Fotografias da década de 90 do Sexta às Seis	55
	Apresentação da banda Dazaranha no “Sexta às Seis”	
Fotografia 4	- em 2019	60
	Rockinho para crianças, Festival de Música de Ponta	
Fotografia 5	- Grossa, edição 2018	64
	Crianças apreciando as apresentações do Festival de	
Fotografia 6	- Música de Ponta Grossa, edição 2018	64
	Diferentes espaços do Complexo Ambiental Governador	
Fotografia 7	- Manoel Ribas	81
	Show da banda Selvagens a Procura de Lei no Festival	
Fotografia 8	- de Música de 2018	84
Fotografia 9	- Show da banda Dazaranha no Sexta às Seis de 2019	84
	Apresentação de malabares durante o Festival de Música	
Fotografia 10	- (2018) e Sexta às Seis (2019)	85

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	– Estudos geográficos sobre a música na França	20
Quadro 2	– Principais temas de interesses de estudos geográficos sobre música, de Nash e Carney (1995)	22
Quadro 3	– Proposta de estudos de Carney (1998)	23
Quadro 4	– Eixos temáticos propostos por Lily Kong (1995)	24
Quadro 5	– Análise geográfica da música na Europa e América Latina	25
Quadro 6	– Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018 na Geografia Humanista	28
Quadro 7	– Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018 no ensino de Geografia	29
Quadro 8	– Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018, na Geografia Cultural-Social	29
Quadro 9	– Artistas e grupos musicais que passaram pelo palco do Festival de Música de Ponta Grossa, de 2016 a 2018	62
Quadro 10	– Tríade espacial baseada nos conceitos de Henri Lefebvre (1991)	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MÚLTIPLAS COMPREENSÕES DA MÚSICA E SUA ABORDAGEM GEOGRÁFICA.....	18
1.1 Estudos internacionais relacionando Geografia e Música.....	18
1.2 Estudos brasileiros envolvendo a relação entre Música e Geografia	27
1.3 Música: arte, técnica e produto	33
1.3.1 Transformações da música e dos sons a partir da Revolução Industrial .	35
1.3.2 Mudanças na produção, consumo e disseminação da música	37
1.4 A procura por experiências através dos eventos e festivais musicais	41
2 PONTA GROSSA CULTURAL: EVENTOS LOCAIS E O ESPAÇO PÚBLICO	48
2.1 Do global ao local: eventos e festivais musicais	48
2.2 Separados por uma passarela: história e estrutura do Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa	54
2.3 Políticas culturais e espaços públicos	67
2.4 Espaços públicos: diversidade, equidade e direito à cultura e à cidade	70
3 PERCEPÇÃO, CONCEPÇÃO E VIVÊNCIA NO ‘ESPAÇO’ DOS EVENTOS MÚSICAIS – “SEXTA ÀS SEIS” E FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA	75
3.1 Perfil dos sujeitos envolvidos (público e músicos)	75
3.2 Espaço público em questão: Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas	79
3.3 Dinâmica espacial do Parque Ambiental durante o Festival de Música e o “Sexta às Seis”	83
3.4 Percepção, concepção e vivência dos envolvidos no fenômeno.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	103
ANEXOS	171

INTRODUÇÃO

O caminho a ser percorrido para chegar ao destino final tem, para a maioria dos participantes, as mesmas etapas. O trajeto inicia ou no transporte coletivo em diferentes bairros da cidade, ou no veículo particular, em um horário próximo às dezoito horas. Para alguns indivíduos o trajeto é feito caminhando. Existem aqueles que saem direto de suas casas, os que saem dos locais de trabalho, outros de escolas e universidades, e alguns que estavam apenas passando e acabam ficando. Todos os citados têm em comum um ponto de chegada, o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, ou, mais conhecido, o Parque Ambiental. Esse local fica mais movimentado às sextas-feiras e também no período de julho a agosto. Isso acontece porque o Parque Ambiental é o lugar escolhido pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa para sediar os eventos musicais Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa.

Em várias sextas-feiras, em um horário entre as dezessete e quarenta e cinco e dezoito horas, o sol já está se pondo atrás dos prédios da Rua Benjamin Constant, as pessoas se cruzam pelas ruas apressadas, animadas pela chegada do final de semana. No Parque Ambiental, começa a surgir gente de todos os lados, vindas das direções do Terminal Central, ou dos Bairros de Olarias, Oficinas e Uvaranas. Nota-se que algumas pessoas estavam no local há várias horas antes, algumas descansam em toalhas estendidas na grama, outras esperam sentadas nos bancos, e há também aquelas que caminham sem destino aparente, mas nunca se afastando totalmente do local onde é montado o palco. Há a presença de jovens, adolescentes e pessoas mais velhas, homens e mulheres, em grande maioria vestindo camisetas pretas e de variadas bandas de rock. Algumas crianças aparecem acompanhadas de seus pais, algumas também com camisetas pretas. Todos esses indivíduos se dirigem ao Parque Ambiental para apreciar a música de artistas locais de variados estilos desde o *heavy metal* ao samba, comparecem em fins de tardes quentes, e até mesmo congelantes. Há a presença de sujeitos solitários, mas há também famílias; ora dançam, ora sentam-se no gramado, de mãos vazias e também carregados com caixas térmicas e bebidas. Quando o relógio marca dezoito horas, o palco no Complexo Ambiental, bem próximo às quadras de esportes, já está montado, os músicos encontram-se nos momentos

finais da preparação para iniciar o show e o público entre conversas, risadas e agitação, ansioso, espalha-se para melhor ouvir e curtir as apresentações. O representante da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa sobe ao palco: “Sejam todos bem-vindos a mais uma edição do Sexta às Seis”. Essas são características triviais para aqueles que frequentam o “Sexta às Seis”, projeto que teve início em 1990 e atualmente faz parte das atividades culturais da cidade de Ponta Grossa.

Já no mês de julho e início de agosto, o Parque Ambiental muda pouca coisa em relação à movimentação que tem durante o Sexta às Seis. Nesse caso, as pessoas se dirigem ao outro lado da passarela, bem próximo a um dos patrimônios culturais mais conhecidos da cidade: a Estação Saudade, que fica ao lado do terminal central de transporte coletivo. Geralmente, o horário de início das apresentações é em torno de quatorze e quinze horas, sempre nos finais de semana. O público também é muito semelhante: crianças, adolescentes, jovens e idosos, a maior diferença é em relação aos itens que algumas pessoas carregam, muitos fazem um mini acampamento no parque, com cadeiras de praia, caixas térmicas, comidas, animais de estimação, brinquedos (bolas, bicicletas, patins), entre outros itens. Esse mini acampamento é justificável porque as apresentações do Festival de Música de Ponta Grossa, outro evento que se faz presente na vida dos apreciadores de música na cidade, começam após o almoço e terminam às vinte e duas horas, sendo um período longo de apresentações.

Diferentemente do Sexta às Seis, durante o Festival de Música, há montado, próximo ao palco Novas Sonoridades uma praça de alimentação com *food trucks*, sendo comercializados desde lanches a chopes artesanais de cervejarias da cidade. As atrações também são diferenciadas, além dos músicos locais, nesse palco se apresentam artistas de renome no cenário musical nacional, o que acaba criando grande expectativa no público que nunca teve a oportunidade de ir ao show desses artistas. É notável a satisfação do público em apreciar apresentações musicais com uma estrutura um pouco maior que a do Sexta às Seis, poder ficar frente a frente com artistas nacionalmente conhecidos, tudo isso de forma gratuita em um local totalmente aberto, possibilitando ir e vir no momento que quiser, comendo e bebendo. Outro ponto que difere os dois eventos é em relação a “tietagem”. Formam-se filas atrás do palco após as apresentações de algumas bandas, as pessoas esperam vários minutos a oportunidade de abraçar e tirar fotos com os

artistas, há a presença de fotógrafos e jornalistas locais que buscam noticiar os acontecimentos do evento. Tudo isso cria uma atmosfera efervescente, energética e musical que nos últimos anos tem mobilizado artistas locais, nacionais, moradores da cidade e da região a apreciar a música ao vivo em espaços públicos no Parque Ambiental, de forma gratuita e acessível a todos.

Diante desse contexto musical da cidade de Ponta Grossa, a escolha em pesquisar os dois eventos anteriormente citados se dá pela inquietação em buscar compreender as motivações de tantas pessoas participarem dos mesmos. A premissa é que não é apenas pela música, já que ela se encontra fácil e gratuitamente em diversas plataformas *online*; não é apenas pelo espaço público, já que em dias que não há os eventos existe circulação nesses espaços, (entretanto, o movimento e a utilização são menos intensos); e não é apenas pela gratuidade, já que existem na cidade outras atividades culturais gratuitas.

Acredita-se que as motivações são diversas, mas a principal seria o conjunto que compõe o fenômeno: 'música ao vivo de forma gratuita no espaço público, promovida pelo poder público através de políticas culturais', acredita-se que quando um desses requisitos falta, o fenômeno acaba não acontecendo. Sendo assim, essa pesquisa buscou demonstrar que esses requisitos se combinam e fazem do 'Sexta' e do 'Festival' dois dos eventos musicais mais procurados na cidade.

A pesquisa tem como objetivo principal compreender em que medida projetos e eventos musicais estruturam as experiências dos sujeitos (público, músicos e organizadores) no espaço público de Ponta Grossa (PR). E como objetivos específicos: averiguar as ações do poder público em relação a promoção e organização desses eventos; investigar a relação 'indivíduo e espaço público' durante as sonoridades; analisar as dinâmicas musicais de promoção ao direito à cidade e à cultura e por fim, compreender as experiências dos sujeitos no espaço público de Ponta Grossa, através da música em eventos musicais. Para isso, foram realizadas entrevistas com os músicos e o poder público, também foram realizados questionários *online* com o público, bem como a observação participante nos dois eventos.

No primeiro capítulo é discutida a relação entre Música e Geografia e, para isso, são apontados os trabalhos brasileiros e estrangeiros que compõem essa temática, demonstrando que há uma gama de possibilidades de abordagens, entretanto são poucos os trabalhos que tratam da música no espaço público ou

eventos musicais públicos. Logo em seguida há uma discussão sobre o que ‘é’ a música, chega-se à conclusão que a música é tanto arte como produto social e também mercadoria. Considerando que, após a revolução industrial, ela passa por diversas transformações que fazem as pessoas terem experiências mais tecnológicas e que essas experiências não estão mais bastando e por isso o número de participantes em eventos e festivais musicais está aumentando nos últimos anos.

No segundo capítulo, apresenta-se uma série de eventos e festivais musicais no Brasil e no mundo, desde os de pequeno porte até os de grande porte, demonstrando que a música é hoje uma das áreas artísticas mais procuradas, tratando-se de experiência sociocultural e artística. Em seguida, apresenta-se a história e organização dos objetos de estudo – Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa – o que demonstra que mesmo os dois eventos sendo de pequeno porte, eles são igualmente importantes para os amantes de música da cidade, e ainda, têm a cada ano mobilizado mais e mais indivíduos a participar da cena cultural da cidade, sejam eles o público, ou os músicos. Nesse capítulo, há a discussão das políticas públicas culturais em âmbito local e nacional, como elas fortalecem a utilização dos espaços públicos através de atividades culturais e são obrigatórias na consideração de uma boa gestão pública. Finaliza-se o capítulo com a reflexão do que são os espaços públicos e como o poder público deve mantê-los como espaços de diversidade, sem restrições de acessibilidade, mas com normas e leis de uso.

O terceiro e último capítulo trata da percepção, concepção e vivência no ‘espaço’ dos eventos musicais de Ponta Grossa. Através dos dados coletados foi possível traçar um perfil dos envolvidos, com idade, renda, bairro de moradia e entre outras características que confirmam a diversidade sociocultural dos envolvidos. Em seguida, é demonstrado e analisado o espaço público em questão – Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas – como sendo um espaço público bem sucedido pela sua estrutura, organização, localização e normas de uso. Nesse capítulo é analisada a dinâmica espacial durante os dois eventos, singularidades e similaridades, conclui-se que cada edição tem sua peculiaridade, entretanto, existem atitudes repetitivas como ocupação em frente aos palcos, consumo de bebidas e recorrência de resíduos sólidos deixados nos locais após as apresentações. Ao final do capítulo, é feita uma análise através das concepções lefebvrianas sobre a

experiência dos envolvidos (público, poder público e músicos), conclui-se que não é possível dar maior importância de uma percepção de um espaço, em detrimento do outro (espaço percebido, concebido e vivido), já que no fenômeno estudado, o espaço físico de ocorrência dos eventos, as normatizações da ocorrência e a vivência dos indivíduos entram em harmonia, não aparece em nenhum momento uma dimensão que se sobressaia à outra.

Em relação aos métodos utilizados para realização dessa pesquisa, optou-se pelas entrevistas e aplicação de questionários. Foram realizadas entrevistas testes ¹(apêndice I), com os músicos participantes do Festival de Música edição de 2018; e aplicação de questionário *online* (apêndice A), com os músicos locais² participantes do Festival de Música edição 2019; para compreender como foi a experiência dos mesmos em tocar e participar desse evento.

Para os músicos participantes do Sexta às Seis (edição 2018 e 2019) foi enviado um questionário *online* (apêndice A), através das páginas oficiais das bandas no *facebook*. Optou-se pelos questionários pelo fato de já ter feito entrevistas com várias das bandas participantes em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizada em 2017.

Foram realizadas entrevistas com os organizadores, sendo o diretor de cultura e o presidente da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa (apêndice F), com o auxílio do tópico guia (apêndice C). O tópico guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa, não é uma série extensa de perguntas, mas sim um conjunto de títulos de parágrafos, que funcionam como lembretes, como um esquema preliminar. (BAUER; GASKELL, 2003, pp.66-67).

Optou-se pelo questionário *online* para saber sobre a experiência do público (apêndice B), depois da tentativa de entrevistar pessoas na plateia do Festival de

¹ Como sabe-se, para a realização de entrevistas é necessário que haja compreensão das perguntas e respostas tanto por parte do entrevistador como do entrevistado, o que não foi possível durante a pesquisa, pois, entrevistar os músicos durante o festival acabou não sendo tão proveitoso como gostaria exatamente pelo fato do camarim ser atrás do palco, local de muito barulho, de passagem de pessoas, lugar onde os músicos faziam seus últimos arranjos e recebiam seus fãs para autógrafos e fotos.

² Optou-se por aplicar o questionário apenas para os músicos locais por dois contratempos: primeiro, por perceber que durante as entrevistas realizadas em 2018 com alguns músicos de fora da cidade era notório o direcionamento das respostas para as questões afetivas ao público, ao primeiro contato com a cidade, se a mesma foi receptiva ou não, desse modo, as respostas desviavam-se dos objetivos dessa pesquisa. Segundo, pelo fato da acessibilidade aos músicos, já que a maioria tem assessores e agendas para entrevistas e afins o que dificultariam a aplicação do questionário online, sendo assim, optou-se por não utilizar as entrevistas feitas com os músicos de fora.

Música, uma ação que se mostrou impossível principalmente pelo alto volume do som, impossibilitando ouvir as respostas e perguntas. Por isso, optou-se pela elaboração de um questionário com perguntas abertas e fechadas, de acordo com Lakatos e Marconi (2003),

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.201).

O questionário foi elaborado através de uma ferramenta disponível através da conta de e-mail *Google*, o conhecido *Drive*³, que permite a criação de questionários *online*. Esse questionário foi disponibilizado através dos grupos oficiais do Sexta às Seis, do Festival de Música e publicado nos eventos marcados dos dois projetos. Esse questionário foi aberto para respostas no dia 19 de maio de 2019. Como os projetos ocorrem em um espaço público aberto da cidade, não se sabe exatamente o número de participantes que comparecem ou já compareceram ao evento, assim, ficou aberto àquelas pessoas que tinham interesse em colaborar com a pesquisa.

A pesquisa também conta com a técnica da ‘observação participante’⁴. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), na observação participante o pesquisador participa da realidade do grupo ou comunidade estudada, incorpora-se e confunde-se com os mesmos e participa de todas as atividades. Optou-se por esse tipo de abordagem por compreender que o indivíduo, quando é entrevistado ou responde um questionário pode omitir detalhes importantes, pois pode ocorrer de algumas coisas lhe pareçam apenas algo dado, aceito sem discussão, e outras, podem ser difíceis de serem ditas com palavras, ou o entrevistado pensa ser descortês ou que mostraria falta de sensibilidade, esse indivíduo pode ver a realidade através de “lentes distorcidas”, fornecendo uma visão enganosa, difícil de ser verificada (BAUER; GASKELL, 2003, p. 72).

³ Serviço de armazenamento em servidores externos conectados através da internet (nuvem). Disponibiliza entre outras aplicações, a criação de formulários on-line, que possibilitam a coleta e gravação de informações através da conta de e-mail do *Google*.

⁴ Durante as observações buscou-se analisar a dinâmica de apropriação do espaço público durante os eventos, buscou-se similaridades e diversidades nas ações dos participantes, bem como, perceber atividades desempenhadas pelos envolvidos que não foram descritas nas respostas dos questionários.

Essa é uma pesquisa qualitativa pautada pelo método de saturação (BAUER; GASKELL, 2003), desse modo não depende necessariamente de números para validar o resultado, a partir do momento em que as respostas dos entrevistados e respondentes começam a saturar ela é finalizada, entretanto, houve a necessidade de obtenção de dados estatísticos para complementar o trabalho, o que a caracteriza também como uma pesquisa quantitativa.

1 MÚLTIPLAS COMPREENSÕES DA MÚSICA E SUA ABORDAGEM GEOGRÁFICA.

A música acompanha as transformações sociais, pois, trata-se, fundamentalmente, de uma manifestação social (mas também um produto, enquanto reificação): arte, expressão, manifestação e elemento cultural. Desse modo, a variação de abordagens e metodologia utilizada para a sua análise, através da perspectiva geográfica, é apresentada agora com o intuito não apenas de justificar a possibilidade dessa investigação, mas também como modo de ratificar mais uma pesquisa sobre o tema.

Apresenta-se, assim, uma sistematização de pesquisas feitas por geógrafos que demonstram uma agenda heterogênea, com métodos e metodologias diversificadas e, portanto, com várias possibilidades para elaborar diálogos da relação da geografia, não apenas com a música, mas um diálogo interdisciplinar entre geografia, sociologia, filosofia, etnologia, artes, entre outras ciências sociais, diálogo propício para o período histórico que vivemos – segunda década dos anos 2000, e principalmente no Brasil, pós 2015 – com significativas mudanças sociais, políticas e culturais.

1.1 Estudos internacionais relacionando Geografia e Música

Durante a busca por referencial teórico para o embasamento da dissertação, o contato com uma das pesquisas que relaciona geografia e música foi essencial, não por sua exclusividade ou ineditismo, já que se considera pertinente e válido todo tipo de estudo da temática para o desenvolvimento da ciência, mas porque essa se tornou importante por trazer uma sistematização extensa de bibliografias dos principais trabalhos referentes à temática aqui tratada: o estado da arte.

Trata-se das pesquisas feitas pelo geógrafo Lucas Manassi Panitz, que elabora um panorama mundial e nacional de estudos sobre geografia da música, inicialmente em sua dissertação, no ano de 2010 e depois, aprofunda a discussão, em sua tese de doutorado, em 2016. De acordo com o autor, atualmente, a quantidade de materiais disponíveis em formato digital e impresso permite o reconhecimento do campo de estudo indicando os Estados Unidos, Inglaterra e

França como centros de discussão avançada, firmadas a quase um século de duração (PANITZ, 2016).

As primeiras contribuições são atribuídas a Friedrich Ratzel que observou similaridades entre os arcos da África Ocidental e da Melanésia, suas características morfológicas, bem como as formas das flechas usadas junto com o arco, e seu discípulo Leo Frobenius que levou a pesquisa adiante relacionando as similaridades entre tambores e outros instrumentos musicais (distribuição espacial dos instrumentos), que “pode ser considerado o primeiro sistematizador do estudo entre espaço geográfico e música” (PANITZ, 2016, p. 23).

Panitz (2016) afirma que esses estudos deram origem a outras investigações, principalmente na Geografia Cultural norte-americana, a partir da Universidade de Berkeley, onde geógrafos, influenciados por Carl Sauer, que era leitor assíduo das obras de Ratzel e interessado nas suas teorias de difusão e noção de área cultural, possuem uma vasta quantidade de pesquisas e publicações com essa temática, mas, mais tarde serão criticados⁵ pela forma de abordagem utilizada nesses estudos.

Similarmente, na França, existem estudos igualmente importantes sobre a Geografia Musical. Panitz (2016, p. 24) aponta os estudos de Georges de Gironcourt, que propôs um novo campo para geografia. Na visão de Gironcourt (1927), essa nova disciplina deveria “se debruçar sobre as formas musicais através do espaço e do tempo, permitindo analisar a fixação e a mobilidade de sociedades e civilizações”.

Em sua pesquisa, Panitz (2016) afirma que a base de dados de teses e dissertações da França é de difícil acesso e incompleta, o que o levou a buscar apoio em artigos acadêmicos que apontassem caminhos de busca, entrando, em contato com Nicolas Canova – outro pesquisador que faz um importante estudo das perspectivas e abordagens sobre o tema já citado. Canova (2015), além dos autores franceses já citados por Panitz (2016), aponta Jean-Pascal Vauchey (1987) como um dos geógrafos pesquisadores, por este ter deixado sua marca, principalmente a partir da luta contra a uniformização da paisagem sonora, apostando na

⁵ Críticas provenientes dos geógrafos envolvidos no encontro *The Place of Music* (1993), os quais afirmam ter havido pouco aprofundamento teórico sobre a temática e senso restrito de geografia mais focado a localização e narrativas dos lugares (PANITZ, 2010), esquecendo-se que Sauer elaborava seus estudos nos anos 20 e que a ciência naquela época era diferente, Sauer já pensava em abordagens geográficas da música mas não soube, naquele momento, organizar dentro dos moldes científicos da época.

diversificação qualitativa das ondas do rádio. Esse foi o único pesquisador apontado antes da chamada renovação da geografia francesa, nos anos 90.

Com essa renovação, a pesquisa de *revival* do tema é de Jacques Lévy (1994; 1999) que é um dos autores franceses mais conhecidos por fazer a introdução da música na Geografia Francesa, propondo uma geografia musical da Europa, contextualizando condicionantes políticos e culturais, bem como as difusões de inovação musical pelo território (CANOVA, 2015; PANITZ, 2016).

Como Panitz (2010 ; 2016) traz em suas pesquisas uma revisão bibliográfica dos autores que trabalham com a temática, e como forma de não tornar esse texto repetitivo, apresenta-se aqui mais autores franceses citados de forma sucinta por Canova (2015) e suas contribuições: Jöel Pailhé (1988 ; 2004), que toma como norteadores os modelos difusionistas para estudar o *jazz* e faz uma abordagem das dinâmicas territoriais através dos processos identitários no leste europeu; Michel Foucher (1996), que estuda a ópera e é um dos defensores da geografia dos lugares; April& Dorier-Aprill (1998), com a geografia do tango; Laurent Grison (2000), defensor da dimensão sonora da música, inspirado na geografia dardeliana; Marie Pendanx (2006), que estuda as bandas musicais do sudoeste francês; Claire Dubus (2009) e Patrick Rérat (2006), que estudam o movimento *hip-hop*; Samuel Etienne e o sociólogo G r me Guibert (2006), que em uma proposta interdisciplinar trabalham os territórios musicais; Xavier Leroux (2007) estuda a música tradicional; Philippe Bourdeau (2009), que estuda o rock, tratando de questões de mobilidade; Olivier Soubeyran (2014), que estuda a ruptura jazzística.

Como forma de sistematizar os referenciais teóricos levantados pelos dois autores anteriormente citados, e facilitar as buscas em pesquisas futuras, é apresentado no quadro a seguir (quadro 1) a lista com os nomes, o país de origem, o ano e o (a) geógrafo (a) que fez o levantamento.

Quadro 1: Estudos geográficos sobre a música na França.

(continua)

ANO	AUTOR	BUSCAR EM:
1927	Georges DE GIRONCOURT	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
1987	Jean- Pascal VAUCHEY	Canova (2015)

Quadro 1: Estudos geográficos sobre a música na França.

(conclusão)

ANO	AUTOR	BUSCAR EM:
1988	Joel PAILHÉ	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
1994 e 1999	Jacques LEVY	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
1996	Michel FOUCHER	Canova (2015)
1998	APPRILL e DORIER-Apprill	Canova (2015)
2000	Laurent GRISON	Canova (2015)
2000	Jean - Marie ROMAGNAN	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2002	Pierric CALENGE	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2002 e 2005	Frédéric LAMANTIA	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2005 e 2008	Yves RAIBAUD	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2006	Claire GUIU	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2006	Marie PENDANX	Canova (2015)
2006	Patrick RÉRAT	Canova (2015)
2006	Samuel ETIENNE e Gérôme GUIBERT (sociólogo)	Canova (2015)
2007	Xavier LEROUX	Canova (2015)
2009	Philippe BOURDEAU	Canova (2015)
2009	Claire DUBUS	Canova (2015)
2004 e 2009	Olivier GORÉ	Panitz (2010 e 2016) e Canova (2015)
2014	Olivier SOUBEYRAN	Canova (2015)

Elaborado por: Andrade (2019), com base em Canova (2015) e Panitz (2016).

Voltando à geografia anglófona, como já mencionado, o número de publicações e pesquisas foi grandioso, de acordo com Panitz (2016), os dois percursores foram Nash e Carney (1995) que

[...] avaliam que desde a década de 1960 até 1996, mais de quarenta artigos foram publicados em revistas internacionais e nacionais e quase o mesmo número de *papers* sobre o tema foram apresentados em encontros de geografia e ciências humanas. Eles ainda atribuem à conferência “*The Place of Music*” organizada pelo Instituto de Geógrafos Britânicos e as sessões especiais de geografia da música na Associação de Geógrafos Americanos, ambos realizados na primeira metade da década de 1990, como notáveis indícios da credibilidade da disciplina, considerada pelos mesmos com um subcampo da geografia cultural; essa credibilidade, segundo os autores, também foi corroborada pelas citações dos pesquisadores da área em atlas, enciclopédias, bibliografias, livros-textos de geografia humana e livros acadêmicos (PANITZ, 2016, p.25).

A seguir, o quadro 2 mostra os sete temas de interesse desses trabalhos citados por Nash e Carney (1995) de acordo com Panitz (2015)

Quadro 2: Principais temas de interesses de estudos geográficos sobre música, de Nash e Carney (1995).

(continua)

TEMA	TRATAMENTO
Origens	Desenvolvido por etnomusicólogos e folcloristas, focados na distribuição de instrumentos musicais e regiões musicais
Distribuições e tipos mundiais	Os autores consideram que um dos trabalhos pioneiros foi o do próprio Nash quando da apresentação, no Encontro da União Geográfica Internacional em 1968, de mapas e análises de dezesseis atividades musicais
Análises locacionais	Localização das atividades musicais, como composições, viagens de seus compositores, notadamente abordagens em escala mais restrita, diferentemente da anterior, baseada em generalizações mundiais
Zonas de origem das atividades musicais	Aborda áreas de origem de ritmos ou cenas musicais e sua difusão, bem como o papel das músicas de caráter nacionalista na construção das identidades nacionais.
Tendências baseadas na eletricidade	Os autores falam da importância da eletricidade – pode ser equivalente à 'eletrificação' no caso de instrumentos musicais – para a universalização da música popular, como o <i>jazz</i> , o <i>rock-and-roll</i> , <i>gospel</i> , <i>folk</i> e tantas outras formas que não poderiam ser acessadas sem os meios de comunicação como o rádio e a televisão, nem sem a eletrificação dos instrumentos

Quadro 2: Principais temas de interesses de estudos geográficos sobre música, de Nash e Carney (1995).

(conclusão)

TEMA	TRATAMENTO
Impacto nas paisagens	Analisa o impacto da música no espaço através de fatores econômicos, turismo, acessibilidade e transporte, fatores políticos, formas culturais e implicações sociológicas;
Música global	Esse tema se foca desde guias de músicas do mundo, até as temáticas que ligam a música com aspectos da existência humana e sua relação com o mundo e com a natureza, notadamente abordando a música erudita

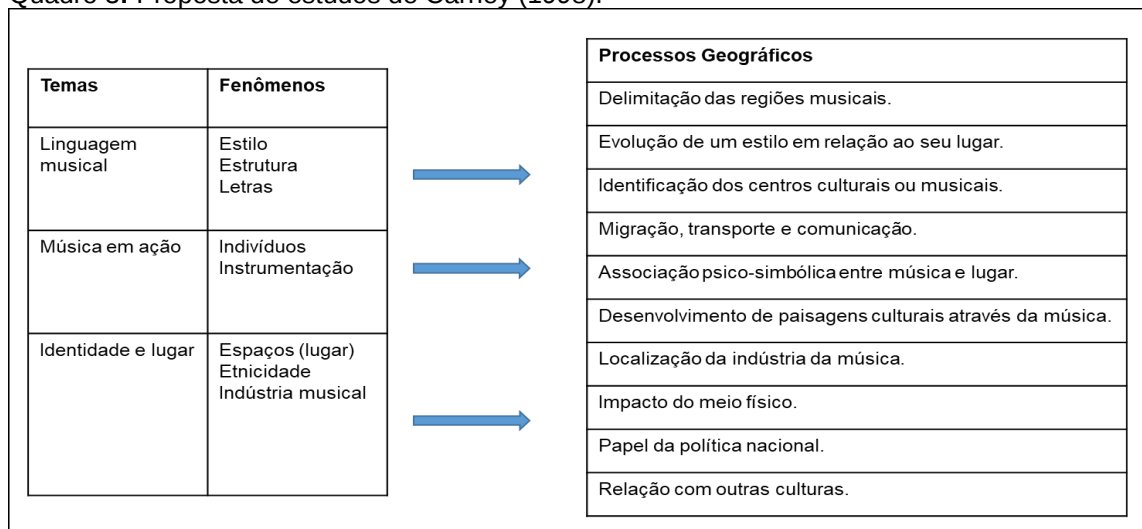
Fonte: Andrade (2019), com base Nash e Carney (1995) citado por Panitz (2015).

Panitz (2016) aponta que inicialmente Carney (1990) indica cinco divisões temáticas de geografia da música, são elas:

1) Percepção – imagens de lugares, senso de lugar, percepção de lugar e consciência de lugar; 2) núcleos culturais e difusão cultural – agentes de difusão, processos, caminhos/trilhas e barreiras; 3) região cultural – formal e funcional, nós e centros; 4) interações espaciais – migração, conectividade, rotas e redes de comunicação; 5) relações homem-ambiente – ecologia cultural. (PANITZ, 2016, p.27).

Um trabalho mais recente é apontado por Díaz Cruz (2015), onde George Carney (1998) apresenta uma proposta metodológica mais diversificada, separando em temas, fenômenos e processos geográficos, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 3: Proposta de estudos de Carney (1998).



Fonte: Dias Cruz (2015), tradução de Andrade (2019).

Uma busca pela renovação da geografia cultural anglófona resultou na concretização do evento “*The Place of Music*” em 1993, que mais tarde deu origem a uma obra reunindo os trabalhos de pesquisadores estadunidenses, canadenses e britânicos, do campo da geografia, da etnomusicologia, da história e dos estudos culturais. Essa coleção de trabalhos, sobretudo criticava as abordagens feitas pelos geógrafos - aqueles inspirados em Sauer - em relação à música, até aquele momento. Na perspectiva dos autores que participaram da obra, deveria haver uma mudança na forma de pensamento, pois, por muito tempo, a geografia se preocupou com o mapeamento de estilos musicais e análise de canções, ao contrário, eles sugerem diferentes abordagens e espacialidades.

Entre os pesquisadores dessa “onda crítica” mais influentes até o momento está a geógrafa Lily Kong, que em seu trabalho “Música Popular”, nas análises geográficas em 1995, faz duras críticas ao pensamento anterior, afirmando haver uma indiferença dos geógrafos pela cultura popular, focando em uma cultura de elite e, com isso, chama os geógrafos de “profundamente elitistas” (KONG, 2009, p.130). A autora “propõe outras possibilidades de abordagens baseadas nos termos da política cultural e as relações de poder na qual está imersa a música” (DIAZ CRUZ, 2015, p.6).

Cinco Eixos temáticos e cinco propostas de métodos de análise indicados pela autora são afirmados por Panitz (2016) a seguir:

Quadro 4:Eixos temáticos propostos por Lily Kong (1995).

EIXOS	MÉTODOS
A análise do simbólico, do significado e dos valores	Análise de conteúdo das letras, os “intertextos” (vídeos, materiais promocionais etc.)
Música como comunicação cultural	A análise da estrutura e estética da tonalidade das canções
Políticas culturais da música	Entrevistas com produtores, músicos e compositores
Economias musicais ou da música	A observação participante
Música e a construção social das identidades	A integração entre dados quantitativos e qualitativos

Fonte: Panitz (2016), sistematizado por Andrade (2019).

Diaz Cruz (2015) afirma que a partir dos anos 2000 houve um *boom* de trabalhos sobre geografia da música com perspectivas bastante variadas. Além

disso, ele apresenta o trabalho dos geógrafos John Connell e Chris Gibson (2003), que propõem cinco eixos temáticos que permitem aprofundar e captar a dimensão espacial da música: I) a música como produto de mercantilização frente à música como arena de significação cultural – simultaneidade entre valor econômico e cultural; II) contraposição da música como fenômeno fixo e seu caráter fluido; III) relação música e lugar; IV) relação música e política do espaço e a identidade; e por fim, V) a relação de escala - local e global. Mesmo reconhecendo a diversidade de abordagens, Diaz Cruz (2015) afirma que uma boa possibilidade de avançar os estudos em geografia da música seria a utilização de abordagens metodológicas de outras disciplinas, por exemplo diálogos entre a geografia e a etnomusicologia.

Correspondente ao *boom* de trabalhos da geografia da música, Panitz (2016) confirma o fértil campo de estudos já realizados, citando os geógrafos Anderson, Morton & Revill (2005), Connel & Gibson (2004), Finn (2009), Florida & Jackson (2009), Gibson (1998, 2009), Hogan (2007), Hudson (2006), Jazeel (2005), Kearney (2008), Kingsburry (2008), Kruse (2004), Revill (2000, 2005), Saldanha (2005), entre outros.

Em relação às pesquisas no restante da Europa e na América Latina (com exceção do Brasil, que será tratado posteriormente), elaborou-se um quadro sistemático (quadro 5) com os autores citados por Panitz (2016), Canova (2015) e Diaz Cruz (2015), desse modo, apresenta-se dez importantes pesquisadores e suas ideias gerais.

Quadro 5: Análise geográfica da música na Europa e América Latina.

(continua)

PAÍS	ANO	AUTOR	IDEIA GERAL	BUSCAR EM:
Espanha	1992	Mercedes ARROYO	Propõe estudar o conjunto social de representações socialmente determinadas que subjazem nas imagens transmitidas pelas obras musicais.	Panitz (2016)
Alemanha	2002 e 2006	Bernd ADAMEK-SCHYMA	Estuda a cena da música eletrônica em Colônia, as relações desta com os movimentos globais e a produção de lugares por meio da cena musical.	Panitz (2016)
Alemanha	2002 e 2009	Boris GRÉSILLON	Esforçou-se em compreender o desenvolvimento de certas músicas urbanas, desde a clássica à tecno, da oficial a underground.	Canova (2015)

Quadro 5: Análise geográfica da música na Europa e América Latina.

(conclusão)

PAÍS	ANO	AUTOR	IDEIA GERAL	BUSCAR EM:
Espanha	2003	Nicolas CANOVA	Estuda o flamenco, afirmando que essa manifestação cultural abarca muito mais que suas dimensões musicológicas, artísticas e culturais.	Canova (2015)
México	2006 e 2013	Rosa Maria Bonilla BURGOS	Estuda manifestações musicais no México, bem como o estudo de toponímias e as funções da música no cotidiano.	Díaz Cruz (2015) e Panitz (2016)
Itália	2007	Stefania BETTINELLI	A cena musical e a cidade de Bologna desde uma perspectiva da geografia humanista, com forte enfoque na paisagem	Panitz (2016)
Portugal	2007	João SARMENTO	Geografia do turismo, estuda os festivais de música e suas potencialidades.	Panitz (2016)
Colômbia	2009	Jessica Rosalba Villamil RUIZ	Estuda o processo de re-territorialização e re-significação de identidade coletiva por parte dos músicos migrantes de zonas rurais em Bogotá.	Díaz Cruz (2015) e Panitz (2016)
Argentina	2009	Silvia VALIENTE	Estuda discursos de identidade territorial nas melodias do cancionero folclórico do norte argentino, em Salta e Santiago del Estero	Díaz Cruz (2015) e Panitz (2016)
Chile	2010	Manuel Tironi RODÓ	Estuda a indústria criativa que possui uma espacialidade distinta, com práticas múltiplas, móveis e eventuais, que não são apreendidas pelas teorias econômicas de análise locacional tradicionais	Panitz (2016)

Elaborado por: ANDRADE, A (2019).

Além dos trabalhos latino-americanos, Díaz Cruz (2015) aponta outros autores que discutem a temática em questão, mesmo não sendo todos geógrafos, o autor os apresenta como importantes para o desenvolvimento das pesquisas, bem como possibilidades de abertura de diálogo interdisciplinar, são eles: Susan J. Smith (1994), que trabalha com a paisagem sonora; David Sadler (1997), que estudou a geografia econômica da música; o antropólogo Peter Wade (2000), que estudou a música tropical na Colômbia, música popular em diferentes escalas e espacialidades; o professor de música Ian Cross (2003), que aponta que a música só pode ter sentido se compreendida através de atos de interpretações culturalmente situadas e localizadas; a professora de sociologia Tia Denora (2003; 2005), que analisa os textos musicais e as vozes focando no espaço e tempo; Martin Stokes (2004), que estuda música e lugar/ música e política do espaço e identidade; Alexander Weheliye (2005), que estuda os sons africanos e a *black music*; e

Jonathan Sterne (2012), que estuda as transformações na cultura sonora especialmente na modernidade; e o etnólogo cubano Fernando Ortiz (1947; 1998), que faz aproximação com a geografia através do conceito de transculturação, trazendo para o debate “uma visão dinâmica de cultura” (2015, p.15).

Esse levantamento deixa claro que mesmo que estejamos na chamada ‘era digital’ ainda há dificuldades de comunicação e divulgação das informações, como apontou Panitz (2016), sobre a dificuldade na busca de referencial teórico francês. Nesse caso foi citado apenas um país, mas quantos outros estudos podem estar sendo desenvolvidos por todo o planeta que ainda não foram divulgados? Desse modo, a crítica a ser feita é em relação à organização e sistematização das pesquisas, mesmo com o acesso ilimitado de dados, a falta de organização nos bancos de dados acaba impossibilitando a abertura de novas perspectivas científicas.

Ainda, é possível compreender através dos apontamentos desses autores que existe um rol de possibilidades de relacionar a música numa perspectiva geográfica muito grande, que está mais do que confirmado que a música produz suas espacialidades, assim como existem espacialidades que são produzidas através da música e ela tem um papel dinâmico na produção do espaço.

1.2 Estudos brasileiros envolvendo a relação entre Música e Geografia

As pesquisas sobre música na geografia brasileira vêm crescendo desde a dissertação de João Baptista Ferreira de Mello (1991) e sua tese (2000), que é considerado o precursor do tema no país.

Considerando a classificação feita anteriormente por Panitz (2016) e adicionando teses e dissertações defendidas até o ano de 2018, foi encontrado um total de setenta e duas pesquisas sobre a geografia da música. Desse total, doze se encaixam na Geografia Humanista, através de uma vasta gama de possibilidades, muitos dos autores seguindo o caminho de Mello (1991; 2000):

Nesta abordagem temos o espaço vivido, geograficidade e o lugar como conceitos centrais de análise. Pelo fato de que esta corrente de pensamento geográfico desenvolveu tradicionalmente diversos estudos de obras literárias, nota-se um foco principal no tratamento dos significados construídos através das letras das canções. (PANITZ, 2016, p.42).

Quadro 6: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018 na Geografia Humanista.

ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
1991	João Baptista Ferreira de MELLO	O Rio de Janeiro dos compositores da música Popular Brasileira- 1928/1991- Uma introdução a Geografia Humanista	M	UFRJ	Geografia; humanismo; espaço; lugar; música popular
2000	João Baptista Ferreira de MELLO	Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade- o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos	D	UFRJ	Geografia Humanística; Lugar; espaço; indivíduo
2006	Claudia Regina Vial RIBEIRO	Espaço-vivo: as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos	D	PUCMG	Geografia Humanística; arquitetura; Urbanismo
2007	Ana Carolina Viana GUIMARÃES	Alegorias, requebras, memórias e construção dos lugares do carnaval carioca	M	UERJ	Geografia humanística; Carnaval; Rio de Janeiro; Espaço
2009	Michel Rosadas DOS SANTOS	Nascentes e Tributários de um Rio Musical – Salve Estácio, Cidade Nova e a Praça Onze dos Bambas! A Vila de Noel "...só quer Mostrar que faz Samba Também...		UERJ	Samba; Rio de Janeiro; Geografia Humanística
2010	Alexandre Moura PIZOTTI	Mangureira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes	M	UERJ	Geografia humanística, Cultura popular; Mangureira; Rio de Janeiro
2011	Melissa Souza DOS ANJOS	Lugares e personagens do universo buarqueano.	M	UERJ	Geografia Humanística; Lugar; Música; Subjetividade
2014	Henrique Albiero PAZETTI	A Região do Médio Tietê e os Primeiros Acordes Paulistas: o Cururu	M	UNESP-RC	Geografia Humanista; Cultura Caipira; Lugar; Paisagem; Geograficidade
2014	Thiago Rodrigues GONÇALVES	O Lugar-Samba no Bixiga: Memória e Identidade	M	UNESP-RC	Geografia Humanista; Samba paulista; Vai-Vai; Permanência da memória
2016	Gustavo Henrique de Abreu SILVA	A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradada	D	UFPR	Geografia, música, paisagem, paisagem musical, relação
2016	Melissa Souza DOS ANJOS	Cem anos de samba em bronze e selfies em um rio monumental	D	UERJ	Geografia Humanista; Esculturas; Símbolos; Samba; Memória; Selfie; Rio de Janeiro
2018	Dalila Naiara Costa Henrique DA SILVA	Migração, música e lugar: identidade territorial representada pela cultura musical do migrante interestadual em Manaus	M	UFAM	Lugar, Identidade, Migrante, Representação, Cultura Musical

Elaborado por: Andrade (2019) baseado em Panitz (2016).

Na segunda classificação aparecem seis trabalhos envolvendo a música no ensino de geografia, tanto sob a ótica da Geografia Humanista, quanto da Geografia

Cultural Social. Entretanto, o foco é voltado ao aprendizado através de análises de letras de canções e a visões de mundo retratadas pela música.

Quadro 7: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018 no ensino de Geografia.

ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2009	Marcos Antonio CORREIA	Representação- a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas	M	UFPR	Geografia Escolar; Música; Mapas Mentais
2012	Carlos Geovani Ramos MACHADO	O Ensino de geografia e o Hip Hop	M	UFRGS	Ensino de Geografia; hip hop; lugar; território; complexidade
2012	Anedmafer Mattos FERNANDES	O lugar e o som: estudo geográfico da "música guarani" – reflexões a partir do ensino	M	UFGD	Ensino de Geografia; Identidade Territorial; Ritornelo.
2016	Anedmafer Mattos FERNANDES	Outras imaginações espaciais: experimentações e derivas entre sons e imagens no ensino de geografia	D	UFGD	Espaço; Território; Imaginação; Ensino de Geografia
2018	Eluana Carvalho da SILVA	A geograficidade dos alunos da EJA percebida na música como representação do lugar Manaus-AM 2018	M	UFAM	Música, Percepção, Brasil, Lugar.
2018	Karen da Silva SOARES	O ensino da geografia permeando territorialidades juvenis pela música	M	UFRS	Geografia. Práticas pedagógicas. Música. Territorialidades

Elaborado por: Andrade (2019) baseado em Panitz (2016).

O maior número de trabalhos aparece na classificação de Panitz (2016, p.42) como sendo em Geografia Cultural-Social, com variados interesses e tratamentos teóricos que tem aproximação com a música: "a música como um elemento que envolve produção do espaço, uso do território, criação de identidades e territorialidades".

Quadro 8: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018, na Geografia Cultural-Social.

(continua)

ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2001	Gisele Santos LAITANO	Os territórios, os Lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no Movimento Hip Hop, no Bairro Restinga, em Porto Alegre, RS	M	UFRGS	Território, lugar, subjetividade, hermenêutica
2001	Glauco Vieira FERNANDES	A territorialidade sertaneja no cancionário de Luiz Gonzaga	M	UECE	Luiz Gonzaga; territorialidade
2001	Nelson Nobrega FERNANDES	Festa, cultura popular e identidade nacional. As escolas de samba do Rio de Janeiro (1928-1949)	D	UFRJ	Geografia Cultural; cultura popular; festa popular
2002	Luiz Felipe FERREIRA	O lugar do carnaval: Espaço e poder na festa carnavalesca no Rio de Janeiro, Paris e Nice (1850-1930)	M	UFRJ	Carnaval; festa; lugar; Rio de Janeiro; Nice; Paris

Quadro 8: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018, na Geografia Cultural-Social.

(continuação)

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2002	Nilo Americo Rodrigues Lima DE ALMEIDA	Do território dos Sentidos ocupados à sintonia com o entorno - um canto para a música na Geografia	M	USP	Música popular, geografia, cultura, uso do território
2005	Denise Prates XAVIER	Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop		UNESP-RC	Globalização; periferia; movimento hip hop
2005	Glauco Bruce RODRIGUES	Geografias insurgentes: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano através das práticas do movimento Hip Hop	M	UFRJ	Espaço geográfico; movimento hip hop; olhar geográfico;
2005	Marcelo Pereira Matos	O Rio de Janeiro das Escolas de Samba: Lugar, Identidade e Imagem Urbana	M	UNESP-RC	Carnaval, lugar, identidade, imagem
2006	Denilson Araujo de OLIVEIRA	Territorialidades no Mundo Globalizado: outras leituras de Cidade a partir da cultura Hip Hop	M	UFF	Hip Hop, Estratégias Territoriais
2006	Paola Verri de SANTANA	Maracatu: a centralidade e a periferia	D	USP	Periferia, centralidade, Maracatu, Recife Pernambuco-Brasil
2007	Nanci FANGIOTTI	O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo	M	USP	Carnaval, uso do espaço, periferia, urbanização
2008	Alexandro Francisco CAMARGO	Festas rave: uma abordagem da geografia psicológica na identificação de territórios autônomos	M	UFMT	Geografia Psicológica, festa rave, Zona autônoma temporária
2008	Cristiano Nunes ALVES	O circuito sonoro: radiodifusão FM e produção fonográfica em Campinas / SP	M	UNICAMP	Uso do Território; informação, Música
2008	Vanir de Lima BELO	O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo	M	USP	Carnaval. Cidade, Cultura, Escolas de Samba, São Paulo
2009	Alessandro DOZENA	As territorialidades do samba na cidade de São Paulo	D	USP	Territorialidades, samba, história, São Paulo, urbanização
2009	Daniel de Castro Fernandes COELHO	Heitor Villa-Lobos: a espacialidade na alma brasileira	M	UFRJ	Geografia Cultural; Villa Lobos; interpretação; música
2009	Gustavo Henrique de Abreu SILVA	O espaço vivido da cantoria nordestina em Porto Velho-RO	M	UFRO	Espaço vivido da Cantoria Nordestina, identidade, geografia cultural, geografia humanista, lugar, representações, toponímia.
2009	Marcos Alberto TORRES	A paisagem sonora da ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço	M	UFPR	Paisagem sonora; fandango; percepção; memória
2010	Clarissa Valadares XAVIER	Festas e micaretas- a mistura elétrica da alegria: pelas vias, veias culturais e modelagem turística	M	UFG	Carnaval, festas, espaço, cultura, micareta
2010	Lucas Manassi PANITZ	Por uma geografia da Música - o espaço geográfico da música popular platina.	M	UFRGS	Espaço platino; templadismo; estética do frio; representações do espaço
2011	Juliana Cunha COSTA	Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural soteropolitana	M	UFBA	Música eletrônica; Carnaval; Raves; Segregação; Espaço Urbano

Quadro 8: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018, na Geografia Cultural-Social.

(continuação)

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2011	Bruno PICCHI	De homens e caranguejos aos caranguejos com cérebro: a região cultural do Movimento Manguebit e o Recife contemporâneo	M	UNESP-RC	Movimento Manguebit; Região; Cultura; Cidade; Música; Região
2011	Fernando Lucci Resende de SOUZA	Composição urbana, ritmos e melodias de uma geografia de vida, Villa-Lobos o moderno compositor carioca: Na trilha dos Choros	M	UFF	Ciência geográfica; geobiografia; Heitor Villa Lobos; Choros
2012	Célio Jose dos SANTOS	As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana: um estudo a partir do lugar	M	UFBA	Lugar; Juventude; Hip hop; apropriação.
2012	Marco Antônio MARTINS JUNIOR	Foi um rio que passou em minha vida: Portela representações e sustentabilidades em Madureira	M	PUC-RJ	Samba; escolas de samba; representações; lugar
2012	Denise Prates XAVIER	As Ações do Movimento Hip Hop no Espaço Urbano de Rio Claro/SP	D	UNESP-RC	Movimento Hip Hop. Rio Claro. Espaço urbano
2012	Ana Lúcia TEIXEIRA	A Geografia Brasileira em Villa-Lobos.	M	UERJ	Geografia histórica; Geografia material brasileira
2012	Renan Lélis GOMES	Território Usado e Movimento Hip Hop: cada Canto um Rap, cada Rap um Canto	M	UEC	Região; hip-hop; rap
2012	Villy CREUZ	Compassos Territoriais: os circuitos da economia urbana na música em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Goiânia	M	USP	Circuitos da economia urbana; técnica; cidades; música
2013	Carolina Deconto VIEIRA	O diálogo entre espaço e música na geografia: a espacialidade musical da sinfonia n. 09 de Antonin Dvorak	M	UFPR	Geografia da Música; Sinfonia "do Novo Mundo"; Nacionalismo; Romantismo; políticas culturais.
2013	Luiz Henrique dos SANTOS	As letras de Rap do movimento hip hop como desdobramento do processo de segregação sócio-espacial: Antigamente quilombos, hoje periferia.	M	UNESP-RC	Movimento hip-hop, Rap, Globalização, periferia.
2014	Iuri Daniel BARBOSA	Das raízes às ramagens: quatro troncos na construção de uma música missioneira	M	UFRGS	Geografia Cultural. Música e Geografia. Música Missioneira. Missões. Música Regional do Rio Grande do Sul.
2014	Sheila Cristina Panigassi Tamburu Ortega RUMI	Geografia e música: leituras geográficas da construção da identidade brasileira através da música	M	PUC-SP	Industrialização, Música, Arte, Estado Novo, Tropicalismo Getúlio Vargas, Identidade Nacional
2014	Cristiano Nunes ALVES	Os Circuitos e as Cenas da Música na Cidade do Recife: o Lugar e a Errância Sonora	D	UNICAMP	Uso do Território; Recife; Música; Lugar; Comunicação
2014	Nina Puglia OLIVEIRA	Análise socioespacial do mercado de música de Brasília-DF	M	UnB	Brasília; cadeia produtiva da música; elementos espaciais
2014	Rodrigo Alves Pinto MILIONE	O Capitalismo Cognitivo-Cultural na Lapa: o consumo da música ao vivo, um produto cultural	M	UERJ	Capitalismo Cognitivo-Cultural. Lapa (Rio de Janeiro). Consumo Cultural. Música.
2014	Beatriz Helena FURLANETT O	Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso	D	UFPR	Geografia emocional; paisagem cultural; paisagem sonora; cultura paranaense; boi-de-mamão.

Quadro 8: Trabalhos sobre Geografia e música em PPG's de Geografia no Brasil de 1991 a 2018, na Geografia Cultural-Social.

(conclusão)

ANO	AUTOR	TÍTULO	ÍVEL	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
2014	Higor Marcelo Lobo VIEIRA	Trajetórias individuais e processos coletivos do rap indígena: territórios e territorialidades do grupo BRÔ MC'S	M	UFGD	Espaço; rap indígena Guarani-Kaiowá; Dourados.
2014	Raphael de Carvalho ARANHA	A geografia do turismo do Estado do Rio de Janeiro: conservatória um estudo de caso	M	PUC-SP	Regionalização do turismo, Serestas, Turismo cultural
2015	Gustavo da Silva DINIZ	Atividades Criativas e Desenvolvimento Territorial: Música, Território e Criatividade em Tatuí – SP	M	UNESP-RC	Cidades Criativas; Música, Cultura; Território
2016	Gustavo Henrique de Abreu SILVA	A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradeira	D	UFPR	Geografia, música, paisagem, paisagem musical, relação
2016	Bruno Mendes MESQUITA	As praças do rock underground na cidade de São Gonçalo: a importância da centralidade para o desenvolvimento de uma cena cultural	M	UFF	Cultura rock underground, Território-rede, Centralidade, Praça Chico Mendes e Praça Zé Garoto.
2016	Cleison Leite FERRERA	A geografia do maracatu-nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo	D	UnB	Maracatu-Nação, grupos de maracatu, globalização, dinâmicas espaciais, identificação cultural.
2016	Lucas Manassi PANITZ	Redes musicais e [re]composições territoriais no prata: por uma geografia da música em contextos multi-localizados	D	UFRGS	Geografia da Música; redes musicais; espaço platino; recomposição territorial; música popular platina.
2017	Tiago Lins de LIMA	Lugar e Memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba	M	UFRO	Música; lugar; memória.
2017	Victor Hugo Morais FREITAS	ESPAÇO SERTANEJO A música sertaneja cantando o espaço geográfico	M	UFGO	Música Sertaneja, Rural, Urbano, Espaço.
2017	Rafael SCHOENHERR	A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural	D	UEPG	Fotojornalismo. Música. Espaço público. Paisagem. Jornalismo Cultural
2017	Deise Caroline Trindade LORENSI	Geografia cultural e música gaúcha: a construção da paisagem cantada da 13ª região tradicionalista do Rio Grande do Sul	M	UF Santa Maria	Identidade cultural. Paisagem cantada. Nativismo.
2017	Rafael Cordeiro da CRUZ	Territorialidade autônoma, utopia e geografia decolonial para o direito à cidade: um ensaio sobre o carnaval de rua no Rio de Janeiro	M	UFRRJ	Autonomia; Carnaval; Territorialidades autônomas
2017	Marcio Luis Alves PAIVA	Cidade e "dramas": entre a festa e o festival - jazz e blues em Guaramiranga – Ceará	D	UFF	Cidade. Cultura. Festa. Festival. Guaramiranga
2018	Felipe Giordano Azevedo da SILVA	Marapanim Terra do Carimbó: Ensaios de Geografias e Culturas	M	UFPA	Carimbó, Marapanim, Território Carimbó, Produção do espaço e modernidade
2018	Mauricio MOYSES	Circuito rap do Distrito Federal: território usado e lugar	M	UNICAMP	Território usado; circuito fonográfico; RAP; Distrito Federal.
2018	Elcio cleverson SKULNI	Os músicos de rua na paisagem sonora do calçadão da rua XV de Novembro em Curitiba/PR.	M	UFPR	Músicos de rua, paisagem sonora, espaço público.
2018	Rafael Florencio da SILVA	A construção já é ruína - A tropicália de Caetano Veloso sob o processo de modernização do território brasileiro	M	USP	Território; Indústria Cultural – Modernização – Música – Cultura

Elaborado por: Andrade (2019) baseado em Panitz (2016).

Percebe-se que há apenas o trabalho de Schoenherr (2017) relacionando a música ao espaço público e o trabalho de Skulni (2018) que ao tratar dos músicos de rua supõem tratar-se também de espaços públicos. E apenas o trabalho de Paiva (2017) que fala especificamente sobre o estudo de festivais, que chega mais próximo da presente pesquisa que trata de eventos musicais em espaços públicos.

Conclui-se através desse levantamento e sistematização dos dados, que diferentemente das pesquisas anglófonas e francesas, no Brasil há heterogeneidade de abordagens, desde a interpretação das letras de canções no ensino de geografia até estudos sobre circuitos e redes, sobre estilos musicais específicos como samba e rap, bem como a percepção do lugar e da paisagem sonora. A seguir, apresenta-se uma reflexão do que seria a música, exercício importante para compreender os motivos que levam as pessoas a apresentações ao vivo.

1.3 Música: arte, técnica e produto

Essa pesquisa trata de estudar a música por meio de uma abordagem geográfica a partir de uma análise do espaço público. Para tanto, parte-se do princípio de que música é arte, produto social e também mercadoria.

Um dos estudiosos mais reconhecidos em pesquisas sobre o som, a música e a paisagem sonora é Raymond Murray Schafer, compositor e autor canadense, que nos instiga a pensar na variedade de sons presentes no dia a dia, desde os sons feitos pelos pássaros, ao tic-tac dos relógios. Da mesma forma, busca demonstrar em suas pesquisas, como os sons que compõem as paisagens sonoras vêm se modificando à medida que o ambiente é alterado por fenômenos físicos e sociais, e como todos os sons são passíveis de ser compreendidos pelo domínio da música.

De acordo com Schafer (2001), a definição de música tem, nos últimos anos, sofrido mudanças profundas, uma delas foi a afirmativa de que a música seria os sons a nossa volta, contudo, essa definição foi derrubada pelos próprios músicos que perceberam a profusão das atividades por eles desenvolvidas; pela expansão dos instrumentos musicais, entre eles os de percussão; pela introdução de procedimentos aleatórios que visam organização dos sons; aberturas de espaços-temporais (salas de concerto); prática da música concreta inserindo qualquer som

ambiental na composição por fitas; e por fim, a música eletrônica que traz consigo uma gama inimaginável de possibilidades de combinações de sons através da tecnologia.

O autor clarifica que existem duas ideias básicas do que seria a música. A primeira ideia⁶ demonstra a música como emoção subjetiva, irrompida do peito do homem, um som interno, irracional, que emprega recursos expressivos e é, sobretudo, a expressão musical do artista romântico; e na segunda ideia⁷, a música é o resultado da descoberta das propriedades sonoras dos materiais do universo, é o som externo lembrando a harmonia do universo, ela é exata, serena e matemática, buscando harmonizar o mundo pelo projeto acústico (SCHAFER, 2001).

Já para José Miguel Wisnik (1989), pianista, compositor e professor de literatura brasileira na USP, a música é a própria extração do som ordenado e periódico do meio turbulento dos ruídos, ela junta padrões de recorrência e constância com acidentes que os desequilibram e instabilizam, fazendo com que os sons aconteçam um após o outro, mas, ao mesmo tempo juntos, são ritmados, diversos, contínuos ou descontínuos; ela não nomeia coisas visíveis, toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo, sendo capaz de provocar as mais apaixonantes adesões e as mais repulsivas recusas, ela encarna uma espécie de infraestrutura rítmica dos fenômenos (de toda ordem).

Embora Schafer (2001) não apresente literalmente o conceito de música, como faz Wisnik (1989), em várias passagens de sua obra *A Afinação do Mundo*, é notável que ele distingue a música como uma complexa organização dos sons, se referindo “a música como uma busca das influências harmonizadoras dos sons do mundo sobre nós” (SCHAFER, 2001, p. 22), o que vai ao encontro do apontamento de Wisnik (1989).

A música é um fenômeno importante na sociedade atual, que está estritamente ligada a expressões culturais, possui significados múltiplos, podendo assim constituir importantes e necessárias investigações geográficas a partir de uma abordagem cultural, pois, de acordo com Oliveira Pinto (2001).

⁶ Mito das Doze odes píticas, a arte de tocar o *aulos* (instrumento de palheta dupla, bem conhecido na Grécia antiga) inventada após a decapitação de Medusa que comovida cria melodias inalteráveis às quais se atribuía influência mágica (SCHAFER, 2001, p. 21).

⁷ Lira inventada por Hermes pela percepção da ressonância de sons que saídos da carapaça de uma tartaruga (SCHAFER, 2001, p. 21).

Música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural. (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 223).

O conceito citado anteriormente provém da antropologia da música, que permite estudá-la em seu contexto cultural, ou dela mesma como uma forma de cultura. Uma visão antropológica da música permite-nos compreender que ela se define como um meio de interação social, produzida por especialistas, que seriam os produtores, para outras pessoas que são os receptores; ela é um saber aprendido organizando os sons de uma forma simbólica de comunicação entre indivíduo e o grupo, desse modo, aqueles que se interessam em estudar a música através dessa perspectiva, precisam compreender também conceitos culturais (OLIVEIRA PINTO, 2001). Percebe-se que o enfoque é diferente daquele dado através do estudo da música como técnica possível apenas para aqueles que são músicos e musicistas. É através da primeira perspectiva que a presente pesquisa tem como proposição a música como componente, condição e reflexo de experiências vividas no espaço público na cidade de Ponta Grossa.

1.3.1 Transformações da música e dos sons a partir da Revolução Industrial

A música, como elencado anteriormente, é um bem cultural, bastante consumido pela sociedade. Conscientemente, quando é procurada, quando há a intenção dessa usufruição; ou inconscientemente, quando a música se apresenta para as pessoas (em alguns casos bem-vinda e outras, não) em ambientes abertos e fechados: lojas, restaurantes e bares, carros, veículos de propaganda na rua, músicos de rua, etc. Enquanto produto social, está presente em comemorações, ritos sagrados, eventos esportivos e etc. Ela reflete, influencia e produz percepções particulares e coletivas sobre os lugares, produz memórias, conta histórias de vida ou períodos históricos; pode ser libertadora ou alienadora, proporciona uma gama variada de emoções, tem lugar significativo na economia e na vida das pessoas, pode ser considerada patrimônio imaterial pela UNESCO (exemplo do reggae

jamaicano) e manifesto político⁸. Observando essa conjectura é legítimo o crescente interesse dos geógrafos (e demais pesquisadores das Ciências Sociais, especialmente das Artes) em pesquisá-la.

Schafer (2001) explica que é difícil para as pessoas, principalmente os jovens do século XXI, entender as mudanças ocorridas com a música. Mas, paralelo ao entendimento do que ocorre com a música, é necessário entender o que ocorre com a paisagem sonora, pois a música é componente e composição da mesma.

Para Schafer (2001), a paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não vistos, consiste em todos os sons de um ambiente, qualquer que seja sua natureza, através dela há a diferenciação dos lugares, pois, existem lugares que apresentam sons singulares inexistentes em outros pontos do mundo. Além disso,

As paisagens sonoras participam da construção das identidades dos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores, o que contribui para a perpetuação dos valores culturais, das falas e sotaques, dos gostos musicais, das experiências e vivências, e na evocação de paisagens da memória e da imaginação, o que reforça valores existentes em cada indivíduo e em cada grupo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (TORRES, 2014, p. 43).

A partir das mudanças socioespaciais ocorridas no decorrer da história, os ambientes passaram de uma paisagem sonora *hi-fi* para *lo-fi*, isso ocorreu a partir de três períodos de mudanças apontadas por Schafer (2001), são elas: natural, rural e pós-industrial, este subdividido em revolução industrial e revolução elétrica. Assim: a) a paisagem sonora natural é aquela que compreende os sons “puros” da natureza; b) paisagem sonora rural remete aos sons produzidos fora da área urbana, envolve os sons do campo com a presença humana e ao seu trabalho (maquinários e tratores); c) a paisagem sonora pós-industrial se apresenta com a revolução industrial, novos sons passaram a existir no espaço, há o aumento de sons criados e vivenciados pela humanidade, e após a revolução elétrica, “como denominou Schafer, o último momento de sua classificação da história da paisagem sonora, que possibilitou a amplificação, o acondicionamento e a reprodução dos sons” (TORRES, 2014, p. 49).

⁸ Exemplos como as músicas Sunday Bloody Sunday da banda U2, Pigs (Three Different Ones) da banda Pink Floyd, Boca de Lobo de Criolo. Esses são poucos exemplos, mas pelo mundo todo existem bandas e músicos engajados através da música a denunciar as injustiças sociais, a corrupção, crimes ambientais entre outras questões.

Como o autor afirma, antes das transformações socioespaciais que mudaram a vida em sociedade, não apenas na forma de organização do trabalho, econômica e ambiental, mas, também, para as paisagens sonoras, os sons poderiam ser ouvidos separadamente já que não havia uma gama infinita de ruídos, e a sobreposição de sons era menos frequente, o ouvinte poderia escutar sons em grande distância o que caracterizava uma paisagem sonora *hi-fi*.

No princípio todos os sons eram originais. Eles só ocorriam em determinado tempo e lugar. Os sons, então, estavam indissoluvelmente ligados aos mecanismos que o produziam. A voz humana somente chegava tão longe quanto fosse possível gritar. Cada som era individual, único. (SCHAFFER, 2001, p.133).

A partir dessas mudanças, o autor supracitado afirma que o indivíduo moderno descobriu o poder da áudio-analgesia, que é o uso do som e da música como um analgésico e distração, o que antes era figura – como uma coleção de sons desejáveis, exigindo-se uma dedicação especial em ouvi-la – passa a ser fundo, o que antes era uma arte sagrada passa a ser uma ‘baboseira’. A visão do autor é crítica, não de forma negativa ou positiva, já que o mesmo estuda a paisagem sonora e suas transformações, entretanto, como não é o foco dessa pesquisa, buscou-se apresentar essa perspectiva com o intuito de salientar que a música faz parte de um complexo processo socioespacial, à medida que as sociedades mudam suas organizações a música pode mudar junto, sua forma de ser produzida, ouvida e disseminada.

1.3.2 Mudanças na produção, consumo e disseminação da música

Até o momento apresentou-se a mudança ocorrida com a paisagem sonora e, simultaneamente, com a música, através de processos históricos globais, sendo um deles o grande marco, a Revolução Elétrica. A partir daí, o ser humano passou a criar inúmeras formas de propagar a música em ambientes abertos e fechados, individualmente e coletivamente, misturando sons de instrumentos musicais com sons que provêm de objetos e materiais que antes eram descartados pela música. Há a produção de ruídos com base em máquinas sonoras, que a partir de técnicas e

aparelhos misturam-se com sons afinados dando origem a dois tipos específicos de músicas inventadas nesse século, que Wisnik (1989, p. 47), chama de “música concreta” e a tão popular “música eletrônica”, que vem nos últimos anos arrastando multidões em festivais pelo mundo todo.

Conter (2016, p. 61) contribui com o diálogo a partir da reflexão de que na medida em que vão surgindo novos e complexos aparelhos tecnológicos, a relação do indivíduo com o meio se torna mais superficial, “no sentido que essa relação se dá através de superfícies tecnológicas, como os monitores, as fotografias, as paredes pichadas, as telas sensíveis ao toque, televisores, celulares e por aí adiante”. Afirmo ainda que

[...] como ouvintes, não fazemos ideia de como um conjunto de zeros e uns podem converter-se em uma música, mas essa conversão é instantânea para nossa percepção, e assim, anulamos o longo caminho entre o apertar um botão e ouvir os sons que o computador faz emanar de alto-falantes ao processar dados. A bem da verdade, quando ouvimos registros fonográficos, pouco nos preocupamos em desvendar o que ocorre nas caixas pretas, sejam elas os *softwares* que rodam o MP3, toca-discos ou leitores de fita cassete. O grau de realismo, independentemente de ser maior ou menor, é nada mais que um passe de mágica tecnológico (CONTER, 2016, p.107).

Presume-se que o ouvinte é um ser quase alienado, não apenas da produção da música que está ouvindo, mas do modo de produção da tecnologia que permite a apreciação da mesma. Os indivíduos, na grande maioria, estão acomodados com as facilidades que as tecnologias proporcionam, não se importando com o processo, apenas com o resultado, ou seja, não importa como a música foi feita nem como ela chega até os ouvidos, o importante é ouvi-la⁹.

A música, assim como quase todo bem cultural, passa a ser produzida e reproduzida em série, a ter valor monetário na indústria, e ser comercializada. O que antes era apenas uma arte, agora é um produto comercial, tanto em formatos físicos (LP, K7, CD etc.) ou em formato digital. De acordo com Leão e Nakano (2009) são quatro os processos envolvendo-a:

⁹ Desse ponto poderia se desdobrar outras reflexões e debates como o caso da pirataria e dos colecionadores e apreciadores de vinil, que não vem ao caso aprofundar-se no momento, mas que é importante citar para demonstrar mais uma visão geográfica sobre o tema, já que a pirataria digital é um fenômeno desse século.

Criação: envolve a busca de novos artistas, a criação da música propriamente dita e o desenvolvimento dos estilos musicais, incluindo também seu registro e as relações de direitos autorais;

Produção: envolve o registro da música criada em algum suporte físico ou digital, além de atividades de pós-produção, como mixagem e masterização;

Distribuição: envolve os meios de levar a música produzida ao mercado consumidor, seja a distribuição física, por meio de cadeias de lojas e revendedores, ou virtual, por meio de sistemas de venda ou compartilhamento de músicas online;

Divulgação: envolve os processos de divulgação visando à venda da música produzida, seja veiculando a música por meio de rádio, televisão e cinema, como também pelo desenvolvimento e exposição dos artistas e músicos na mídia ou pela realização de turnês e apresentações ao vivo. (LEÃO; NAKANO, 2009, p.13).

Assim sendo, pode-se afirmar que nunca foi tão fácil reproduzir música, pois as gravações sonoras estão disponíveis nas redes digitais, artistas que antes eram descartados pelas grandes gravadoras hoje têm seus trabalhos apresentados a quem tiver interesse através dessas mesmas redes. Atualmente a facilidade de gravar, editar e divulgar um 'álbum' a custo mínimo é grande, facilitando que as barreiras, antes impostas pelos gerenciadores dos negócios artísticos, sejam derrubadas entre o artista e os fãs. É o que explica Silveira (2009):

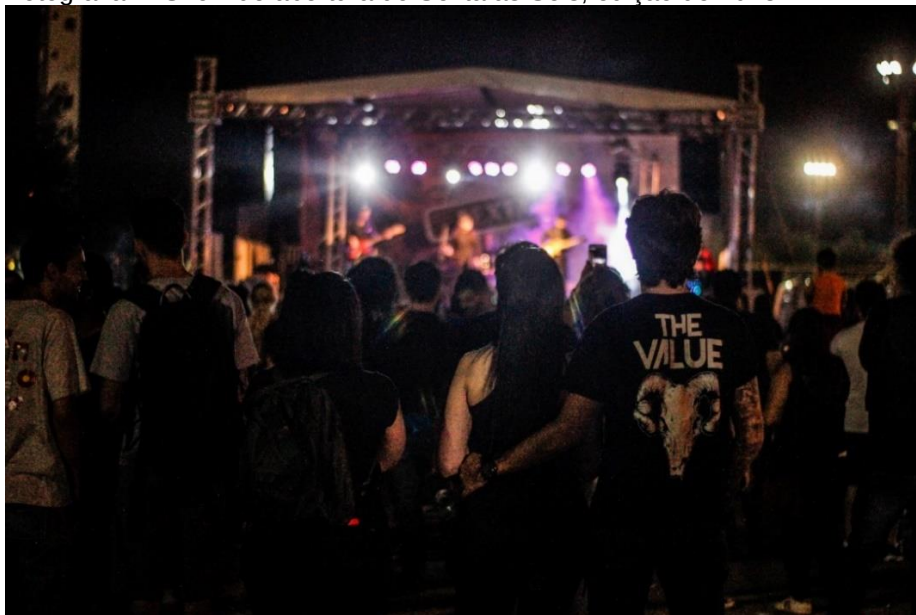
O sucesso depende mais da qualidade do que da capacidade de articular e gerenciar negócios artísticos [...] A indústria fonográfica e os controladores das grades de veiculação musical nos rádios e TVs agora enfrentam as redes P2P, os blogs, os videologs, o *YouTube* e os *audiocasts*. Na mesma rede em que baixam suas canções preferidas, os amantes da música podem consultar quem são os novos talentos não somente lendo os blogs das pessoas em que confiam, mas também indo até os sites dos músicos e bandas que pretendem conhecer. Podem acessar as comunidades de fãs de um músico nas redes de relacionamento, mesmo que nunca ninguém em sua cidade, estado e até país já tenha ouvido falar nele. (SILVEIRA, 2009, pp. 27- 28).

Esse cenário mostra que as redes digitais têm dado poder aos músicos e que hoje o sucesso destes depende mais da qualidade do que dos intermediários culturais (empresas fonográficas). De acordo com Silveira (2009, p. 28), “as redes digitais também estão ampliando o espaço da diversidade de estilos para a música da forma como nunca ocorreu em todo o período de expansão das formas de reprodutibilidade analógicas” e o meio digital está devolvendo à música a ubiquidade que o mundo industrial, com suas finalidades mercantis, tentou tirar.

Apesar de toda facilidade de encontro com a música pelas redes digitais e pelo custo baixíssimo do *download*, há a inquietação de saber do motivo pelo qual

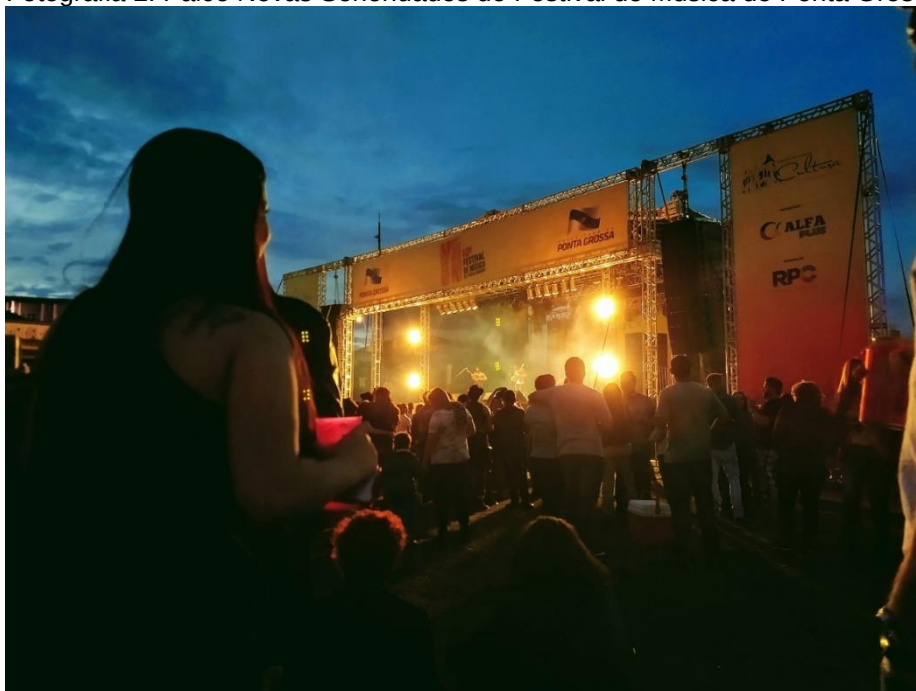
as pessoas têm cada dia mais procurado participar de festivais e eventos musicais. As imagens a seguir (imagens 1 e 2) foram retratadas durante os eventos “Sexta às Seis” e Festival de Música de Ponta Grossa – objetos de estudo desta dissertação. Ambas demonstram um número significativo de pessoas, e também a diversidade das mesmas que comparecem e movimentam os espaços públicos durante as apresentações.

Fotografia 1: Show de abertura do Sexta às Seis, edição de 2018.



Fonte: SEMENSATI, Marina (2018).

Fotografia 2: Palco Novas Sonoridades do Festival de Música de Ponta Grossa, edição 2018.



Fonte: A autora (2018).

Finalmente, será que a reprodução de músicas em casa ampliou o encontro entre fã e artista, ou as pessoas estão buscando experiências diferentes? Como o poder público pode aproveitar desse interesse para gerenciar políticas culturais? Essas são questões que movem esta pesquisa.

1.4 A procura por experiências através dos eventos e festivais musicais

Como visto anteriormente, no Brasil há uma gama heterogênea de pesquisas relacionando a Geografia com a Música. Grande parte delas faz menção à Geografia da Música, como um subcampo da ciência geográfica. A reflexão buscada aqui não segue essa mesma linha de pensamento. Parte-se da análise da música como produto social e arte, tenta-se compreender como ela pode, através dos eventos musicais, estruturar as experiências das pessoas nos espaços públicos. Será ela o pretexto para as pessoas irem aos espaços públicos? Ou será que ela faz parte de um conjunto de ‘elementos’ que compõem um fenômeno? Para buscar responder essas questões, é preciso primeiramente entender como a música vem atualmente reconquistando o espaço público.

Como visto anteriormente, a música é onipresente graças ao desenvolvimento das tecnologias: é de fácil acesso, mas, difícil designar seu valor de troca. Isso é discutido por Hobsbawm (2013, p. 71). De acordo com ele, mudou-se o contexto das relações com as artes (entre elas a música) a partir do momento em que os grandes empresários descobriram que há mais dinheiro a ser ganho com a cultura do que com qualquer outra ‘coisa’; que seria através da revolução na comunicação de informações, imagens e sons que “surgem as grandes empresas cinematográficas, fonográficas e agentes artísticos ganhando muito dinheiro”. Para ele, esse é um fenômeno atual, no qual a única cultura interessante seria o produto ou serviço que dá dinheiro. Além disso, de acordo com ele, entre todas as velhas artes, a música é a que melhor se adaptou às novas tecnologias, pois ela rompe com a muralha da comunicação puramente física entre instrumento e ouvido, fazendo com que a grande maioria de sons e ruídos que ouvimos como experiência cultural hoje nos chegue por via indireta sendo reproduzida ou transmitida mecanicamente à distância.

De início, a música era ‘algo de instantes’, só poderia ouvir e apreciar aquela canção naquele momento e lugar específico, o músico tinha relação direta com o espectador. Com o advento da tecnologia e os meios de produção em série, ela passou a ser gravada e disponibilizada em maior número através de vinis, fitas cassetes, CD’s e atualmente MP3, sendo disponibilizada gratuitamente através de plataformas *online*. É importante ressaltar essa transformação da música para compreender como nos dias atuais, eventos, concertos, festivais e shows vem atraindo tantas pessoas para apreciar a música ao vivo.

Herschmann (2010) afirma que a indústria da música vem passando por uma transição pela emergência de uma cultura digital ou era digital, o que faz com que as pessoas busquem algo a mais, não bastando apenas ouvir a música, mas participar de toda experiência proporcionada durante as apresentações ao vivo. Para ele, entre as alterações ocorrentes nesse campo que vem proporcionando essa mudança, o modo de apreciar a música, destaca-se “a resistência dos consumidores em pagar pelos fonogramas; o desaparecimento de antigas funções no setor e, ao mesmo tempo, o surgimento de novas tecnologias” (HERSCHMANN, 2010, p. 11). Seguindo a mesma linha de pensamento, Hobsbawn (2013) afirma que os alicerces que mantinham as indústrias fonográficas estão desmoronando graças à tecnologia e à inventividade, pois, atualmente, a internet se tornou um acréscimo e um substituto para as atividades culturais, entretanto, ele ressalta que isso não precisa necessariamente ser um problema, mas é preciso estar atento já que “os avanços na era cibernética são demasiado rápidos, espetaculares e imprevisíveis em comparação com as velhas formas estabelecidas de buscar financiamento cultural” (HOBSEBAWN, 2013, p. 79).

Desse modo, é evidente que não se trata de uma completa ruptura com as formas anteriores de se relacionar com a música, já que ainda existem os amantes do vinil, os colecionadores de álbuns e os apreciadores de concertos e óperas, entretanto, a mudança nos processos de comunicação e emprego de novas tecnologias vem afetando a forma como as pessoas buscam, ouvem, produzem e se relacionam com a música.

É possível identificar duas faces dessa indústria que contribuem muito para as transformações que vem ocorrendo: primeiramente, a busca por novos modelos de negócios fonográficos (variados tipos de plataformas digitais) e a utilização das tecnologias em rede; e em segundo lugar, o que mais interessa para essa pesquisa,

a “desvalorização vertiginosa dos fonogramas e o crescente interesse e valorização da música ao vivo executada especialmente nos centros urbanos legitimados através de eventos e festivais” (HERSCHMANN, 2010, p. 22). Sendo assim, é notório o crescimento de pequenos concertos, festivais e eventos em diferentes localidades do mundo.

No Brasil, já no início do século XXI seguia a tendência mundial de crescimento. O público dos concertos na ocasião era bastante expressivo, sendo estimado em cerca de 42 milhões de pessoas. Poucos indicadores culturais, infelizmente, estão disponíveis sobre o crescimento do mercado de concertos. [...] Com um perfil distinto dos festivais e concertos de música ao vivo promovido pelas *major*s com grandes empresas nacionais e transnacionais, vem crescendo significativamente o número de festivais independentes no Brasil. Estes eventos estão organizados por iniciativa de coletivos de artistas, associações, pequenas gravadoras e/ou produtoras, que mobilizam mais de 300 mil pessoas em cerca de cinco dezenas de festivais regulares por ano que, em geral, são realizados fora das grandes capitais. (KISCHINHEVSKY; HERSCHMANN, 2011, p. 9).

Entretanto, para que esses eventos ocorram, nota-se que os organizadores desenvolvem algumas estratégias como: utilização de recursos das leis de incentivo à cultura e editais públicos; empregam o potencial interativo das novas tecnologias digitais visando formação, divulgação e mobilização de públicos; praticam intensa militância na área musical e até rotinas que incluem escambo (KISCHINHEVSKY; HERSCHMANN, 2011), o que leva a crer que a manutenção e realização de eventos desse porte, não só da música, mas de outras artes, só é concretizada através da combinação dos subsídios públicos e do patrocínio privado (HOBBSAWN, 2013).

Como visto até o momento, através da mudança estrutural ocorrente na música e na indústria da música, as pessoas passam a procurar com mais frequência festivais, concertos e eventos, em busca de algo que a tecnologia ainda não proporciona, ou pelo menos não de forma completa, que seria a experiência do contato com outros indivíduos, o estar junto, sentir-se parte do coletivo: “eis a revolução a que assistimos: só existimos em relação, em comunhão com os outros”, o que garante a solidez do vínculo social é a partilha das emoções vividas e não mais o ideal racional do contrato social (MAFFESOLI, 2007, p. 48).

A experiência, em vários setores, é palavra-chave, é através dela que se pode explicar a relação que cada um estabelece com o grupo, a natureza, o espaço e a vida em geral, emergindo dos aspectos afetuosos, emocionais e de sintonia com

o outro, as experiências “ganham evidência quando os indivíduos encontram na coletividade similitudes na atribuição de valores a cada fenômeno vivido. Assim, por meio das experiências e dos valores atribuídos, os grupos humanos organizam-se, creditando significados que estão nos distintos campos da vida, expressos nas diferentes formas simbólicas” (TORRES, 2014, p. 36).

Além disso, a música, articulada através de eventos musicais em determinadas espacialidades, tem potencialmente grande capacidade de mobilização no mundo contemporâneo, pode promover condições para realização de afetos, e quando “articulada com certos perfis arquitetônicos e geográficos de lugares, como praças e parques, pode construir condições favoráveis para o entretenimento e para a ressignificação das territorialidades e cotidiano urbano” (KISCHINHEVSKY e HERSCHMANN, 2011, p. 17), cumprindo com a função da arte, que “é abrir novos modos de percepção” (SCHAFFER, 2001, p. 332).

De acordo com Hall (2006), alguns teóricos culturais argumentam que o processo de globalização está produzindo fragmentação de códigos culturais, uma multiplicidade de estilos, ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente, na diferença e no pluralismo cultural. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais as pessoas participam de eventos musicais, buscam uma experiência efêmera, um pluralismo cultural, o encontro com o diverso e diferente. No caso de Ponta Grossa, e eventos como o “Sexta às Seis” e o Festival de Música que ocorrem em espaços públicos, de forma inteiramente gratuita, o encontro de diferentes é notório, pois pessoas que possuem interesses em apreciar apresentações musicais se dirigem para o espaço público no centro da cidade sem saber o que irão encontrar (além daquilo que faz parte da programação): quais pessoas estarão presentes, que relações serão formadas, isso também acontece com os músicos; há sempre uma expectativa de experiência nova proporcionada pela música através do espaço público aberto e gratuito.

Quando questionados (apêndice G) sobre a diferença em apreciar música ao vivo e música gravada, os músicos participantes dos eventos afirmam haver diferença, principalmente pelo envolvimento corporal, afetivo e sensorial ao qual o indivíduo se envolve durante apresentações ao vivo. De acordo com Alain, da Banda Jerimoon, “a música ao vivo vai além do simples ouvir. A vibração do som, as luzes, as performances dos artistas e as pessoas em volta tornam a experiência

multissensorial”. Já para Kevin, da banda Astronautas do Passado, a música está estritamente relacionada com a subjetividade

A diferença na realidade é muito subjetiva, mas tem relação com sentimentos e sensações, a música gravada pode sim ter uma carga sentimental perceptível, mas a música ao vivo deixa a experiência mais evidente, sem contar que um show ao vivo você tem a relação direta com o artista e com outras pessoas que também gostam do gênero musical exibido, o que torna a experiência muito mais rica e emocionante. (KEVIN, Banda Astronautas do Passado, 2019).

Os músicos dão destaque ao que afirmou Herschmann (2010), ao fato da tecnologia, mesmo muito desenvolvida como atualmente, ainda não conseguir suprir a vontade do ‘viver’ o momento como há na música ao vivo.

A gravação é um artifício tecnológico utilizado para alcançar vários públicos, para deixar o registro, que pode ser trabalhado e ouvido por muitas vezes e aprimorado. A música ao vivo por sua vez é a paixão e o compartilhamento de energia que ela causa no público. Quando você escuta a música ao vivo, você não apenas sente a música, os músicos, você sente as pessoas e a beleza que existe na arte produzida por elas de uma forma que você também participa como parte de um todo. (RONALDO, Banda Streides, 2019).

O público participante que respondeu ao questionário (pesquisa realizada entre 2018 e 2019, apêndice H) afirma que há enorme diferença em ouvir a música gravada e a música ao vivo, exatamente pela sensação de prazer que as apresentações ao vivo proporcionam, na interação entre artista e público e também comentam que o local de ocorrência é um forte influenciador de boas sensações. O respondente 2 afirma: “a música ao vivo tem muito mais emoção, o artista está ‘dando o sangue’ ali pra tocar o melhor que ele pode pra quem está ouvindo e isso é muito emocionante!”. Já o respondente 13 explica que a música gravada tem mais relação com particularidade de quem está ouvindo, é um momento íntimo de cada pessoa: “é emocionante, uma sensação bem diferente de ouvir música ao vivo do que a gravada, pois a gravada é mais íntima, um momento pessoal”. O respondente 9 explica que a música ao vivo proporciona conhecer os artistas pessoalmente, e também as suas verdadeiras habilidades, diferente da música gravada a qual se tem o apoio da tecnologia, para esse respondente cada apresentação é única e esse é o grande diferencial.

Destaque para o fortalecimento da cultura local através da ocupação de espaços públicos em atividades musicais. De acordo com Carney (2007, p. 145), “a música tanto reflete quanto influencia as imagens que as pessoas possuem de lugares e a forma como essas imagens mudaram significativamente as atitudes das pessoas para com os lugares”, isso é afirmado pelo respondente 9, afirma que iniciativas como esses eventos “permite que diversas classes sociais e etnias entrem em contato, trocando experiências. Sobretudo, valoriza a arte, unificando tanto a cultura local, também com a promoção de bandas locais e a cultura de fora da cidade”, complementa que através de eventos como esse é possível perceber a importância da cultura, mesmo que ela não seja estabelecida e nem manifestada apenas pela música, esses eventos são importantes para a população.

Desse modo, possivelmente por meio de eventos culturais de música, os participantes se identificam com os músicos locais, com o lugar de elaboração e com o próprio poder público responsável pela organização, criando um sentimento de pertencimento, de fazer parte da cultura pontagrossense. Paralelamente, nota-se a tensão entre global e local. Mesmo com a disponibilidade de milhares de músicas na internet, um número significativo de indivíduos comparece ao local de realização dos eventos “Sexta às Seis” e Festival de Música. Estes têm como primordial a apresentação de músicos locais. Desse modo, de acordo com Hall (2006), parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades locais, é mais provável que ela vá produzir novas identificações locais.

Desse modo, pode-se pensar que os eventos musicais vêm não apenas como meio de fortalecimento dos relacionamentos entre os pontagrossenses, mas como forma de o local gerir e manter espaços de direitos dos cidadãos por meio de projetos culturais, tratando das desavenças entre os indivíduos, suas diferenças culturais e sociais, bem como proporcionar um espaço comum a todos.

Por fim, é necessário enfatizar que assim como outras indústrias culturais, a indústria da música também passa por vários processos de transformações em detrimento da globalização e mudanças tecnológicas, ela é tratada em muitos lugares e contextos como mercadoria, mas, nunca esquecida enquanto arte, técnica, e é elemento importante na constituição e fortalecimento de uma cultura, já que “os interesses da cultura não podem ser deixados por conta do mercado, mais do que os interesses da sociedade” (HOBBSAWN, 2013, p. 80). Sendo assim, eventos

como o Sexta às Seis e o Festival de Música de Ponta Grossa, apresentam-se como formas legítimas desses interesses.

2 PONTA GROSSA CULTURAL: EVENTOS LOCAIS E O ESPAÇO PÚBLICO

Como visto no capítulo anterior, a música sofre mudanças diariamente no modo de sua produção, reprodução e consumo. Ela, bem como reflete, influencia a visão das pessoas em relação aos lugares. A expectativa em ouvi-la ao vivo é completamente diferente de ouvi-la através de gravações, pois a música ao vivo envolve vários sentimentos, entre os mais eminentes estão o de sentir a energia de quem toca e de quem a aprecia.

O objetivo desse capítulo será a apresentação dos eventos musicais “Sexta às Seis” e Festival de Música de Ponta Grossa. Como ocorre a elaboração desses eventos culturais musicais, as suas organizações, os arranjos estruturais, qual a visão dos envolvidos sobre os eventos, bem como apresentar a relação entre políticas públicas culturais e a apropriação de espaços públicos como possibilitadores do direito à cidade e à cultura.

2.1 Do global ao local: eventos e festivais musicais

A música passou a ser um produto cultural muito requisitado, é capaz de mover multidões para um encontro, um show ou uma apresentação, como por exemplo, um dos festivais mais conhecidos no Brasil e maiores do mundo – o Rock in Rio – que iniciou em 1985, na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o site oficial¹⁰ do evento mais de nove milhões de pessoas já passaram pela plateia durante as dezenove edições do festival.

Desta forma, é interessante apresentar uma relação de eventos¹¹ ocorrentes em vários países do mundo que têm a cada ano mobilizado mais e mais pessoas a participar de suas programações. Em seguida, apresenta-se uma relação de eventos culturais musicais que ocorrem em diferentes estados brasileiros, demonstrando de forma sucinta, através dessa análise, o potencial efetivo de eventos culturais

¹⁰ Disponível em: <http://rockinrio.com/rio/pt-BR/historia>

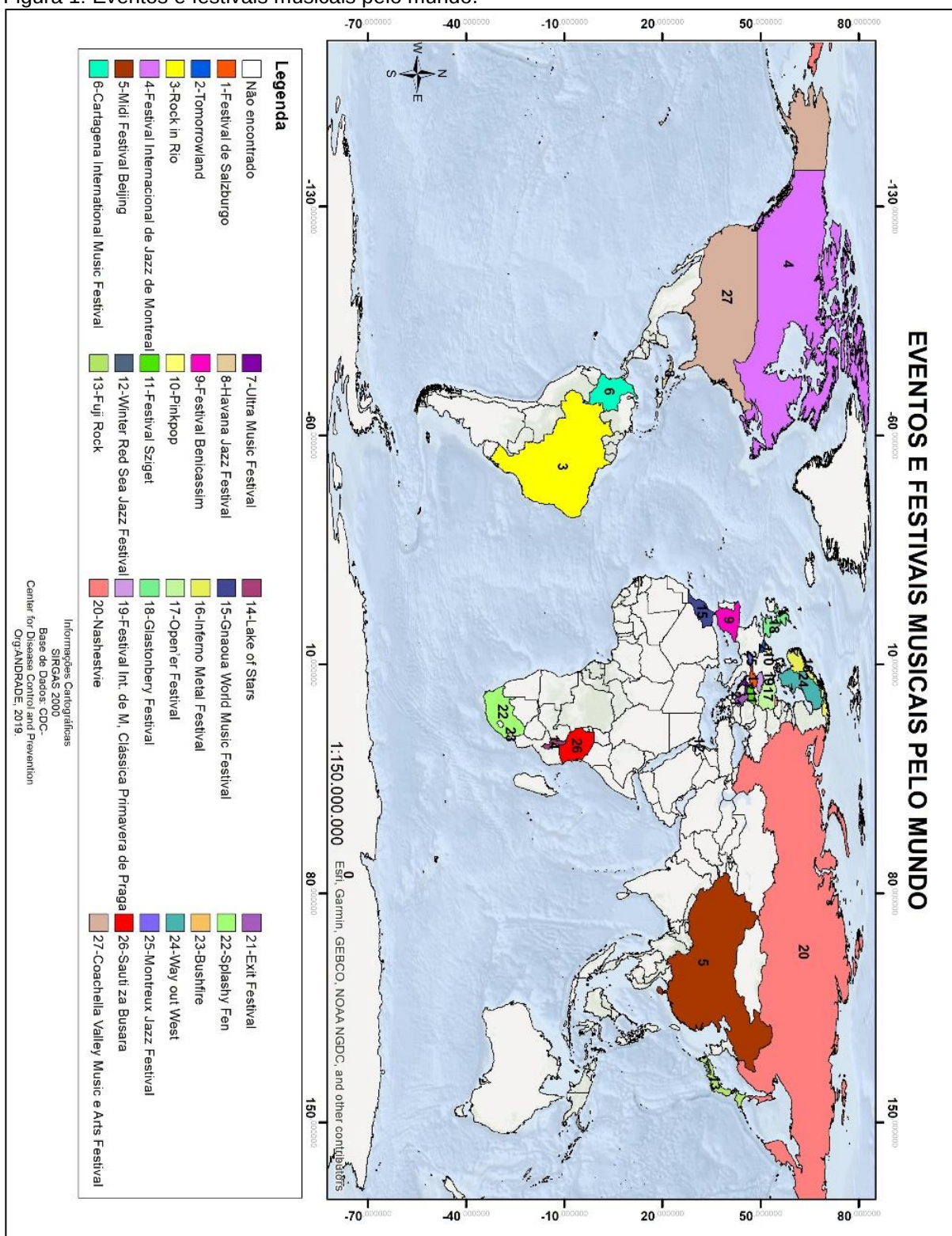
¹¹Eventos são intervenções, regradas ou extemporâneas, que num lugar preciso permitem a interseção de falas, tempos e ações. Simultâneos e descontínuos, esses elementos desdobram e reiteram gestos e atitudes que exploram o instante da apresentação. (Favaretto, 2000) (OLIVEIRA PINTO, 2001, p.231)

musicais que nos últimos anos vêm ‘unindo’ pessoas, como já havia afirmado Herschmann (2010).

Para escolher os eventos musicais que seriam demonstrados nos mapas, buscou-se na internet ‘eventos musicais mais conhecidos do mundo’, a busca apontou um significativo número de *sites* e *blogs* sobre o tema, entretanto, um *site* específico chama a atenção, o Festivalando¹², *site* de duas jornalistas, Gracielle Fonseca e Priscila Brito, que fazem a cobertura de vários festivais de música em vários países. No *site* é possível encontrar informações sobre os valores dos festivais, locais de realização, fotos e vídeos, bem como roteiros turísticos e sugestões para melhorar a experiência musical durante os festivais. Para melhor compreensão, os festivais listados estão separados em categorias (grande porte, mais de 30 mil frequentadores; médio porte-entre, mil e 10 mil frequentadores; e pequeno porte, entre 300 e 900 frequentadores). Na elaboração do mapa de eventos e festivais ocorrentes pelo mundo (figura 1), todos os listados são de grande porte, com exceção do festival *Lake of Stars* no *Malawi* que é considerado de acordo com essa classificação como médio porte. Já no mapa do Brasil, os eventos e festivais variam entre médio e grande porte (figura 2).

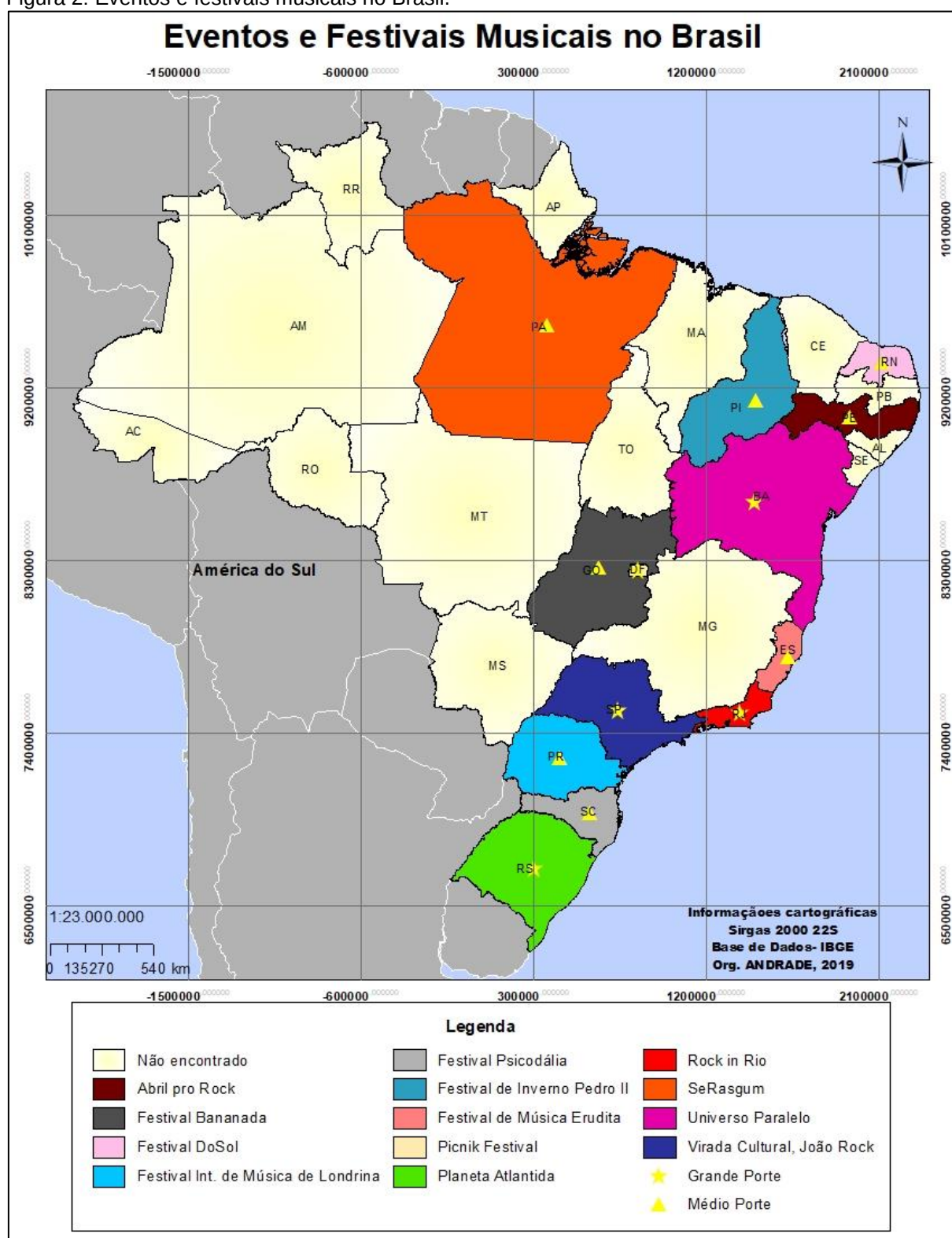
¹² Primeiro site brasileiro sobre viagem para festivais de música, o Festivalando traz um mix de dicas, ferramentas, relatos, informação e opinião sobre o universo dos festivais. Disponível em: <https://festivalando.com.br/o-que-e-o-festivalando-viajar-para-festivais/>

Figura 1: Eventos e festivais musicais pelo mundo.



Fonte: A autora (2019), adaptação do site Festivalando. Disponível em: <https://festivalando.com.br/>.
 Acessado em: 4 jan. 2020.

Figura 2: Eventos e festivais musicais no Brasil.



Fonte: A autora (2019), adaptação do site Festivalando. Disponível em: <https://festivalando.com.br/>. Acessado em: 4 jan. 2020.

De fato, esses eventos e festivais demonstrados nas figuras anteriores possuem estruturas colossais; movimentam pessoas: músicos, fãs e colaboradores;

geram empregos; movimentam o turismo das cidades; e, produzem intercâmbio cultural. Entretanto, eventos e festivais locais, são fenômenos igualmente importantes, como afirmado pelo respondente 3

A cidade de Ponta Grossa dispõe de grandes eventos culturais, sendo esses os mais conhecidos (sobre os Sexta às Seis e o Festival de Música). Acredito ser importante esse tipo de cultura na vida das pessoas, até mesmo para um conhecimento sobre os acontecimentos na cidade. Muita gente não sabe dos eventos que o município proporciona gratuitamente e procuram outros meios para evoluir culturalmente. Em específico, o evento Sexta às Seis, mostra uma diversidade de pessoas, cada um com uma forma de se comportar, se vestir, e isso é importante para a população perceber que há outras formas de se expressar, tendo uma visão menos preconceituosa por vivenciar o momento. (Respondente 3, 2019).

Sendo assim, esses eventos e festivais locais apresentam relevante importância não apenas pelo número volumoso de pessoas alcançadas e capital movimentado, mas pelo significado cultural, social e experiencial que permitem aos moradores e aos músicos locais se sentirem agentes produtores da cultura local e, ao poder público, permite efetivar através desses eventos e festivais, políticas públicas culturais.

Além disso, a cidade de Ponta Grossa possui em sua agenda cultural vários projetos e eventos oriundos de iniciativas públicas e privadas. Há uma dinâmica de elaboração envolvendo poder público, conselheiros, artistas e população em geral. Além das normativas de promoção e produção cultural, existem as escolhas de localização de realização de projetos e eventos que vêm nos últimos anos apontando por predileção aos espaços públicos da cidade, bem como escolas, associações de moradores e unidades de saúde¹³.

Dentre os projetos, destaca-se o Festival Universitário da Canção (FUC), o Festival Nacional de Teatro (FENATA), a *München Fest*, o Festival de Música de Ponta Grossa e o “Sexta às Seis”, eventos e projetos promovidos em parceria com a prefeitura Municipal de Ponta Grossa, iniciativas privadas, e também com a Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O Festival Universitário da Canção (FUC) teve início em 1980 e sempre foi organizado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com auxílio de

¹³ Locais escolhidos para realização de editais culturais lançados pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura>, analisado por Andrade (2018) disponível em : <https://drive.google.com/file/d/1aKGExtnPdsar7ZtIRKMO4PxdTEbgi7Ta/view>

empresas e instituições privadas, por meio de apoio financeiro. O FUC tem como um dos principais objetivos contribuir para o fomento da produção musical local através da seleção de músicas a serem apresentadas a uma comissão técnica, e ao júri popular durante os dias do festival. Ao final, canções e artistas vencedores são premiados. Essas premiações ocorrem de acordo com a etapa: Etapa Regional, na qual doze músicas de compositores e/ou intérpretes dos Campos Gerais se apresentam e quatro são selecionadas para a Etapa Nacional, além de receberem premiação em dinheiro e troféu.

O Festival Nacional de Teatro (FENATA) ocorre na cidade desde 1973, caracterizando-se como um dos mais antigos festivais de teatro do país, além de acontecer de forma ininterrupta. Diferentemente do FUC, o FENATA ocorre em diferentes locais da cidade como escolas, terminais de transporte, ruas, e não apenas no ambiente do teatro. Artistas de vários estados do país passam pelos seus palcos de forma competitiva ou não. Tem como objetivo promover o encontro de grupos teatrais, debatedores, pesquisadores e profissionais da área teatral de várias regiões do Brasil, bem como intensificar o debate público e ampliar as discussões sobre a realização artística teatral e seus desdobramentos sócio-político-culturais.

A *Munchen Fest*, durante muitos anos, ocorreu no Centro de Eventos da cidade, contudo a partir do ano de 2018, passou a ocorrer no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, um dos mais movimentados espaços públicos da cidade, local de ocorrência tanto do “Sexta às Seis”, como do Festival de Música de Ponta Grossa, objetos de estudo dessa pesquisa. Esse é um evento que não envolve apenas a música, tem como principal característica a procura pelo chope escuro, pelas danças alemãs, e comidas típicas. Durante um longo período a *Munchen Fest* contou com a apresentação de artistas famosos em território nacional, sempre cobrando taxa de entrada do público. Em 2018 o evento passou a ser gratuito e aberto a toda a população, focado principalmente na cultura germânica.

Os eventos anteriormente citados estão consagrados e nunca faltam na agenda cultural de Ponta Grossa, pode-se afirmar que estes são responsáveis por movimentar a cena cultural da cidade envolvendo artistas, pesquisadores, poder público, apreciadores, comerciantes e empresários locais e outros setores. A seguir, apresentam-se dois eventos musicais ocorrentes na cidade de Ponta Grossa, que durante décadas mobilizam os indivíduos a participar de uma atividade cultural de música.

2.2 Separados por uma passarela: história e estrutura do Sexta às Seis e Festival de Música de Ponta Grossa

Em relação aos objetos de estudo, é imprescindível contar a história e o modo de organização dos dois eventos, a fim de demonstrar que o sucesso destes depende de uma série de fatores: localização, premiação, estrutura, público alvo e etc.

Em suma, pode-se afirmar que o histórico do “Sexta às Seis” está estritamente relacionado com o fluxo de pessoas e acessibilidade, sempre ocorrendo em locais próximos a pontos de transporte coletivo urbano (SCHONHERR, 2017; ANDRADE, 2017). O Projeto Cultural “Sexta às Seis” teve início em 1990 (fotografia 3) e é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, por meio da Fundação Municipal de Cultura. A ideia inicial é do então presidente da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, Fernando Durante, que explica os motivos da criação do “Sexta às Seis”

O Sexta às Seis ocorreu porque antigamente o ponto de ônibus, o terminal central vamos assim dizer, era na Praça Barão do Rio Branco. Na época (1990) as lojas fechavam às 6 horas da tarde, as pessoas todas estavam ali para pegar o ônibus e ir embora, também tinha os alunos que estavam chegando para estudar nos colégios Regente Feijó e Colégio São Luís- que eram próximos à praça, o Regente lógico é até hoje ali. Então, a ideia era pegar esse público que estava de passagem e oferecer uma oportunidade de assistir a um show. Esse foi o objetivo inicial do Sexta às Seis: a popularização da cultura através desse projeto. Então era às 6 horas da tarde e acontecia semanalmente, a primeira apresentação foi com a banda Escola Lyra dos Campos e tivemos apenas 20 ou 30 pessoas assistindo, mas depois ele foi crescendo. Nós tínhamos uma política de ter sempre um artista de fora e 3 artistas locais durante o mês, porque o Sexta às Seis acontecia semanalmente. (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

Fotografia 3: Fotografias da década de 90 do Sexta às Seis.



Fonte: ND

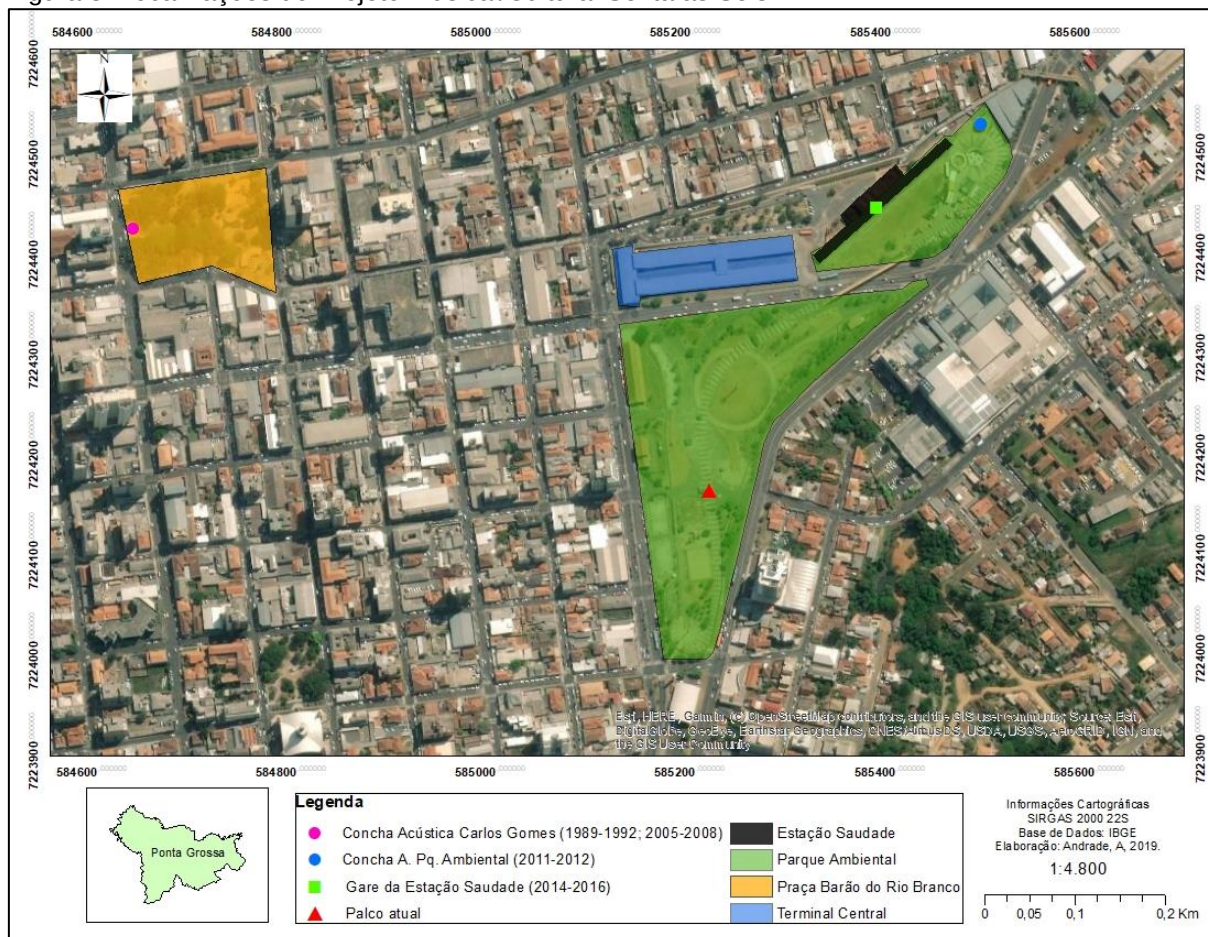
Acervo: Casa da Memória (Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, 2017).

Como visto no início, as apresentações ocorriam na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco (de 1990 a 1992), mas com a mudança de governo em 1993, o “Sexta” tem sua primeira parada, retornando em 2005, por um curto período de tempo até 2008, na mesma praça, que era cercada por comércios, colégios, edifício residencial e igreja. Em decorrência do alto volume do som e do número de pessoas que paravam para assistir às apresentações, houve reclamações de moradores e frequentadores da igreja e dos colégios, junto à prefeitura, para que o local de ocorrência do evento fosse alterado. Sendo assim, o evento retorna apenas em 2011 e permanece até 2012 na Concha Acústica do Parque Ambiental¹⁴, mais tarde passou a ocorrer na gare da Estação Saudade – Estação Ferroviária Ponta Grossa (de 2014 a 2016). Atualmente, o local escolhido pela Fundação Municipal de Cultura é um palco montado, em algumas sextas-feiras, em frente à lanchonete,

¹⁴Datas e informações citadas no site Cultura Plural, disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=1821>

localizado próximo ao terminal central e ainda no espaço do Parque Ambiental da cidade, figura 3.

Figura 3: Localizações do Projeto Musical/Cultural Sexta às Seis.



Fonte: A autora (2019).

Atualmente, o “Sexta” tem como principal objetivo o incentivo a músicos e bandas locais, oferecendo uma estrutura de palco profissional, divulgação da arte e cultura local, bem como, para as bandas e músicos selecionados via edital, a garantia de premiação no valor estimado de mil e duzentos reais. O presidente da Fundação, Fernando Durante (2019), explica que para “o Sexta às Seis é feito um edital, então as bandas se inscrevem, passam pelo processo de seleção como pessoas de reconhecida capacidade dentro da área musical, e aí é feita a seleção das bandas”, ele explica ainda que o evento movimenta a produção musical na cidade

Hoje é um projeto de periodicidade quinzenal, basicamente alguns meses tem mais edições e outros meses que tem menos edições, depende das condições climáticas, o mês mais frio diminui o número das apresentações e nos meses que são um pouquinho mais quentes são feitas mais

apresentações. Hoje discutimos uma pré-programação de datas para o ano que vem. Veja, o ano passado tivemos 80 e poucas bandas inscritas, 82 se não me equivoco, esse ano tivemos quase 90, e como a banda que se inscreve em um ano não pode participar do outro, imagina que foi um universo de mais ou menos de 160, 170 bandas, se você pensar em 5,6 pessoas por bandas envolvida a gente tem mais de mil pessoas envolvidas no Sexta às Seis, em termos de produção musical. Isso é muito importante porque a cidade também ganhou muito em termos de bandas. Veja as bandas que apareceram no Sexta e hoje tem destaque nacional como Cadillac Dinossauros e outros que surgiram no Sexta às Seis, então o projeto é muito importante sobre esse aspecto e também de levar à população de Ponta Grossa a oportunidade de assistir shows. Quando eu entrei aqui, ele era só pop, rock, reggae e tal, agora ele é aberto a todos os gêneros musicais, mas ainda há a predominância do pop rock, mas, ele é aberto. Já tivemos música gaúcha, samba, rap, já teve outros gêneros musicais selecionados dentro do Sexta às Seis. Então temos um carinho muito grande por esse projeto não apenas por ser um projeto que eu tive a felicidade de iniciar em 1990 e que está até hoje e cresce cada vez mais. Anteriormente foi feita uma pesquisa sobre os três eventos culturais de maior destaque na cidade que foram o FENATA, o FUC e o Sexta às Seis. Se você considerar que o FUC e o FENATA são mais antigos e há que se considerar também que a população tem esse carinho também pelo Sexta às Seis (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

Como constatado por Andrade (2017), estão entre os fatores de sucesso e fortalecimento do “Sexta às Seis”: o fato do projeto ocorrer em um espaço público, aberto e gratuito, próximo ao terminal de transporte coletivo, por ser no centro urbano da cidade; o fato das apresentações de bandas e grupos musicais serem totalmente gratuitas; o horário de ocorrência das apresentações (das 18:00 às 22:00 horas); o fato do público ser fiel e comparecer em ‘peso’ no parque ambiental nos dias de apresentação; o fato de ser um projeto cultural que envolve dinheiro público e de incentivar a cultura local e a utilização de espaços públicos através da música.

O presidente da Fundação Municipal de Cultura afirma haver algumas críticas em relação ao “Sexta”, entretanto, são críticas relacionadas ao gosto musical, mudança de datas e cancelamentos, nada que abale a estrutura e funcionamento do mesmo.

Não podemos achar que tudo que fazemos aqui, todo mundo vai elogiar. É claro que existem algumas coisas, mas é muito pouco perto do que tem de saldo positivo. Às vezes tem gente que não gosta de determinada banda, outra que atrasou um pouco, no Sexta às Seis quem não é selecionado, faz alguma crítica aos critérios, mas são coisas que sempre vão existir, você não consegue agradar todo mundo, e é evidente que “para uma mãe o filho dela é sempre o mais bonito”, então o cara que toca numa banda sempre vai achar que a dele é melhor que a outra, por isso o processo seletivo é tão importante, assim como ocorre em festivais “ganhou um e por que não ganhou o outro?” isso é para tudo desde o concurso de miss até o Domingão do Faustão, então sempre quem não ganha, quem não é

selecionado, sempre vai fazer alguma crítica, mas são coisas muito pequenas, ou então, “ah!! Por que que não teve sexta semana que não choveu?” porque na quarta-feira estava previsão de chuva, temos que definir na quarta-feira, porque é preciso montar o som, o palco e se chover gastaríamos dinheiro à toa. Por isso temos que definir na quarta-feira, sempre pesquisamos em vários institutos: Climatempo, Simepar entre outros, para passarmos o panorama: “Qual é a previsão?” “Há previsão de chuva” então “quantos milímetros?” “É tanto, então não dá”, às vezes erramos, cancelamos e o dia acaba sendo bonito, pois é “previsão”, não é “constatação do tempo” então isso acontece, mas como te falei tem críticas, mas são muito poucas perto do saldo positivo. (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

Durante todos esses anos de existência do “Sexta às Seis”, várias bandas conhecidas no cenário musical nacional marcaram presença com apresentações que ficaram gravadas nas memórias dos envolvidos, muitas foram citadas nas respostas dos questionários online, como Casa das Máquinas e Confraria da Costa, entretanto, já passaram pelo palco do Sexta as bandas: Made in Brasil¹⁵, Blindagem¹⁶, Patrulha do Espaço¹⁷, Aquiles Priester¹⁸, João Lopes¹⁹, Lula Barbosa²⁰, *Burning Hell*²¹, Faichecleres²², Relespública²³, Wander Wildner²⁴, Dazaranha²⁵, Stolen Byrds²⁶. Alguns desses acontecimentos foram registrados por jornais da cidade, como é o caso do show da banda Patrulha do Espaço, demonstrado na figura 4.

¹⁵ Banda de *rock n' roll*, criada em 1967.

¹⁶ Banda de *rock n' roll*, criada em 1978.

¹⁷ Banda de *rock progressivo*, criada em 1977.

¹⁸ Ex baterista da banda Angra.

¹⁹ Cantor e compositor brasileiro, no estilo *rock* rural desde 1978.

²⁰ Intérprete e compositor paulistano desde os anos 80.

²¹ Banda de *heavy metal* de Caixias do Sul, criada em 1995.

²² Banda curitibana de *rock* nacional, criada em 1998.

²³ Banda curitibana de *rock* nacional, criada em 1989.

²⁴ Cantor e compositor brasileiro. Ficou conhecido por participar da banda Os Replicantes, que teve grande importância no *punk rock* nacional dos anos 80.

²⁵ É uma banda brasileira de *reggae rock*—nativa de Florianópolis, Santa Catarina.

²⁶ É uma banda brasileira de *rock n' roll* criada em 2012 na cidade Maringá/PR.

Figura 4: Matéria do Jornal Diário dos Campos do dia 20 de março de 2005.



Fonte: ND

Acervo: Fundação Municipal de Ponta Grossa, 2017.

Atualmente, o evento tem na rede social *Facebook*²⁷ uma página oficial administrada e atualizada semanalmente pela organização da Fundação Municipal de Cultura, nessa página são divulgadas informações relacionadas às datas de ocorrências, cancelamentos, informações das bandas, bem como fotos e vídeos das apresentações. Nessa página é possível notar a interação do público participante e

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/sextaasseispg/>

dos músicos através de comentários, marcações de amizades e principalmente avaliações (a página é recomendada positivamente por 18 pessoas). A constante atualização dessa página foi imprescindível no andamento da pesquisa, possibilitando a coleta de dados e variadas imagens que ilustram esse trabalho, como a imagem 4.

Fotografia 4: Apresentação da banda Dazaranha no “Sexta às Seis”, em 2019.



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

A visão do poder público em relação ao “Sexta às Seis” é que o evento é um marco cultural de música na cidade de Ponta Grossa, por dar a oportunidade aos músicos locais de mostrarem seus trabalhos e proporcionar a população conhecer o trabalho desses músicos, como explica Eduardo Godoy:

Eu acredito que é um marco na cidade em relação à música, quando se fala em música em Ponta Grossa, talvez a primeira coisa que vem à mente é o Sexta às Seis e o FUC. O Sexta às Seis é responsável por incentivar e dar espaço para muitas bandas, para muitos músicos na cidade e a sua história é marcada por esses fatores e vem acontecendo isso ao longo de todos os anos, vemos muitas bandas surgindo e despontando no Sexta às Seis que o tem como o seu primeiro grande palco e que dali traçam uma carreira importante. Então é essa a minha visão, do Sexta às Seis como um

importante palco para as bandas da cidade. (Entrevistado Eduardo Godoy, 2019).

Já o Festival de Música de Ponta Grossa tem um histórico um pouco mais diversificado. Deu início nas atividades no ano de 2009 e era voltado ao público da música erudita; em sua programação havia recitais e concertos de músicos e artistas que se destacavam em território nacional. Passou a ter novo formato em 2015, quando as apresentações passaram a ocorrer também no calçadão, na Concha Acústica e terminais de transportes. Entretanto, pode-se afirmar que a grande mudança ocorreu na 8ª edição no ano de 2016, buscando aproximar a população de diferentes estilos musicais desde o clássico ao popular.

O Festival é uma maneira de você projetar tudo aquilo que está sendo feito lá no conservatório, trazer também novos professores para que os alunos tenham o contato com professores de diferentes níveis, e juntar a música clássica com o Palco Novas Sonoridades que traz bandas que estão emergindo no cenário cultural brasileiro, e trazer também shows e outras apresentações, oficinas, *masterclass* e uma série de atividades que têm o objetivo justamente de trazer um conhecimento maior para os alunos do Conservatório, bem como, uma oportunidade da cidade de Ponta Grossa assistir essas bandas que estão no caminho do sucesso, como foi o caso de Francisco el Hombre que pouca gente conhecida e que cresceu bastante, O Terno, esse ano veio a Scalene, então, sempre tem vindo várias bandas que estão emergentes dentro do cenário, e isso é muito importante, pois proporciona para a cidade, para a população daqui assistir aos shows dessas bandas que raramente teriam oportunidade de ver se não fosse em eventos como esse (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

A partir da 8ª edição, o Festival passa a contar com um palco aberto às “novas sonoridades” montado próximo à Estação Saudade e aberto ao público em geral, entretanto, algumas atividades ainda eram voltadas ao público da música erudita no Centro de Música, Centro de Cultura, Concha Acústica e no Teatro Ópera. De acordo com Eduardo Godoy, diretor do departamento de cultura de Ponta Grossa, o Festival ganha uma nova ‘cara’ a partir do Palco Novas Sonoridades, e ainda, que uma das grandes dificuldades na elaboração do Festival é encontrar bandas locais que façam shows inteiramente autorais.

Até um tempo atrás o Festival voltado especificamente a parte do erudita, logo com a nossa entrada repensamos o Festival ampliando-o para ter a parte erudita e a parte popular também. Uma das novidades do Festival naquela época, em 2016, foi o Palco Novas Sonoridades, e que talvez seja uma das coisas que têm mais destaque hoje no Festival. Desse palco, as

maiores dificuldades são: encontrar atrações autorais em Ponta Grossa e mostrar também para o público uma nova sonoridade, explicar que a música brasileira tem novidades, tem coisas diferentes, e ter um espaço na cidade para apresentar essas novas atrações da música brasileira. E falando das bandas autorais, a dificuldade de encontrar bandas em Ponta Grossa que tem shows inteiramente autorais, essa é a dificuldade que temos até hoje. A cada ano sentimos pena porque acaba ficando quase que um grupo de 10 a 15 bandas da cidade com shows inteiramente autorais. Tem muita banda com músicas autorais, mas que tenham um volume para fazer pelo menos uma hora de show inteiro autoral é mais restrito esse número. Do Festival tem a dificuldade orçamentária, sempre existe essa dificuldade, temos que ter um planejamento e um poder de convencimento grande de mostrar que o que estamos oferecendo terá um impacto positivo na sociedade por isso deve haver esse investimento. (Entrevistado Eduardo Godoy, 2019).

Desde essa edição (2016), há um giro musical bem diversificado, artistas de várias regiões do Brasil passaram pelo palco do Festival, o quadro a seguir mostra a relação de músicos que já passaram pelo festival desde a 8ª edição.

Quadro 9: Artistas e grupos musicais que passaram pelo palco do Festival de Música de Ponta Grossa, de 2016 a 2018.

(continua)

2016		2017		2018		2019	
ARTISTA/ GRUPO MUSICAL	LOCAL	ARTISTA/ GRUPO MUSICAL	LOCAL	ARTISTA/ GRUPO MUSICAL	LOCAL	ARTISTA/ GRUPO MUSICAL	LOCAL
A Banda Mais Bonita da Cidade	Curitiba	Mustache e os Apaches	São Paulo	Solana Dub	Ponta Grossa	A Banda de um homem só	Curitiba
Chave de Mandril	Ponta Grossa	Francisco El Hombre	São Paulo	Alexandre Mello	Ponta Grossa	Winston Ramalho	Curitiba
Man Trio	Ponta Grossa	Marcelo Jeneci	São Paulo	Dingo Bells	Rio Grande do Sul	Falcatrio	Ponta Grossa
Big Fish Blues	Ponta Grossa	O Terno	São Paulo	Relespública	Curitiba	Sarau As Mina Tudo	São Paulo
Bandinha di dá dó	Rio Grande do Sul	Luiza Lian	São Paulo	Carne Doce	Goiás	Notórios Bardos	Ponta Grossa
Ursos Caipiras	Ponta Grossa	Grand Bazaar	São Paulo	Apologia Sul	Ponta Grossa	Terra Celta	Londrina
Trombone de Frutas	Curitiba	Geordani Castilho	Ponta Grossa	Brothers Souls	Ponta Grossa	Val de Oliveira	Curitiba
Consuelo de Paula	Minas Gerais	A Coisa	Ponta Grossa	Selvagens a Procura de Lei	Ceará	Rhaissa Bittar	São Paulo
Novos Malandros	Ponta Grossa	Dr Skrotone e a Mafia do Ska	Ponta Grossa	Gringo's Washboard	Curitiba	Dessa Brandão	São Paulo
Confraria da Costa	Curitiba	Cadillac Dinossauros	Ponta Grossa	Orquestra Manancial da Alvorada	Santa Catarina	Letícia Carvalho	Ponta Grossa
Viola Quebrada	Paraná	Indigo	Ponta Grossa	Bananeira Brass Band	Curitiba	Orquestra Rock	São Paulo
Chico Lobo	Minas Gerais	Guilherme Santos	Ponta Grossa	Trovadores Celtas	Ponta Grossa	Banda Casa Cantante	Ponta Grossa
Duo Ella	Ponta Grossa	Fire Hunter	Ponta Grossa	Lamalaika	Ponta Grossa	Baquetinhá	Curitiba
Fran Rosas	Curitiba	Jamp	Ponta Grossa	Joãozinho	Ponta Grossa	Paulo Sérgio Rosa Filho	Minas Gerais
Zé Alexandre	Rio de Janeiro	Cambada Mineira	Rio de Janeiro	Blues na Estrada	Ponta Grossa	Christian Quimelli	Ponta Grossa
Terra Celta	Londrina	Isabela Huk	Ponta Grossa	A Vera	Ponta Grossa	Quinteto BrassUka	São Paulo

Quadro 9: Artistas e grupos musicais que passaram pelo palco do Festival de Música de Ponta Grossa, de 2016 a 2018.

(conclusão)

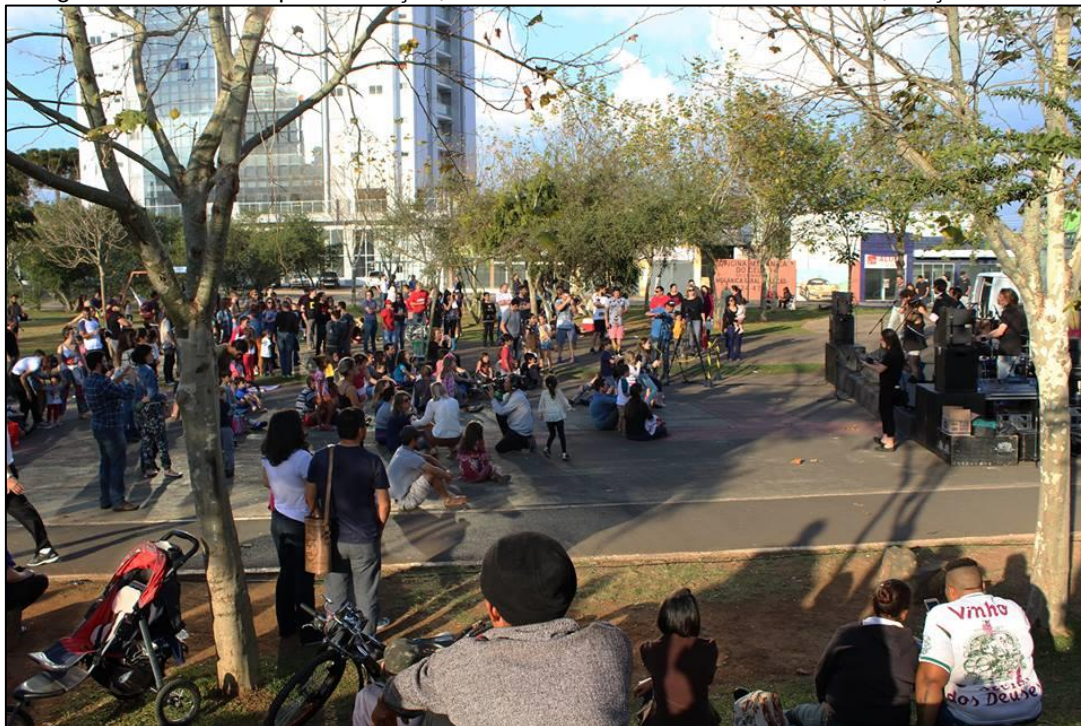
Eudóxia de Barros	São Paulo	Moraes Moreira e Davi Moraes	Rio de Janeiro	Trupe de Arnica Cultural	Curitiba	André Repizo	São Paulo
Trovadores Celtas	Ponta Grossa	Jerimoon	Ponta Grossa	Quarteto Brasileiro de Violões	Sem informações	Bruno Madeira	São Paulo
		Moryah	Ponta Grossa			Caê Vieira	Rio de Janeiro
						Luciano Filizola	Curitiba
						Alexandre Mello	Ponta Grossa
						Jazz Cigano	Curitiba
						Fabricio Ribeiro	Curitiba
						Charles Racional	Curitiba
						Ana Paula Alves	Ponta Grossa
						Coletivo LSA	Ponta Grossa
						Hoovaranas	Ponta Grossa
						Jerimoon	Ponta Grossa
						Central Sistema de Som	Curitiba
						Cadillac Dinossauros	Ponta Grossa
						Machete Bomb	Curitiba
						Solana Dub	Ponta Grossa
						Gafanhoto & PG Town	Ponta Grossa
						Índigo	Ponta Grossa
						Dandara Manoela	Santa Catarina
						MUM	Ponta Grossa
						Scalene	Brasília
						Bixiga 70	São Paulo
						Banda Jamp	Ponta Grossa
						Banda-Escola Lyra dos Campos	Ponta Grossa

Fonte: ANDRADE, A (2019).

O quadro 9 demonstra a multiplicidade de estilos, e demonstra também que além da participação de músicos de fora, a prefeitura dá abertura para músicos locais apresentarem seus trabalhos ao público. Soma-se a isso a abertura de oportunidade às pessoas de diferentes idades participarem das oficinas e minicursos de música e instrumentos musicais durante o Festival. Uma das atividades da 10ª edição chamou a atenção, trata-se do 'Rockinho para as crianças', atividade que ocorreu após o horário de almoço em um palco montado ao lado das quadras de

esportes no parque ambiental, e que levou várias famílias a participarem (Fotografias 5 e 6).

Fotografia 5: Rockinho para crianças, Festival de Música de Ponta Grossa, edição 2018.



Fonte: NASCIMENTO, L.C (2018).

Fotografia 6: Crianças apreciando as apresentações do Festival de Música de Ponta Grossa, edição 2018.



Fonte: NASCIMENTO, L.C (2018).

Além do intercâmbio cultural promovido através do Festival, Fernando Durante explica que grandes professores já passaram pelo Festival, que esse contato direto de alunos iniciantes com músicos consagrados na cena musical nacional é muito importante:

Já vieram grandes professores aqui na parte de música clássica, o Emmanuele Baldini (Orquestra Sinfônica de São Paulo) e tantos outros, já tivemos aqui fazendo sessões Nelson Ângelo que é um dos grandes nomes do Clube da Esquina, junto com ele a Carmina Juarez que é filha de Benito Juarez (professora dos corais da USP de São Paulo), são nomes de peso, e fora quantos outros aí na área clássica, pessoas premiadas no mundo todo que estiveram aqui dando aula, mostrando um pouco do seu trabalho e isso é muito interessante porque as pessoas também estão tendo contato com esses nomes que são expoentes em diferentes áreas (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

Além disso, acontece o giro cultural pela cidade de Ponta Grossa, as apresentações ocorreram em asilos, escolas, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), penitenciárias, prefeitura, entre outros locais, como demonstrado nas figuras 5 e 6²⁸.

Figura 5: Locais do giro cultural do Festival de Música (2018).



Fonte: A autora (2019).

²⁸ As imagens apresentadas foram retiradas da página oficial da Fundação Municipal de Cultura na rede social Facebook.

Figura 6: Locais do giro cultural do Festival de Música (2019).



Fonte: A autora (2019).

O Festival de Música e o “Sexta às Seis”, ao longo dos anos, têm levado mais e mais pessoas aos espaços públicos de Ponta Grossa, demonstrando que a utilização desses espaços através de atividades culturais são boas apostas para movimentar a cidade e promover o direito à cultura e à cidade. De acordo com Eduardo Godoy, o retorno das pessoas em relação aos dois eventos são positivos, como ele explica:

Do Sexta às Seis temos um retorno muito bacana das pessoas que acompanham de forma recorrente e é até engraçado ver, passamos as sextas-feiras à tarde lá no Parque Ambiental pode ter Sexta às Seis ou pode não ter Sexta às Seis o público vai estar lá de qualquer forma, tem muita gente que criou esse hábito de ir sexta-feira à tarde no Parque Ambiental, vemos também o retorno do público em relação ao acompanhamento das bandas, incentivar as bandas dos amigos que vão estar lá se apresentando, percebemos muito isso, tem bandas que conseguem levar muita gente, conseguem fazer essa mobilização do público, mas mesmo assim todo Sexta às Seis tem público, porque tem o público que é recorrente, público fiel mesmo do evento, isso nós identificamos nos rostos (risos), e isso é muito bacana. Do Festival de Música, vemos um retorno muito bacana, principalmente a alegria das pessoas por estarem em um momento musical na cidade, acompanhar uma semana e curtirem diversas atrações na cidade e isso dizendo das pessoas que vão até as atividades, tem as atividades no conservatório, no Ópera, no Parque Ambiental, até algumas da rua a gente vê pessoas que vão para acompanhar a programação mesmo, além disso as atividades que são feitas na Rua e em espaços abertos nós vemos muitas pessoas que estão passando e às vezes não estão nem sabendo o que está acontecendo e se deparam e se surpreendem com uma atração musical com o Festival ali no meio da rua, nisso elas nos dão um retorno muito positivo desse carácter de surpresa mesmo, de estar alegrando o dia.

Esse ano fizemos apresentação lá na rodoviária e foi muito bacana de ver as pessoas que estavam indo e voltando aproveitando, e das instituições que atendemos: presídio, asilo, CRAS, CAPES, escolas, vemos a importância de estar chegando nesses locais, também às pessoas que algumas não podem acompanhar que é o caso de asilo e penitenciária e se não fosse a prefeitura, o poder público levar essas iniciativas elas não teriam acesso por diversas impossibilidades, vemos a importância de estar chegando até eles, até porque de qualquer forma são cidadãos que merecem e tem direito garantido pela constituição de ter o acesso à cultura, então estamos possibilitando esse acesso para eles, e para os outros que podem até se deslocar há a questão da formação de público e percebe-se isso muito claramente, a questão da formação de público que vemos em algumas instituições e depois indo procurar as atividades em outros locais da cidade. O Festival é um evento que temos um carinho muito grande por ele por percebermos a importância dele para a cidade e como consegue atingir tão diretamente as pessoas. (Eduardo Godoy, 2019).

Como apontado, é de interesse do poder público local e da população em geral que projetos culturais ocorram cada vez mais em espaços públicos, a reflexão a seguir busca apresentar como o espaço público é estrutura importante nas cidades, e porque é vital a manutenção dos mesmos.

2.3 Políticas culturais e espaços públicos

Embora seja papel do poder público local criar, gerir e manter políticas culturais locais, a afirmação de Serpa (2007, p. 142) indica que o processo é ainda mais complexo, pois “a cultura é um motivo de conflito de interesses nas sociedades contemporâneas, um conflito pela sua definição, pelo seu controle, pelos benefícios que assegura”, ou seja, envolve relações de poder, desse modo, seria errôneo e raso pensar que todas as pessoas possuem o mesmo privilégio de participar de atividades promovidas através de políticas culturais. Esses eventos, projetos e manifestações, por mais atrativos que sejam, não chegam a toda população, tanto pela questão econômica quanto pela localização, pode-se indicar também o fato de não ter o ‘*habitus*’²⁹ de muitas pessoas frequentar eventos musicais ao vivo.

Pensar em políticas públicas culturais requer pensar na reinvenção do cotidiano; no estímulo da diversidade, da criatividade, da transformação social, o que

²⁹ Considera-se o *habitus* conforme Setton (2002), que elabora uma reflexão através dos estudos de Bourdieu (1992), afirmando que o *habitus* é construído no processo de socialização, processo esse sempre inacabado pois ocorre durante a vida do indivíduo, é estruturado nos meios sociais, e estruturante de ações e representações, “é um instrumento conceptual que auxilia a apreender uma certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social” (Setton, 2002, p. 65).

pressupõe pensar em direitos. Para isso, o poder público deve apresentar uma estratégia cultural, ou um planejamento cultural; esse planejamento deve relacionar os objetivos, as atividades, os recursos e resultados esperados, e sobretudo, deve contar com a participação popular, o que “significa, dar voz e visibilidade para os diferentes agentes e grupos que produzem e assimilam (apreendem) cultura, reconhecendo sua diversidade e suas diferenças. É preciso desconstruir a hierarquia das diferenças que transforma o que é diverso em desigual” (SERPA, 2007, p. 143), já que o direito à cultura está previsto na Constituição Federal de 1988, no art. 215 que afirma, “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

No art. 215 também está incluso o Plano Nacional de Cultura (PNC), que vai até dezembro de 2020, baseado em três dimensões: a cultura como expressão simbólica; a cultura como direito de cidadania; e a cultura como potencial para o desenvolvimento econômico. Ele é constituído por 36 estratégias, 274 ações e 53 metas³⁰, sua execução depende da cooperação de todos, e não apenas do Governo Federal, é papel dos estados e municípios elaborarem planos de cultura que dialoguem com o PNC sem perderem as especificidades locais.

No município de Ponta Grossa, a atuação do poder público no âmbito cultural, dá-se por meio da Fundação Municipal de Cultura e que tem por finalidade³¹ planejar, promover, coordenar, executar e acompanhar as ações culturais do Poder Público Municipal no domínio da produção, memória e difusão, bem como fomentar as manifestações artístico-culturais dos diversos segmentos da sociedade. Dentre as inúmeras competências desse órgão, destaca-se: I) a responsabilidade juntamente ao Conselho Municipal de Política Cultural pela elaboração das políticas culturais do município; II) incentivar a participação da comunidade em favor de programas e projetos culturais, buscando a expansão das atividades culturais na sociedade pontagrossense; III) convocar e coordenar a realização da Conferência Municipal de Cultura, e, IV) gerir fundos e contas, e aplicar recursos relativos ao desenvolvimento de suas atividades.

³⁰ Pode ser consultado em: <http://pnc.cultura.gov.br/lei-do-plano/>

³¹De acordo com o site oficial da cidade de Ponta Grossa, disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/fmc>

Pode-se indicar como grande propulsor da cultura na cidade o Plano Municipal de Cultura³² (LEI Nº 13.026, de 18/12/2017), que estabelece as normativas para a realização dos programas e projetos culturais que podem ser realizados por meio tanto de incentivo de iniciativas privadas quanto da iniciativa do próprio poder público, o mesmo ocorre com os investimentos destinados a esses projetos e programas que podem ser de iniciativas privadas, mas também, através do Fundo Municipal de Cultura, que é uma conta bancária onde ficam registradas as verbas públicas destinadas a cultura da cidade durante o ano.

De acordo com Eduardo Godoy, os eventos estudados (Festival de Música e “Sexta às Seis”) estão inseridos no ‘guarda-chuva’ do Plano Municipal de Cultura da cidade. Eduardo explica que:

Eles atendem bastante itens do nosso Plano Municipal de Cultura, falamos que está sob o guarda-chuva do Plano Municipal de Cultura desde o final de 2017, os eventos têm que atender no mínimo uma parte dos itens que demandam do Plano, exemplo: a democratização do acesso à cultura é um dos principais já que os dois eventos ocorrerem gratuitamente, o Sexta às Seis por acontecer no espaço central próximo ao terminal urbano aberto ao público, o Festival de Música em espaços também centrais abertos ao público mas também nas comunidades, instituições, presídios, enfim, atendendo grande parte da população em diversos bairros; a questão do auxílio do apoio ao fazer artístico, no Sexta às Seis é quase 100% de bandas da cidade, tirando os especiais, ele é voltado para os músicos da cidade, o Festival de Música boa parte também é voltado para os artistas locais; atendimento a crianças e adolescentes; o incremento ao turismo cultural que é um dos itens que acaba trazendo principalmente no Festival de Música que vem pessoas de fora da cidade para curtir o festival não só de contratação mas para participar do festival; os principais itens são esses. (Entrevistado Eduardo Godoy, 2019).

Para os músicos (apêndice G e I) e o público (apêndice H), é importante que o Poder Público amplie as atividades culturais na cidade, eles afirmam que eventos musicais como o Sexta às Seis e o Festival de Música de PG são boas opções de investimento de verba pública, que projetos assim dão visibilidade aos artistas locais, movimentam a cena cultural da cidade, bem como aumenta as vendas de comerciantes locais. De acordo com o respondente 2 “tanto o Festival quanto ao Sexta às Seis são os eventos mais acessíveis à comunidade em geral e ao mesmo

³² Define políticas públicas por dez anos, assegurando o estabelecimento de um sistema de gestão pública e participativa e o acompanhamento e avaliação das políticas culturais, proteção e promoção do patrimônio e da diversidade cultural, acesso a produção e fruição da cultura em todo o município, além da inserção da cultura em modelos sustentáveis de desenvolvimento socioeconômico (LEI 13.026/2017).

tempo são os eventos mais ‘alternativos’ promovidos pela fundação/prefeitura”. Já o respondente 3 afirma que é obrigação da prefeitura promover o acesso à cultura “toda cidade deve garantir o acesso à cultura aos seus moradores, acredito que além de mantê-los, a prefeitura deveria fornecer mais eventos culturais para que as pessoas frequentem e se tornem mais cultas”.

Diante disso, é possível afirmar que a dinâmica de criação, promoção, circulação e participação cultural da cidade são processos importantes que só se concretizam através da boa relação entre o Poder Público, os secretários de políticas culturais, artistas locais, verba pública ou privada – através de agentes patrocinadores – e principalmente a população. Por fim, ressalta-se que a escolha dos locais de realização dos eventos se dá em função da acessibilidade da população, pois se faz necessário levar cultura a espaços também destinados a outras atividades, afirmação que vai ao encontro das respostas dos músicos e público participante.

2.4 Espaços públicos: diversidade, equidade e direito à cultura e à cidade

A partir da entrevista com o poder público nota-se a primazia pela utilização dos espaços públicos como locais de ocorrência dos eventos musicais da cidade. Primeiramente, entende-se que para um espaço ser considerado público não deve haver restrições em relação a sua acessibilidade, este deve ser organizado pelo poder público e é um direito elementar à própria cidade³³ (LEFEBVRE, 2001), pois permite a criação de relações significativas entre os indivíduos e a cidade, produzindo aprendizado, acesso à cultura, aventura individual e coletiva, se fala em

³³ Henri Lefebvre (2001) em sua obra ‘O direito à cidade’, utilizada por estudiosos de diferentes áreas, traz uma abordagem para entender a cidade através dos direitos dos cidadãos e à vida urbana. Nessa obra o autor demonstra o processo pelo qual a cidade passa através da industrialização, quando passou a ser vista e constituída como mercadoria, onde há a maior valorização de troca e não a de uso e que esse processo não é natural, pois existem frações de classes que dirigem e interveem nesse processo, produzindo uma cidade segregada. Lefebvre (2001) direciona os pesquisadores a pensar que os problemas sociais urbanos não devem ser reduzidos apenas às questões de espacialidades e planejamento urbano, mas, que os indivíduos são sujeitos ativos na concepção de cidade, de cidadania indo além do direito ao voto, mas, habitar a cidade com suas diferenças e particularidades sociais, culturais e políticas. O autor nos convida a refletir sobre uma cidade possibilitadora de encontros, confrontos das diferenças, da visitação e da habitação; conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver e dos ‘padrões’ que coexistem nela; enfim, uma cidade que pode ser ouvida, lida, escrita, sentida e percebida.

espaço público, é preciso ter em mente que se trata da diversidade, equidade de direitos através das normas e leis de conduta, como afirmado por Gomes (2002, p. 162) “poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras de civilidade”. Sendo assim, as pesquisas na geografia, devem nortear-se pela concretude dos espaços públicos, considerar as práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem, e também, é necessário relacionar as dimensões políticas, sociais e aspectos formais e estruturais desses espaços (SERPA, 2004).

Os objetos de estudo dessa pesquisa – “Sexta às Seis” e Festival de Música – sempre ocorreram em espaços públicos de Ponta Grossa, propiciando durante os anos de ocorrência o fortalecimento da afirmativa de Sobarzo (2006) que analisa os espaços públicos como possibilitadores de encontros de pessoas desconhecidas, que mesmo quando possuem ideias, gostos e ideologias diferentes, não constituem nisso impedimento de uma boa relação social, do mesmo modo, esses espaços são “produtos”, já que são resultados de uma construção social ligada à necessidade de sociabilidade e, ao mesmo tempo, são “produtores” de novas relações construindo novos papéis como espaços por si mesmos (SOUZA, 2008, p. 16).

Serpa (2007) propõe analisar o espaço público considerando a forma e o conteúdo, buscando articular os aspectos que dão concretude a esses espaços e os aspectos mais subjetivos e abstratos, no caso, é necessário articular a disposição locacional em paralelo com as dinâmicas sociais (GOMES, 2002). Desse modo, é relevante pensar que o espaço público é um dos elementos que fazem e que dão vida à cidade, através das múltiplas manifestações, discursos, gestos, atividades, imagens, comportamentos, falas, itinerários, percursos e paradas, maneiras de particularizar e valorizar diferencialmente esse espaço, ou seja, são formas de ser no espaço.

Espaço público pressupõe a possibilidade de encontros de modos civilizados, de acordo com Gomes (2002), sua construção é dependente da obediência às leis e também aos seus limites, de modo que, muitas vezes, o indivíduo frequentador desse espaço prefere ficar entre os seus semelhantes ou mais próximos e também prefere lugares com características específicas que não fujam do seu padrão ou gosto, preferem lugares que os una por um interesse em comum, no caso dessa pesquisa: a música.

Visto o importante papel que o espaço público desempenha na cidade, é necessário refletir sobre a função do poder público tanto na criação desses espaços, como em sua manutenção, já que “o espaço público muitas vezes é usado como um amortizador dos conflitos, como uma forma de iludir os indivíduos” (VALVERDE, 2007, p. 74), assim também, esse espaço reflete as tensões do processo de produção do espaço urbano, bem como reflete os múltiplos conflitos de interesses que, geralmente, se resumem como conflitos público-privado e também conflitos em detrimento de privilégios a uma minoria (LEFEBVRE, 2001).

Frequentemente, as ações do poder público mostram uma mistura de interesses públicos e privados. Sendo assim, a relação entre poder público e espaço urbano pode ser analisada sob duas perspectivas: 1) poder no espaço – que é o exercício para o controle do espaço, havendo a modificação e definição das normativas legais de uso e ocupação do solo, assim como a implementação de infraestrutura, serviços e também investimentos; 2) poder do espaço – o espaço produzido nas suas desigualdades e contradições, facilitando ou dificultando a dominação política (SOBARZO, 2006, p. 97). Em vista disso, afirma-se que a relação do espaço público com o poder público local é direta, “já que este exerce o seu domínio – do ponto de vista legal, constituindo-se, por excelência, no espaço da intervenção do poder público” (SOBARZO, 2006, p. 98).

Portanto, para que os indivíduos se sintam atraídos a movimentar, utilizar e apropriar-se dos espaços públicos, os mesmos devem estar em boas condições, bem estruturados, transparecer a pluralidade cultural e vitalidade da cidade. Consolidando esse compromisso por meio do poder público, evita-se que haja o abandono, que o espaço em questão se converta em terra de ninguém, não havendo regras de usos, e assim perder suas características fundamentais: a de terreno de convivência, associação social e encontro entre diferentes (GOMES, 2002).

Uma das formas de evitar o abandono dos espaços públicos seria através da apropriação, resultante do uso, pelas relações horizontais³⁴, onde as pessoas constroem e são construídas, modificam e são modificadas, encontram e dão

³⁴Termo utilizado por Milton Santos em seu livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* que fala sobre as horizontalidades (1997, p. 227) “são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contra finalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista, e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta”.

sentidos ao e no espaço público que se abre para infinitas possibilidades, uma delas seria a leitura do outro e daquilo que é diferente (SOBARZO, 2006). Essa apropriação pode levar ao sentimento de pertencimento e reconhecimento e adiante talvez, a uma mobilização social com a potencialidade de transformação da realidade. Além disso, a apropriação cotidiana dos espaços públicos pode ser considerada como “um primeiro estágio da articulação escalar com vistas à geração de processos de transformação e mudança social na escala da cidade” (SOBARZO, 2006, p. 108).

De acordo com os músicos que tocaram no “Sexta às Seis” (2019), os espaços públicos são essenciais para a sociedade tanto “socialmente como culturalmente” (Alain Barros, 2019), manter uma boa estrutura física com iluminação, segurança, projetos sociais, pois, de acordo com Kevin: “viver em sociedade não é só estudar e trabalhar, mas interagir com o outro, e os espaços públicos podem permitir isso, [...] são importantes para o convívio em sociedade, para as expressões artísticas e para o lazer como forma de repouso e descanso”.

Já para o público respondente do questionário (apêndice H), os espaços públicos são fundamentais para o desenvolvimento social, entretanto, muitos espaços públicos da cidade estão descuidados, principalmente os espaços públicos afastados da área central urbana. O respondente 27 afirma que na gestão do atual prefeito os espaços públicos estão recebendo atenção especial: “está fazendo um bem danado para os espaços públicos, esses espaços são importantíssimos para integração social da cidade, permitindo momentos de lazer pra todas as classes sociais”.

Com essas afirmações, considera-se que são por meio da utilização dos espaços públicos que se obtêm os aspectos marcantes da vida, ou parte dela, são esses espaços que carregam os sentidos da história das cidades e a expressão da diversidade de comportamentos, estilos e modos de vida, são “lugares de interação sócio espacial” (LOBODA, 2008, p. 64), ou seja, incluem “o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer, que caracterizariam o homem como espontaneidade, como energia vital” (SERPA, 2007, p. 38).

Mediante o exposto, presume-se que além da estrutura e manutenção física, o que atrai os indivíduos aos espaços públicos, são políticas públicas culturais efetivas, promovidas pelo poder público com a participação direta da sociedade. Essas políticas devem assegurar a todos o direito social ao lazer e à cultura, que

estão estritamente ligados ao direito à cidade, pois, para muitas pessoas, são os espaços públicos gratuitos os únicos locais onde encontram a oportunidade de desfrutar de momentos de lazer, apreciar uma atividade cultural ou até mesmo desfrutar de momentos de ócio.

O capítulo seguinte demonstra como o Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas se tornou um dos espaços públicos mais utilizados para elaboração de eventos culturais na cidade exatamente por motivos de localização, estrutura e preferência das pessoas.

3 PERCEPÇÃO, CONCEPÇÃO E VIVÊNCIA NO ‘ESPAÇO’ DOS EVENTOS MUSICAIS – “SEXTA ÀS SEIS” E FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA

Nesse capítulo será apresentado o perfil dos envolvidos nos eventos: locais de moradia, renda, idade, gênero. Será apresentado também o local de ocorrência dos eventos – Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas – sua estrutura e espacialização, sua utilização enquanto espaço público propício para os eventos e a visão dos envolvidos sobre ele. Por fim, será apresentada a tríade espacial de Lefebvre, espaço percebido, concebido e vivido, buscando aplicá-la ao fenômeno dos eventos musicais no espaço público.

Apesar do questionário *online* ser uma ferramenta que auxilia na obtenção de dados com maior rapidez e que possibilita coletar informações das pessoas em diferentes localidades e da entrevista possibilitar o contato direto com os envolvidos, compreende-se que nem todas as pessoas que participam dos eventos têm acesso à internet, ou preferem não se aproximar dela, ou muitas vezes não tem o hábito e a necessidade de aproximação. E também, por motivos de organização do tempo e local, não foram feitas apenas entrevistas, mas por meio da observação participante também que se buscou a aproximação com esses indivíduos que não foram entrevistados e que não responderam o questionário.

3.1 Perfil dos sujeitos envolvidos (público e músicos)

A partir das entrevistas e análises dos questionários foi possível identificar um perfil dos envolvidos nos eventos.

Em relação ao número de respondentes do questionário, a prevalência é de homens, somados em 30, já as mulheres que responderam ao questionário foram apenas 13. Essa proporção é constatada também nas bandas e grupos musicais participantes dos eventos. Apenas dois grupos musicais são compostos só de mulheres (banda A Vera e MUM), no restante aparecem algumas mulheres integrantes, mas em comparação ao número de bandas compostas exclusivamente por homens, ainda é inferior³⁵. Apresenta-se esses dados para mostrar que as mulheres vêm buscando, no decorrer do tempo, participar e apropriar-se desses

³⁵ Para dados mais aprofundados sobre desigualdade e proporção de gênero seria preciso uma nova pesquisa e aprofundamento teórico, que não cabe no momento nessa pesquisa.

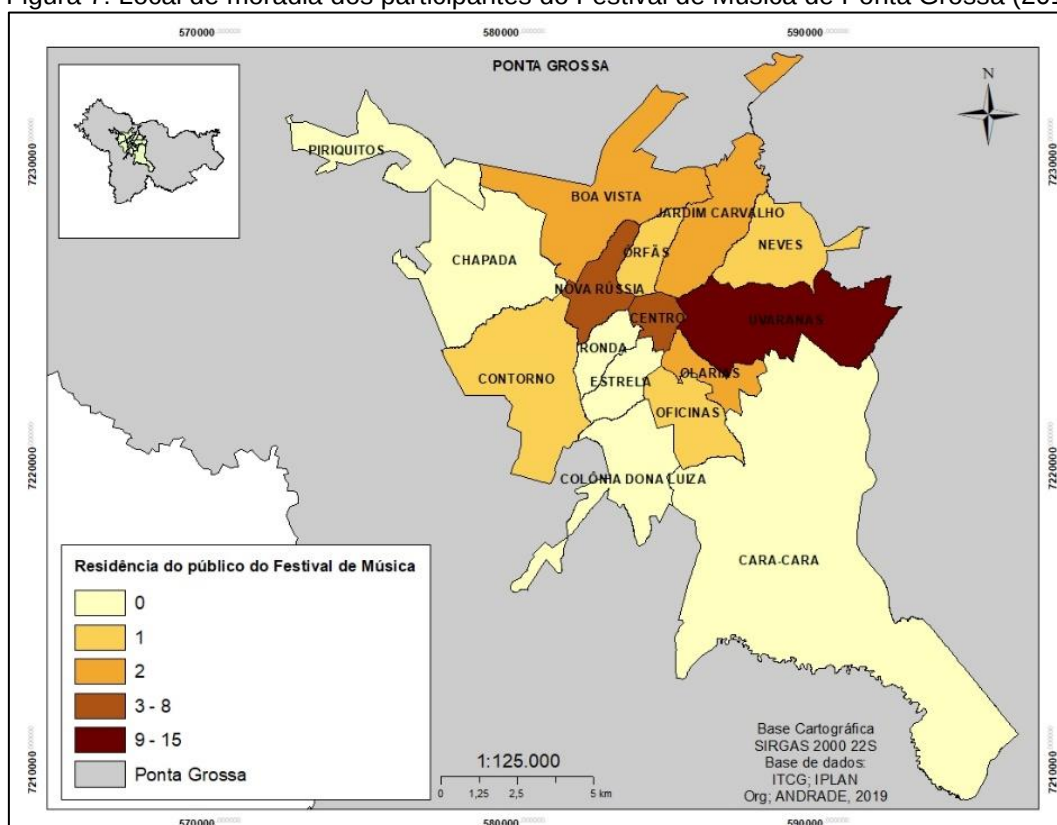
espaços, mesmo sendo ainda um número inferior, as mulheres estão buscando cada vez mais se inserir na atmosfera da música, principalmente fazendo músicas destinadas ao público feminino.

A idade dos participantes varia entre dezesseis anos e quarenta e cinco anos, entretanto, esse valor corresponde apenas aos respondentes do questionário, mas, através da observação participante, é notável a presença de crianças e também idosos. Já a idade dos músicos varia de dezenove a trinta e nove anos.

Já em relação à escolaridade, o maior número de pessoas possui ensino médio completo (24 respondentes), em seguida aparece as pessoas com ensino superior completo (14 respondentes) e por fim, apenas 5 respondentes com ensino fundamental completo. Esses números tem correlação com a idade, os respondentes de menor idade são aqueles identificados com apenas ensino fundamental completo.

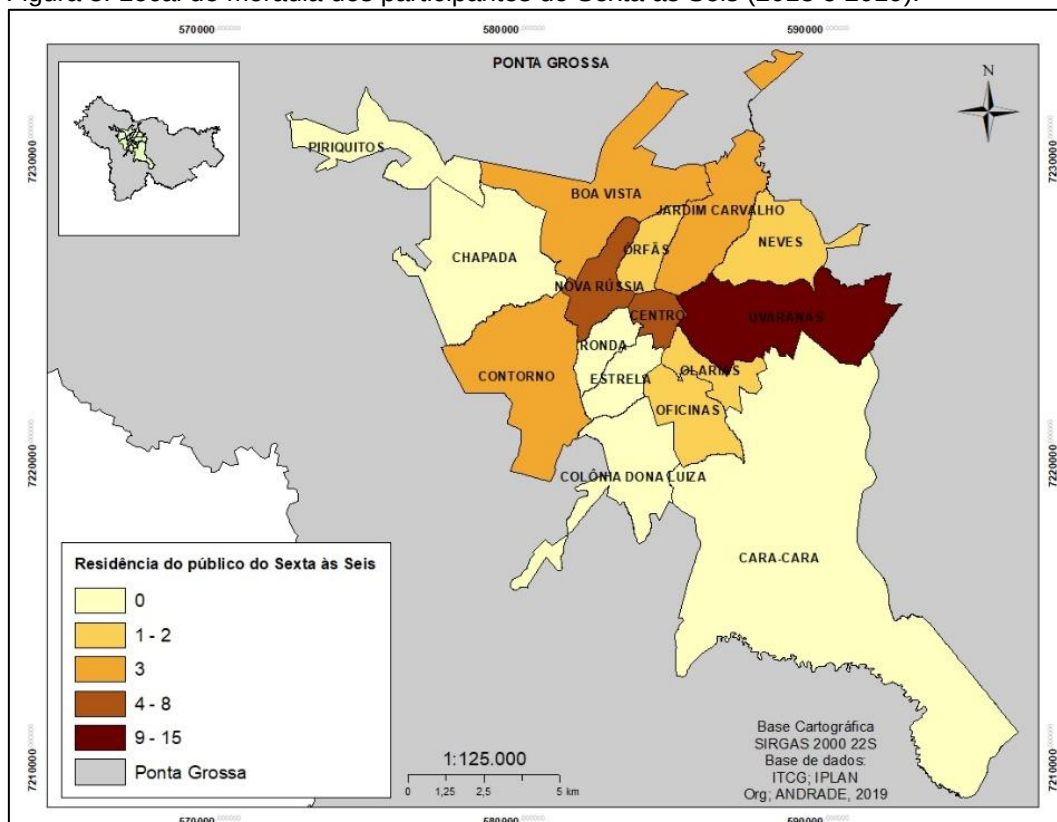
Em relação ao local de moradia dos respondentes, percebe-se que o bairro com maior número de participantes durante os eventos é o bairro de Uvaranas, esse dado pode estar ligado ao fato do bairro de Uvaranas ser mais próximo ao centro, nesse caso seria de mais fácil acesso ao Parque Ambiental (bairro Centro). Mesmo assim, os eventos têm a participação de moradores de bairros mais longínquos como bairro Contorno, bairro Chapada e bairro Boa Vista, isso é demonstrado nas figuras 7 e 8.

Figura 7: Local de moradia dos participantes do Festival de Música de Ponta Grossa (2018 e 2019).



Fonte: A autora (2019).

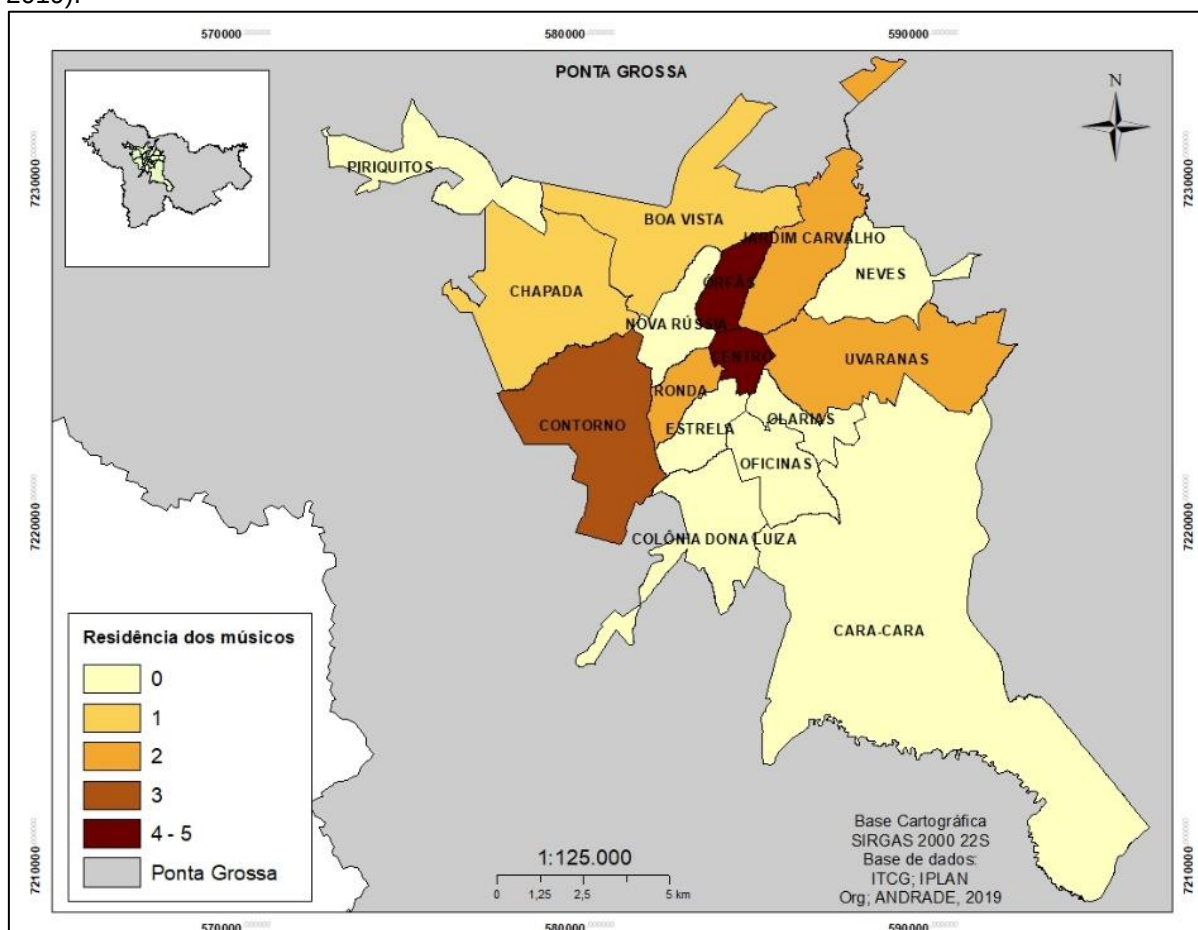
Figura 8: Local de moradia dos participantes do Sexta às Seis (2018 e 2019).



Fonte: A autora (2019).

Em relação ao local de moradia dos músicos participantes do “Sexta às Seis” e do Festival de Música que residem em Ponta Grossa, aparecem dois bairros com o maior número, sendo o bairro Órfãs e o Centro (demonstrado na figura 9).

Figura 9: Local de moradia dos músicos participantes do Festival de Música e Sexta às Seis (2018 e 2019).



Fonte: A autora (2019).

Sobre a renda dos participantes dos eventos o maior número (20 indivíduos) afirma possuir mensalmente a renda de mil a quase cinco mil reais, em seguida 12 indivíduos afirmam ter renda de até novecentos e noventa e nove reais, e o restante (11 indivíduos) afirma estar desempregado.

No caso dos músicos, buscou-se saber se possuíam outra profissão ou se a renda provém apenas da música. A maioria afirma ainda não conseguir ter como profissão principal a música, há administradores, açougueiros, programadores, cervejeiros artesanais, analistas de TI, entre outros.

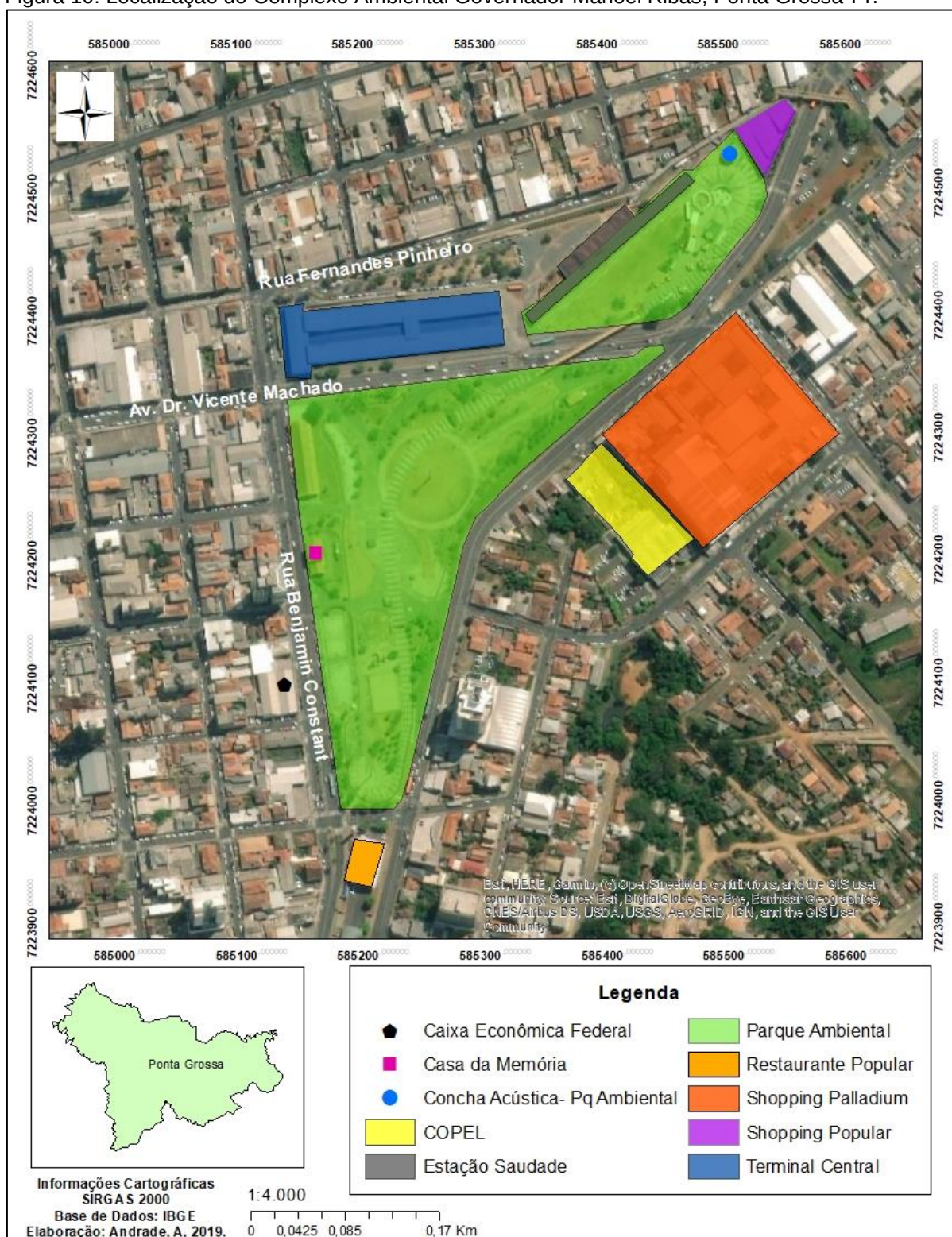
A seguir, apresenta-se o espaço público que esses indivíduos frequentam durante as apresentações do “Sexta às Seis” e Festival de Música.

3.2 Espaço público em questão: Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas.

Durante o ano de 2018 e 2019, buscou-se analisar as formas e maneiras que os envolvidos nos eventos (poder público, músicos e público) utilizaram e apropriaram-se do espaço público em questão – Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas. Tendo em conta que o espaço deve ser considerado como “um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 2006, p. 25), pode-se pensar que o ‘Parque Ambiental’ possui esses objetos naturais e sociais, pois é utilizado de várias maneiras pela sociedade, entre elas: práticas esportivas, comércio, recreação e o lazer, é um espaço mutável, heterogêneo e de livre acesso.

A pesquisa elaborada por Andrade (2017) apontou, através da perspectiva do Guia do Espaço Público (realização da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo), pontos a serem levados em consideração em relação ao um espaço público de qualidade: acessibilidade, estrutura, segurança, igualdade social, preservação ambiental, etc. Assim sendo, o Parque Ambiental em sua larga extensão, possibilita observar as ações, e o que ocorre nesse espaço. Há uma boa conexão entre esse espaço e os equipamentos ao entorno do mesmo: o Shopping Palladium, a COPEL, lojas comerciais, terminal de transporte urbano, ligação com três ruas movimentadas do centro da cidade (Avenida Dr. Vicente Machado, Rua Benjamin Constant e Fernandes Pinheiro), desse modo, é um espaço planejado para haver entrosamento entre ele e as estruturas ao redor. É um espaço aberto, sem restrições ou barreiras físicas, as pessoas podem facilmente caminhar até o local sem muitas dificuldades, atravessando apenas ruas com sinalização e faixas para pedestres, também possui calçadas para pedestres, rampas de acesso para deficientes físicos, só não possui piso tátil para deficientes visuais, nesse quesito, há de ser melhorado.

Figura 10: Localização do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, Ponta Grossa-Pr.



Fonte: A autora (2019).

À primeira vista, o Parque Ambiental apresenta boa estruturação: amplo, com várias árvores, bancos, pista de caminhada, academia ao ar livre, pista de skate e quadras de esportes, parque infantil, redários e gramado amplo. Pode-se dizer que

o espaço é particularmente limpo, são responsáveis pela limpeza equipes contratadas pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, dessa forma a limpeza do local é feita diariamente e em todo o perímetro encontram-se lixeiras.

O conjunto de fotografias a seguir demonstram diferentes usos desse espaço que, com o decorrer dos anos, foi se transformando, nem sempre esse espaço foi assim. De acordo com Eduardo Godoy, membro da Fundação Municipal de Cultura, havia muitas reclamações sobre o parque, as pessoas reclamavam em relação às áreas verdes, já que não existiam tantas árvores como agora e nem um gramado tão extenso. Com o passar dos anos, a prefeitura realizou ações de reestruturação do parque, entre elas a transformação em um parque realmente ambiental.

Fotografia 7: Diferentes espaços do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas.



Fonte: A autora (2019).

O local pode ser considerado seguro, pois há um posto fixo da Polícia Militar nesse espaço e durante alguns dias da semana há a presença de um posto móvel da Guarda Municipal. É um espaço muito movimentado durante o dia, com atividades bem diversificadas praticadas pelas pessoas que acessam esse local. Essas características fazem desse local um espaço público bem-sucedido, pois é

acessível, ativo, confortável e sociável.

O fato desse espaço público estar sendo tão aproveitado através dos diversos usos acontece porque as qualidades do ambiente são favoráveis para atividades diversas, é quando as vantagens tanto físicas, psicológicas e sociais se sobrepõem às desvantagens, o que torna o ambiente agradável, com segurança, beleza e conforto (GEHL, 2006, apud DARODA, 2012). Isso é afirmado pelo diretor de cultura, Eduardo Godoy

Hoje ele é um espaço, um ponto de encontro dos pontagrossenses, é a principal praça da cidade, e quando entramos na Fundação 2013 para 2014 ainda existia muita piada em cima do Parque Ambiental, pois não tinha árvore, que não era um Parque Ambiental era apenas um espaço que tinha as quadras, não tinha muito movimento, era ao lado da Estação Saudade e havia muita recorrência de tráfico de drogas, e uma das ações que definimos como meta naquele momento era movimentar mais aquele espaço, transformar o Parque em Ambiental mesmo. Isso foi inclusive uma demanda que veio diretamente do Governo Municipal, diretamente do Prefeito que aquela área fosse melhor ocupada, e a partir do momento que começamos a levar mais atividades para lá, que o Sexta às Seis foi para lá, o Parque Ambiental virou realmente um espaço que as pessoas sabem que: “alguma coisa vai acontecer na cidade? vai acontecer no Parque Ambiental!”. É no centro, é ao lado do terminal de ônibus, tem lugar para estacionar em volta, é prático o deslocamento, tem vários espaços que dá para ser utilizado, o Sexta às Seis é um exemplo, ele já usou três espaços do próprio parque, no Festival de Música a gente usa mais um ainda que é o Palco das crianças que é mais atrás das quadras, então temos essa possibilidade de circular com palcos dentro do parque. Tem hoje, depois da reestruturação do Parque, um parque infantil, tem pista de caminhada, quadra de futebol, melhor iluminação, segurança, tem movimento muito maior de pessoas que estão circulando por lá independente se tem uma atividade cultural ou não, então isso para nós também é um facilitador, por saber que se a levarmos alguma atividade para lá vai ter público, vai ter pessoas. E é um espaço democrático que vai desde as pessoas mais humildes até classe alta. É um espaço que todo mundo se sente acolhido, é o Parque Ambiental (Entrevistado Eduardo Godoy, 2019).

Gehl (2006) classifica as atividades que ocorrem em espaços públicos, dividindo-as em necessárias, opcionais e sociais. Necessárias: acontecem e transformam o espaço urbano em um meio de ligação entre pontos da cidade. Opcionais: acontecem em razão das vontades dos usuários, atividades das quais o indivíduo não sente obrigação, são atividades de lazer e ócio. Sociais: práticas sociais, como conversar, socializar, atividades em grupo etc. (GEHL, 2006, apud DARODA, 2012). Nessa perspectiva as atividades ocorrentes no espaço do Parque Ambiental são necessárias, pois, como já foi demonstrado é um local que sofre interferência, ao mesmo tempo em que interfere nos objetos ao seu entorno;

atividades opcionais, já que existem diversas possibilidades de usos e também atividades sociais, nas quais as pessoas estão em contato direto, seja praticando esporte ou comprando uma pipoca do ambulante.

3.3 Dinâmica espacial do Parque Ambiental durante o Festival de Música e o “Sexta às Seis”

Em relação aos eventos musicais que ocorrem nesse espaço, é inquestionável a diversidade dos indivíduos envolvidos no “Sexta às Seis” e Festival de Música, diferentes idades, classes sociais, gostos musicais e etc, todos utilizando o mesmo espaço. São diferentes grupos que somam presença nos eventos, o grupo de amigos, familiares, organizadores, artistas de rua, músicos, estudantes, etc. Todos esses grupos interagem entre si e com o espaço. Essas pessoas conversam e riem durante as apresentações, algumas se sentem tão à vontade que dançam na frente do palco, outras ficam apenas apreciando a música sem qualquer expressão facial ou corporal.

A dinâmica de espacialização do local muda em decorrência do tipo de música que toca, se a banda ou grupo musical é mais ou menos conhecido, e em decorrência das condições climáticas (ANDRADE, 2017). Em dias com temperaturas mais agradáveis, nota-se que as pessoas descansam e apreciam os shows sentados na grama espalhados pelo local, nos dias com temperaturas mais baixas as pessoas ficam mais próximas umas das outras, em busca por calor humano, calor esse fornecido na roda de amigos, no abraço do (a) companheiro (a) ou de algum familiar próximo.

Quando as bandas que sobem ao palco, tanto do “Sexta às Seis” quanto do Festival já tem uma carreira mais consolidada e conhecida, as pessoas acumulam-se em frente ao palco buscando sempre ficar o mais próximo possível dos músicos. O ritmo musical também é um fator de mudança, quando a banda toca músicas com um ritmo mais acelerado ou pesado como *heavy metal* e *hard core*, uma porção do público fica na frente do palco fazendo *mosh*, e o restante do público fica mais espalhado. Já quando a banda que sobe ao palco toca músicas com ritmos mais dançantes como *reggae* e o samba, é possível notar que as pessoas se esforçam para acompanhar o ritmo da música balançando, mesmo que timidamente seus corpos, outras, já menos inibidas, arriscam variados passos de dança, o que faz o

ambiente parecer mais agradável e descontraído.

Fotografia 8: Show da banda Selvagens a Procura de Lei no Festival de Música de 2018.



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 9: Show da banda Dazaranha no Sexta às Seis de 2019.



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Como o local de ocorrência dos eventos é um espaço público gratuito e aberto, durante as apresentações é possível observar que muitos participantes

levam seus animais de estimação, como uma opção de lazer. Nesse espaço público, durante as apresentações, é possível perceber que os artistas de rua marcam presença, com seus triciclos, malabares, artesanatos e artes. Nota-se que alguns aproveitam a movimentação que os eventos proporcionam para apresentar suas produções para o público (fotografia 10), da mesma forma, há aqueles artistas de rua que estão ali apenas para apreciar o espetáculo e curtir o som.

Fotografia 10: Apresentação de malabares durante o Festival de Música (2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018, 2019).

Durante as apresentações, nota-se a presença de um grande número de pessoas consumindo bebidas alcóolicas, em tardes com temperaturas mais quentes é possível observar que muitas pessoas levam caixas térmicas para conservar as bebidas geladas, em dias com temperaturas mais frias as bebidas mais percebidas são o vinho e o tubão³⁶, algumas pessoas têm consigo “cuias de chimarrão”. O fato das pessoas estarem consumindo bebidas alcóolicas durante as apresentações não significa que estão alcoolizadas, pois é pequeno o número de pessoas que

³⁶ Mistura alcóolica de vodca com refrigerante.

demonstram exceder o limite, esse ato apenas demonstra que o evento proporciona uma sensação de conforto tão grande que as pessoas se sentem à vontade para beber em um local público da cidade, mesmo havendo uma lei que proíbe esse tipo de ato.

3.4 Percepção, concepção e vivência dos envolvidos no fenômeno

Anteriormente, foi apresentado o papel do espaço público e como pode ser utilizado para atividades culturais e direito à cultura e à cidade. Nesse momento, busca-se através das concepções lefebvrianas elaborar uma análise de como o espaço em questão passa a ser percebido, concebido e vivido pelos envolvidos nos eventos (poder público, público e músicos).

Lefebvre em sua obra intitulada *La production de l'espace*³⁷, em 1974, produz uma teoria sobre a problemática do espaço. Para ele, era insuficiente definir o espaço a partir apenas da produção em sentido dos economistas (números, capital, quantias). Seu interesse seria o espaço vivido, vinculado à prática espacial, pois, para ele, o espaço não é apenas um receptáculo, no espaço se desdobram as estruturas econômicas, políticas e ideológicas. Sua teoria expõe o espaço como produto social, resultado das ações, relações e experiências sociais e fazendo parte delas, sendo suporte e também campo de ações sociais, é inacabado e continuamente produzido sofrendo interferências do e com o tempo, sendo o tempo elemento fundamental para descrição dos fatos ocorridos no espaço.

A base para compreender a teoria de Lefebvre (1991) é a assimilação de que a produção do espaço pode ser dividida em três dimensões ou processos dialeticamente interconectados, sendo fundamentalmente de igual valor: o espaço é ao mesmo tempo, percebido, concebido e vivido. Nenhuma dessas dimensões pode ser imaginada como a origem absoluta e, muitos menos, privilegiada. Pois, de acordo com o autor, é preciso ter a consciência que o espaço é inacabado e está sendo produzido temporalmente.

A seguir, no quadro 10, apresenta-se de forma sistemática como a concepção tríade de Lefebvre (1991) sobre o espaço poderia ser aplicada ao

³⁷ Essa é a versão oficial da obra, entretanto, foi feita a leitura da obra traduzida por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins de 2006.

fenômeno estudado – eventos musicais no espaço público Complexo ambiental Gov. Manoel Ribas.

Quadro 10: Tríade espacial baseada nos conceitos de Henri Lefebvre (1991).

PERSPECTIVA	ESPAÇO	CIRCUNSTÂNCIA DE ABSTRAÇÃO	APLICAÇÃO	AÇÕES E RESULTADOS
Práticas espaciais	ESPAÇO PERCEBIDO	É aberto ao toque físico, é o espaço material, correspondente ao mundo da interação tátil e sensorial com a matéria.	Espaço onde ocorre os eventos - Complexo Ambiental Gov. Manoel Ribas	Locais para sentar, boa/má estrutura, com/sem arborização, aberto/fechado...
Representação do espaço	ESPAÇO CONCEBIDO	É a junção de elementos e formas espaciais concebidas pelos especialistas (engenheiros, arquitetos, políticos, planejadores e cientistas urbanos) que criam signos e códigos de ordenação que fragmentam e restringem o espaço, formando o todo.	Espaço concebido e planejado pelo PODER PÚBLICO	Horário, local, datas disponíveis, acesso/restrrição de público, liberação/proibição de produtos...
Espaços de representação	ESPAÇO VIVIDO	Apresentam simbolismos complexos, são uma parte integrante de nosso modo de viver no mundo, espaço que a imaginação tenta modificar e apropriar.	Espaço dos MÚSICOS E PÚBLICO	Liberdade/dominação, diversidade/homogeneidade, amizades, encontros, confrontos, afetos, desafetos, alegrias, tristezas, memórias, sentimentos bons e ruins.

Fonte: A autora (2019).

O espaço material é onde se desenrolam as práticas espaciais, é aberto aos aspectos físicos sensoriais, nesse caso, seria o espaço do Parque Ambiental, onde as pessoas vão para apreciar as apresentações ao vivo, é esse espaço material que possibilitaria a convivência, as sensações e emoções dos envolvidos. O espaço concebido seria as representações e a forma organizacional do poder público sobre o espaço material criando ordens de conduta, normas de elaboração e especificando

as formas de cada 'objeto' em determinado local, restringindo ou abrindo este local. O espaço vivido seria aquele no qual os indivíduos representam e são representados, vivenciando aquele espaço através de emoções, símbolos, imaginação, ou seja, envolve o estado psíquico dos indivíduos.

O espaço material do Parque Ambiental, como já mencionado, é aberto e possui uma estrutura física adaptada para as atividades propostas e realizadas por seus frequentadores. É percebido pelos indivíduos participantes dos eventos como um espaço agradável, propício para realizar eventos como o Festival e o "Sexta". Muitos indivíduos reconhecem as ações realizadas pelo poder público em tornar o ambiente mais verde e seguro, entretanto, alguns indivíduos têm a percepção de que poderia ser feito mais: plantar mais árvores, melhorar a segurança, colocar mais lixeiras, fazer mais eventos etc. O respondente 5 percebe o contexto em que o espaço do parque está envolvido e explica: "a história arquitetônica do parque é interessante, assim como as construções ao seus arredores, tais como, Estação Saudade e Estação Arte, ambos patrimônios culturais. Nos últimos anos o parque passou por uma revitalização o que deixou mais bonito, mais arborizado. Sendo um local de fácil acesso, propício para realização de tais eventos". Vários respondentes apresentam uma percepção mais simplória afirmando ser 'legal', 'bom', 'acessível', entre outros termos.

A percepção que os músicos têm em relação ao espaço material em que ocorrem os eventos está em concordância com a percepção do público. De acordo com eles, o espaço, além de todas as características já apontadas, é também um espaço que tem boa acústica por ser amplo e está sendo mais valorizado tanto pelos indivíduos, como pelo poder público.

A concepção do espaço do Festival de Música e do "Sexta às Seis", como elencado por Lefebvre, fica a cargo do poder público – Fundação Municipal de Cultura. É esse órgão o responsável pela organização que dará suporte para ocorrer o fenômeno no espaço material do Parque Ambiental. É através das leis e normas que há a possibilidade da criação da atmosfera de envolvimento do fenômeno estudado. É o poder público que lança os editais de seleção dos músicos, que direciona a verba para o pagamento de cachês, que entra em contato com os músicos de fora, é o responsável pela montagem e desmontagem da estrutura do palco, iluminação e som, é o responsável pela escolha do local e as datas

disponíveis, bem como é responsável pela segurança dos indivíduos participantes. Como explica Fernando Durante, presidente da Fundação Municipal de Cultura:

Ocorre ali por vários fatores: primeiro porque é um lugar central, de fácil acesso, o terminal é ali, é muito fácil chegar no Parque Ambiental pelo terminal, as pessoas do centro podem ir a pé, tem todo um esquema de segurança já implantado com câmeras de vigilância, Guarda Municipal, há um posto da Polícia Militar do lado também, isso tudo são fatores que analisamos para podermos desenvolver um evento, porque é preciso pensar em todos esses fatores: o fator trânsito; o fator segurança; fator alvará; tem vários e vários. É um processo que necessita mandar solicitação e informação para polícia militar e civil, para o Juizado, enfim, toda essa parte legal precisa ser feita, ainda tem a questão dos bombeiros e tudo mais. Esses são fatores que influenciam por isso que realizar naquele espaço é mais fácil. Primeiro por ser um local central e qualquer pessoa pode vir, gratuito, por ter pontos de ônibus, tem muitas pessoas que saem do trabalho e passam no Sexta, depois pegam o ônibus para ir para casa, tem as paradas para Uber e outros aplicativos que facilitam ir e vir. Se fosse feito em outro local já não haveria aquela tradição, pois, todo mundo sabe que o Sexta às Seis é no Parque Ambiental, só ficam confirmando as datas, desse modo o público não fica naquela dúvida: “de quando é, como é que é, como é que não é?”. Então, fazemos uma licitação de estrutura e uma previsão que será tudo naquele espaço porque não tem problema de transporte, de som, de palco, de uma série de coisas. (Entrevistado Fernando Durante, 2019).

Por fim, a vivência no espaço dos eventos musicais envolve tanto a imaginação e simbolismos criados pelo público, pelos músicos e também o poder público. Esse é o espaço vivido elencado por Lefebvre, é nesse espaço que se nota a vivência das pessoas em relação ao fenômeno estudado, quando essas pessoas afirmam que durante os eventos fazem amizades, se divertem, conhecem pessoas, tem afetos e desafetos; que os músicos dizem sentir uma energia do público enquanto estão no palco, sentir o reconhecimento do seu trabalho; quando os membros da Fundação afirmam que realizar esses eventos nesses moldes é importante para eles por sentirem através do retorno da população que estão fazendo um bom trabalho, tudo isso é sentido no espaço inicialmente percebido, depois concebido e enfim, vivido.

Como afirma Lefebvre, não é possível dar maior importância de uma percepção de um espaço em detrimento do outro. Isso é notável no fenômeno estudado, o espaço físico de ocorrência dos eventos, as normatizações da ocorrência dos eventos e a vivência dos indivíduos entram em harmonia, não aparece em nenhum momento uma dimensão que se sobressaia à outra, pode-se

pensar que se não fosse aquele local, naquelas normas e com aquele público, provavelmente o desfecho de ocorrência do fenômeno seria completamente diferente, o que demandaria outra possibilidade de observação e conseqüentemente as dimensões espaciais apresentadas por Lefebvre não se aplicariam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as observações participante nos eventos musicais “Sexta às Seis” e Festival de Música de Ponta Grossa, houve preocupação em me apresentar não apenas como pesquisadora, mas além disso, como uma pessoa comum que aprecia a música e que percebe a energia coletiva de um show ao vivo (em espaço público). Em diversos momentos foi possível esquecer o papel de pesquisadora, muitas vezes o envolvimento em cantar, dançar, interagir com os indivíduos ali presentes se tornou tão trivial que o processo de observação aconteceu quase que de forma natural, era apenas mais uma pessoa no meio de várias que estavam ali para ‘curtir’ o show. Em vários momentos esquecia que estava em processo de pesquisa, talvez esse seja um dos ‘poderes’ da música e da atmosfera criada por ela. Participar de maneira tão ativa do fenômeno estudado possibilitou perceber que talvez um dos motivos que fazem as pessoas comparecerem aos eventos musicais é exatamente para fazer parte da experiência musical, pela sintonia envolvente, por sentir a música entrando não apenas nos ouvidos, mas, sentir suas ondas sonoras passando pelo corpo todo.

Os dois eventos podem ser considerados de pequeno porte (entre 300 a 900 participantes por edição), entretanto, isso não diminui a sua importância, pois, o “Sexta às Seis”, que existe desde o ano de 1990, passou por várias mudanças (localização, formato de seleção dos grupos e bandas, cachês e estilo musical), e durante todos esses anos o público se manteve fiel participando de todas as edições e acompanhando via redes sociais as notícias e ações tomadas pelo poder público em relação ao evento. Já o Festival de Música de Ponta Grossa, que no início, em 2008, era direcionado aos alunos de música erudita, passa, depois de alguns anos, por uma renovação com objetivo de alcançar um número maior de pessoas, através de atividades diversificadas, com músicas de variados estilos e de forma gratuita. Os resultados dessas mudanças são notáveis no número de participações, tanto nas oficinas, como nas apresentações que ocorrem nas ruas, e também nas apresentações do Palco Novas Sonoridades, que a cada ano conquista mais e mais pessoas.

São vários os fatores que contribuem para o sucesso dos eventos, cita-se: o local de ocorrência – Parque Ambiental Governador Manoel Ribas – espaço público

aberto e gratuito, localizado no centro urbano da cidade, próximo a bancos, *shoppings*, terminal de transporte público e comércio em geral, atualmente o local está bem arborizado e relativamente seguro já que possui um posto fixo da polícia militar; o fator diversidade musical, tanto o “Sexta às Seis”, como o Festival são abertos a todos os estilos musicais desde o pop ao *heavy metal*; os dois eventos são inteiramente gratuitos; em nenhum dos dois há restrições de idade, possibilitando a participação desde crianças a idosos; e por fim, o incentivo aos músicos locais, escolhendo-os através de processos seletivos com pagamentos de cachês aos selecionados.

É identificável a preocupação dos membros da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, aqueles diretamente envolvidos na organização do “Sexta” e do Festival, em proporcionar não apenas momentos de lazer, mas o encontro com a cultura local pelos participantes, bem como proporcionar a aproximação do público com artistas reconhecidos nacionalmente, sem a cobrança de taxas. Há a preocupação também em proporcionar aos músicos locais a experiência em apresentar seus trabalhos através de palcos com grandes estruturas sonoras e recebimento de cachês, mesmo sendo valores não muito altos, mas que são incentivos para os músicos continuarem seus trabalhos.

Destaca-se que é papel do poder público manter, organizar e divulgar eventos culturais, bem como proporcionar aos seus cidadãos espaços para as manifestações sociais, culturais e políticas. Diante do processo de “decadência do homem público” (SENNET, 1988) as atividades, especialmente as culturais, são sempre bem-vindas. Nesse sentido, é importante que os eventos musicais estejam inseridos, como é o caso de Ponta Grossa, nas metas do Plano Municipal de Cultura, que é instrumento de planejamento pensado e debatido em acordo com conselheiros, artistas e população em geral e de extrema importância na afirmação de direitos culturais de todas as pessoas.

Foi possível constatar que a noção de cultura não é igual para todos, principalmente para aqueles que a visualizam de fora. Isso foi analisado em um caso específico em uma das apresentações no “Sexta às Seis” (apontada por Eduardo Godoy, anexo F). Uma das cantoras tinha em seu repertório coreografias da relação entre duas mulheres. A encenação foi gravada e em seguida publicada em uma página de notícias (não oficial) na rede social *facebook*, acarretando em uma série

de comentários preconceituosos e até mesmo ofensivos de pessoas que certamente não assistiram à apresentação, mesmo assim, um número ainda maior de pessoas saiu em defesa da performance da cantora. Essa ocasião demonstra que é imprescindível que haja durante os eventos proporcionados pelo poder público diferentes expressões culturais, afinal, não é só porque determinado grupo de pessoas não gosta, que a arte não possa ser considerada cultura. Ocasões como essa são cada vez mais necessárias para derrubar certos pensamentos que restringem a diversidade e a amplitude do arco cultural (WARNIER, 2000).

Além da diversidade cultural, aponta-se a diversidade do público participante: os dois eventos conseguem reunir no mesmo espaço do Parque Ambiental pessoas com características, gostos, ideologias, classes sociais e idades diferentes, ampliando o convívio social, o fortalecimento de laços afetivos, movimentação e apropriação do espaço público, e consequentemente, a troca de experiências.

De acordo com as falas dos respondentes ao questionário (apêndice H), as experiências vividas durante os eventos vão desde emoções sentidas com determinadas canções; lembranças e memórias de fatos vividos em anos anteriores; conquista de afetos e desafetos; conhecer artistas e bandas diferentes, muitas vezes da própria cidade; o reencontro com pessoas queridas; e o vivenciar e participar ativamente do fazer cultural da cidade.

Todos os apontamentos demonstraram que os participantes vivem experiências importantes e inesquecíveis durante os eventos “Sexta às Seis” e Festival de Música. Do mesmo modo, para os músicos locais que tiveram a oportunidade de subir nos palcos dos eventos, a experiência foi gratificante pelo reconhecimento de seus trabalhos, pela energia e boa recepção do público e principalmente ser reconhecidos e incentivados pelo poder público local.

Evidenciou-se que os componentes do fenômeno estudado (evento musical, espaço público, política cultural) tem uma conexão muito grande, de modo que quando um deles falta, o fenômeno possivelmente deixa de existir. Os eventos musicais por si só, sem o incentivo e organização do poder público e deixando de ocorrer em espaço público aberto e gratuito, não teriam o sucesso que tem hoje. Isso é visível em outros eventos musicais que ocorrem na cidade, patrocinados por empresas privadas e com cobranças de entradas e em locais fechados, restringindo a diversidade e acessibilidade do público. Além disso, existem vários espaços

públicos abertos e gratuitos no perímetro de Ponta Grossa que, sem uma atividade cultural como eventos musicais, são esquecidos tanto pela população, como pelo poder público: eles existem, mas não são utilizados. Por fim, políticas públicas culturais existentes, mas que ficam apenas no papel, não têm serventia nem para os governantes, muito menos para a população. É preciso que essas políticas sejam ativas e divulgadas, que as pessoas tenham conhecimento de sua existência, bem como saibam onde estão sendo aplicadas.

A pesquisa sobre espaços públicos poderia ser realizada através da geografia urbana, economia, arquitetura, entre outros vieses, entretanto, foi escolhida a abordagem cultural, a saber, das experiências vividas pelos indivíduos, por compreender que são essas experiências que dão sentido à vida, é através delas que as pessoas criam afinidades, que adquirem consciência, vão além dos limites da razão, e ainda, que passam a acreditar em fatos porque os vivenciaram.

Desse modo, são as pessoas que contam através dessas vivências qual a importância do espaço público para a cidade, o que deve ser levado em consideração em sua utilização pelo poder público, e enfim, realizar eventos musicais nesses espaços proporciona momentos tão especiais em suas vidas. Nesse caso, a análise do espaço público buscou ir além da estrutura e localização, mas demonstrar seus usos e apropriações através das experiências pessoais e coletivas dos envolvidos em dois dos mais importantes eventos culturais de música da cidade.

Em se tratando de informar a população e divulgar dados, editais e projetos culturais, considerando que vivemos a era das tecnologias, e que a grande maioria das pessoas está diretamente conectada a redes sociais, o poder público local tem deixado a desejar nesse quesito. Primeiramente pela falta de uma página específica na internet destinada à Fundação Municipal de Cultura e outros seguimentos culturais, como havia alguns anos. Acredita-se que isso seja um empecilho para as pessoas que buscam os dados relacionados à seleção de projetos, destinação de verbas, atas das reuniões entre outras informações, ou até mesmo saber notícias referentes à agenda cultural torna-se laborioso, tendo que procurar no site da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, local repleto de notícias e informações sobre todos os setores do município. Acredita-se ser necessária a criação de uma plataforma, na qual as pessoas interessadas em assuntos culturais tenham acesso aos dados e possam interagir em tempo real, adicionando e fazendo *download* de

fotos e documentos, sugerindo ações e atividades.

Finalmente, conclui-se que o direito à cidade vai além do direito e liberdade individual, já que depende do exercício do poder coletivo, e está estritamente relacionado ao tipo de cidade que queremos, com os tipos de laços e relações que desejamos ter uns com os outros, sendo assim, através dessa pesquisa foi possível notar que a cidade que os pontagrossenses e visitantes querem é uma cidade onde a cultura tenha cada vez mais espaço para se expressar de forma livre e diversificada com o apoio do poder público, como afirma Harvey (2012, p. 74): “a liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriana Aparecida de. **Música em espaços públicos: Projeto cultural/musical “Sexta às Seis”**, Ponta Grossa-PR. 2017. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

ANDRADE, Adriana Aparecida de. **Editais culturais lançados pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa-PR durante o ano de 2018 e o direito à cidade**. III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas: Democracia e Direitos Humanos, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2018. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/1aKGExtnPdsar7ZtIRKMO4PxdtEbg7Ta/view>>

BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2ªed. Petrópolis, Vozes, 2003.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, art 215.

CANOVA, Nicolas. **La música como objeto geográfico. Estado de la Cuestión y perspectivas de Tratamiento**. Revista de Antropología Experimental. Número 15, texto 26. PP 465-482. 2015.

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.

CONTER, Marcelo Bergamin. **Lo-fi**. A música pop em baixa definição. Editora Appris, 2016.

CULTURA PLURAL. **Sexta às Seis incentiva a produção local**. Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=1821>. Acesso em: 4 jan. 2020.

CULTURA, **Fundação Municipal de**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/fmc>. Acesso em: 4 jan. 2020.

CULTURA, Ministério da Cidadania, Secretária de. **Lei do Plano: LEI Nº 12.343, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2010.** Disponível em: <http://pnc.cultura.gov.br/lei-do-plano/>. Acesso em: 4 jan. 2020.

CULTURA, Plano Nacional de. LEI Nº 12.343, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2010. **Institui o Plano Nacional de Cultura de Ponta Grossa, e dá outras providências.** Disponível em: <http://pnc.cultura.gov.br/lei-do-plano/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

CULTURAL, Conexão. **Guia do espaço público.** Proac SP, São Paulo, ed. 2ª, 2016.

DA CRUZ, Rafael Cordeiro. **Territorialidade autônoma, utopia e geografia decolonial para o direito à cidade:** um ensaio sobre o carnaval de rua no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2017.

DARODA, Raquel Ferreira. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea.** Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2012.

DÍAZ CRUZ, Julio Antonio. **PONIENDO LA MÚSICA EN SU LUGAR: APUNTES PARA UNA GEOGRAFÍA DE LA MÚSICA.** XV Encontro de Geógrafos da América Latina. Para uma América unida e sustentável. De 6 a 10 de abril de 2015, Cuba. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/08.pdf>

DINIZ, Gustavo da Silva. **Atividades Criativas e Desenvolvimento Territorial: Música, Território e Criatividade em Tatuí – SP.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro em 2015.

DOS ANJOS, Melissa Souza. **Cem anos de samba em bronze e selfies em um Rio monumental.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2016.

FERNANDES, Anedmafer Mattos. **Outras imaginações espaciais:** experimentações e derivas entre sons e imagens no ensino de geografia. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados em 2016.

FERRERA, Cleison Leite. **A geografia do maracatu-nação de Pernambuco:** representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília em 2016.

FESTIVALANDO. Disponível em: <https://festivalando.com.br/>. Acessado em: 4 jan. 2020.

FREITAS, Victor Hugo Moraes. **Espaço sertanejo:** A música sertaneja cantando o espaço geográfico. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás em 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Editora DP&A, 2006.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez.2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/10278885-O-direito-a-cidade-david-harvey.html>. Acesso em: 16 jan. 2020.

HERSCHMANN, M. **Indústria da Música em Transição.** São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010, v.1.

HOBSBAWM, Eric J. **Tempos Fraturados.** Cultura e sociedade no século XX. Tradução de Berilo Vargas. Companhia das Letras, 2013.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; HERSCHMANN, Micael. **A reconfiguração da indústria da música.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação. IE-compós, Brasília, v.14, n.1, jan/abr.2011.

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. **Cinema, música e espaço.** Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009, p. 129-175.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÃO E NAKANO. João. Davi. O impacto da tecnologia na cadeia da música: novas oportunidades para o setor independente. Em **O futuro da música depois da morte do CD**. PERPETUO, I.; SILVEIRA, A. (orgs.). São Paulo: Momento Editorial, 2009.p.11-26.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4° éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 2001.

LIMA, Tiago Lins de. **Lugar e Memória**: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia em 2017.

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava-PR**. Tese de doutorado Produção do Espaço Geográfico, da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente/SP, Universidade Estadual Paulista, 2008.

LORENSI, Deise Caroline Trindade. **Geografia Cultural e música gaúcha**: a construção da paisagem cantada da 13ª região tradicionalista do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria em 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MESQUITA, Bruno Mendes. **As praças do rock underground na cidade de São Gonçalo**: a importância da centralidade para o desenvolvimento de uma cena cultural. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense em 2016.

MOYSES, Mauricio. **Circuito rap do Distrito Federal**: território usado e lugar. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas em 2018.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. **Som e música.** Questões de uma antropologia sonora. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 44, nº 1, p. 222-226, 2001.

PAIVA, Marcio Luis Alves. **Cidade e "dramas":** entre a festa e o festival - jazz e blues em Guaramiranga – Ceará. Dissertação de tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense em 2017.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música:** as representações do espaço geográfico na música popular platina. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 200p.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música:** um panorama mundial e vinte anos de pesquisas do Brasil. Para onde? Revista Eletrônica, Rio Grande do Sul. Vol.6, N. 2, p.1-10. Publicado em fevereiro de 2013. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/36474/23889>> Acesso em 09 de abril de 2017.

PANITZ, Lucas Manassi. **Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata:** por uma Geografia da Música em contextos multi-localizados. Porto Alegre, 2016. Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PONTA GROSSA, **Festival de música começa nesta sexta com mais de 30 atrações nacionais e locais.** Disponível: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/32511>. Acesso em: 13 jul. 2019.

PONTA GROSSA, LEI Nº 13.026, DE DEZOITO DE DEZEMBRO DE 2017. **Institui o Plano Municipal de Cultura de Ponta Grossa, e dá outras providências.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/leiordinaria/2017/1302/13026/lei-ordinaria-n-13026-2017-institui-o-plano-municipal-decultura-de-ponta-grossa-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo:** uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução Marisa Trench Fonterrada- São Paulo: editora UNESP, 2001.

SCHOENHERR, Rafael. **A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SERPA, Angelo. **Espaço público e acessibilidade:** notas para uma abordagem geográfica. GEOUSP Espaço e Tempo, São Paulo, N° 15, pp. 21 37, 2004.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo. Editora Contexto, 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu:** uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação Maio/Jun/Jul/Ago, 2002, N° 20.

SILVA, Dalila Naiara Costa Henrique da. **Migração, música e lugar:** identidade territorial representada pela cultura musical do migrante interestadual em Manaus. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas em 2018.

SILVA, Eluana Carvalho da. **A geograficidade dos alunos da EJA percebida na música como representação do lugar Manaus-AM 2018.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas em 2018.

SILVA, Felipe Giordano Azevedo da. **Marapanim Terra do Carimbó:** Ensaios de Geografias e Culturas. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará em 2018.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu. **A paisagem musical rondoniense:** poéticas de uma urbanidade beradada. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná em 2016.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. A música na época de sua reprodutibilidade digital. Em **O futuro da música depois da morte do CD**. PERPETUO, I. F.; SILVEIRA, S. A. (orgs.) - São Paulo: Momento Editorial, 2009.p. 27-48.

SKULNI, Elcio Cleverson. **Os músicos de rua na paisagem sonora do calçadão da rua XV de novembro em Curitiba/PR**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná em 2018.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação a apropriação. GEOUSP- **Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 19, pp 93-111, 2006.

SOUZA, Felipe Silveira de. **O espaço público contemporâneo: A complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TORRES, Marcos Alberto. **Os sons que unem: a paisagem sonora religiosa e a identidade religiosa**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Por uma perspectiva geográfica dos espaços públicos: repensando a espacialidade da dimensão social. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, Nº. 22, P. 67-78, JAN./DEZ. DE 2007.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO: MÚSICOS PARTICIPANTES DO SEXTA ÀS SEIS E FESTIVAL DE MÚSICA.

CATEGORIA	QUESTÃO
INDIVÍDUO (Perfil /experiência/música privada e ao vivo)	Em relação à música, para você, qual a sensação em OUVIR música ao vivo e música gravada? Há diferença? Quais?
EVENTOS (Experiência / gestão local/estrutura)	Como ficou sabendo da existência do evento Sexta às Seis?
	Como foi a sua experiência em tocar no Sexta às Seis?
	Pontos positivos desse evento
	Pontos negativos desse evento
	Qual sua opinião sobre o público do Sexta às Seis?
ESPAÇOS PÚBLICOS (Utilização /percepção/estrutura)	O que você acha sobre o Parque Ambiental, enquanto local onde ocorre esse evento?
	Como você considera os espaços públicos para a cidade?
	Existem outros espaços públicos, além do Parque Ambiental, que você considera importante para a cidade de Ponta Grossa? Quais?
	O que você acha sobre a prefeitura organizar ATIVIDADES CULTURAIS em espaços públicos da cidade?
EVENTOS (Experiência / gestão local/estrutura)	O que você acha sobre a prefeitura manter esses eventos musicais na agenda cultural da cidade?
INDIVÍDUO (Perfil /experiência/música privada e ao vivo)	A Fundação Municipal de Cultura oferece que tipo de suporte técnico aos músicos?
	Nome
	Idade
	Bairro onde mora
	Banda ou grupo musical que faz parte
	Estilo musical da banda
	Trajetória e experiência pessoal na música
	Atualmente, trabalha só com a música ou tem outra profissão? Qual?

Fonte: A autora.

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO: PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CULTURAIS DE MÚSICA NA CIDADE.

CATEGORIA	QUESTÃO
EVENTOS (Experiência / gestão local/estrutura)	Em QUAL EVENTO musical você comparece? Sexta às Seis Festival de Música de Ponta Grossa
	A QUANTOS ANOS participa do Sexta às Seis? A QUANTOS ANOS participa do Festival de Música de Ponta Grossa?
	Quais ATRAÇÕES você mais gosta/gostou?
	Pontos POSITIVOS desses eventos? Pontos NEGATIVOS desses eventos?
	Como você considera os dois eventos para a VIDA CULTURAL da cidade? Justifique.
ESPAÇOS PÚBLICOS (Utilização / percepção/estrutura)	Dentre os ESPAÇOS PÚBLICOS da cidade, quais você gosta de frequentar? Ginásios, Estádios e similares; Praças; Parques; Teatros, cinemas e similares; Museus e similares; Shoppings, feiras, centros comerciais e similares; Áreas Naturais; Outros
	O que você acha sobre a prefeitura organizar ATIVIDADES CULTURAIS em espaços públicos da cidade?
	O que você acha sobre o 'PARQUE AMBIENTAL', local onde ocorre o Sexta às Seis e o Festival de Música de Ponta Grossa?
	Como você considera os ESPAÇOS PÚBLICOS para a cidade?
	Quais ESPAÇOS PÚBLICOS você considera importante para a cidade de Ponta Grossa?
EVENTOS (Experiência / gestão local/estrutura)	Possui alguma LEMBRANÇA de um fato vivido durante os eventos que foi marcante para você, e gostaria de compartilhar nessa pesquisa?
	O que você acha sobre a prefeitura manter esses EVENTOS MUSICAIS na agenda cultural da cidade?
INDIVÍDUO (Perfil /experiência/música privada e ao vivo)	Em relação à música, para você, qual a SENSÇÃO em OUVIR música ao vivo e música gravada? Há diferença? Quais?
	Descreva como é a sua EXPERIÊNCIA nesses eventos:
	Qual sua idade?
	Gênero Mulher Homem Outro
	Bairro onde mora?
	Renda Desempregado (a) R\$0,00 a R\$999,00 reais R\$1 mil a R\$4.999,00 reais R\$5 mil a R\$10 mil Mais de R\$10 mil
	Escolaridade Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio completo Ensino Superior Completo Sem escolaridade

Fonte: A autora.

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PODER PÚBLICO.

CATEGORIA	QUESTÃO
Indivíduo	Nome
	Idade
	Cargo ou setor que trabalha
	Há quantos anos trabalha no cargo?
	Qual a sua experiência pessoal em participar desses eventos?
	Quais desafios foram encontrados durante os últimos anos na área cultural na cidade de Ponta Grossa?
EVENTOS (Experiência / gestão local/estrutura)	Quais as dificuldades na organização e manutenção dos eventos?
	Qual sua visão sobre o Sexta às Seis?
	Qual sua visão sobre o Festival de música?
	Há alguma estimativa de número de participantes durante os shows?
	Sobre as atividades para as crianças , de quem foi a ideia? Foi uma demanda?
	Como ocorre a parceria com a praça de alimentação ?
	Há críticas sobre os eventos? Quem faz? O público, a imprensa, os músicos?
	Os eventos estão inseridos em quais políticas culturais ?
	Como ocorre a seleção dos músicos e bandas de fora da cidade? Há uma pesquisa junto ao público dos eventos ou é uma questão monetária?
	Quanto foi gasto com os dois eventos nos dois últimos anos?
	Há que tipo de retorno da população em relação aos eventos?
	Há que tipo de retorno dos músicos participantes?
	Qual o papel do Conselho na elaboração desses eventos?
	A forma como o Governo Federal vê a cultura afeta a organização de eventos culturais na cidade?
ESPAÇOS PÚBLICOS (Utilização /percepção/estrutura)	Qual sua visão sobre o local de realização dos eventos, o Parque Ambiental ? Por que é feito ali?
Tema em destaque nos noticiários da cidade no mês de Novembro de 2019.	Sobre o Fundo? O que aconteceu?

Fonte: A autora.

APÊNDICE D- RELAÇÃO DE MÚSICOS/BANDAS/GRUPOS MUSICAIS A QUEM FOI ENVIADO QUESTIONÁRIO.

NOME	ANO DE PARTICIPAÇÃO	SITUAÇÃO	EVENTO	OBSERVAÇÃO
Valvox	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Astronautas do Passado	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Caseína	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Alligator Mine	2018	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Moryah	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Bitch Box	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Garagem 1040	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Jerimoon	2018	RESPONDIDO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Silvio Prandel	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Por @kaso	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Juliano Carneiro e Banda	2018		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Turtle River	2018		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Halef Santos, Ronaldo Costa e Banda	2018		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Beltane	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Streides	2018	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Boogie Gang	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
Deconstruct	2018		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Thrashall	2018	ENVIADO	Sexta às Seis	
MUM	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Hoovaranas	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Solana Dub	2018	RESPONDIDO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Gafanhoto	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Mocken Reggae	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Notórios Bardos	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Trovadores Celtas	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Chamaduque	2019		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
A Vera	2019	ENVIADO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Jamp	2019	ENVIADO	Sexta às Seis e Festival de Música	
Bonsai Persa	2019		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Salve Salve Mic On	2019	ENVIADO	Sexta às Seis	
Zero Meia	2019	ENVIADO	Sexta às Seis	
Stolen Byrds	2019	RESPONDIDO	Sexta às Seis	
Banish 12	2019		Sexta às Seis	Não tem pagina no Facebook
Tiriva	2019	ENVIADO	Sexta às Seis	
Geordani Castilho	2019	ENVIADO	Sexta às Seis	
Circuito Absoluto	2019	ENVIADO	Sexta às Seis	

Fonte: A autora.

NOTA: Bandas e grupos musicais com o termo 'enviado' visualizaram a mensagem enviada via facebook, mas não deram retorno, sem respostas ao questionário.

APÊNDICE E- Autorização de uso de imagem, som de voz, nome, dados biográficos, informações, opiniões e conceitos.

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos, informações, opiniões e conceitos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor obras acadêmicas que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com sede na Avenida Carlos Cavalcanti, 4748; sejam essas destinadas a divulgação

ao público em geral e/ou para formação de acervo acadêmico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, *podcasts*, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), internet, banco de dados informatizado Multimídia, "home vídeo", DVD ("digital vídeo disc"), suporte de computação gráfica em geral e/ou divulgação científicas de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo acadêmico, sem qualquer ônus a UEPG ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, ____ de
_____ de 2019.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG:
Telefone para contato
Nome do Representante Legal (se menor)

APÊNDICE F- TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM MEMBROS DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE PONTA GROSSA.

ENTREVISTA REALIZADA COM FERNANDO R. DURANTE, NO DIA 04 DE NOVEMBRO DE 2019.

Pesquisadora: Nome, idade, cargo que trabalha e há quantos anos trabalha no cargo.

Entrevistado: Meu nome é Fernando R Durante, tenho 61 anos, estou aqui na Fundação há cinco anos, e sou presidente da Fundação Municipal de Cultura.

Pesquisadora: Data de início do Sexta às Seis e do Festival de Música.

Entrevistado: Sei, fui eu que comecei o Sexta às Seis, foi em abril de 1990. O Festival de Música, esse ano vai ser o 12º ano.

Pesquisadora: Motivos de ocorrência do Sexta às Seis, e do Festival de Música.

Entrevistado: O Sexta às Seis ocorreu porque antigamente o ponto de ônibus, o terminal central, vamos assim dizer, era na Praça Barão do Rio Branco. Na época (1990) as lojas fechavam às seis horas da tarde, as pessoas todas estavam ali para pegar o ônibus e ir embora, também tinha os alunos que estavam chegando para estudar nos colégios Regente Feijó e Colégio São Luís, que eram próximos a praça, o Regente, lógico, é até hoje ali. Então, a ideia era pegar esse público que estava de passagem e oferecer uma oportunidade de assistir a um show. Esse foi o objetivo inicial do Sexta às Seis: a popularização da cultura através desse projeto. Então era às seis horas da tarde e acontecia semanalmente, a primeira apresentação foi com a banda Escola Lyra dos Campos e tivemos apenas 20 ou 30 pessoas assistindo, mas depois ele foi crescendo. Nós tínhamos uma política de ter sempre um artista de fora e 3 artistas locais durante o mês, porque o Sexta às Seis acontecia semanalmente. E esse foi o projeto que aconteceu até 1992, depois de 1993 ele parou, não sei os motivos porque eu saí, fui diretor do Departamento de Cultura (departamento subordinado à Secretaria de Educação e Cultura), mudou o governo e entraram outras pessoas. Depois o projeto teve alguns retornos: na época do Prefeito Pedro Wosgrau e a professora Elisabete como Secretária de Cultura e Turismo. De lá para cá ele tem continuado, não sofrendo mais interrupções. Aconteceram algumas mudanças: hoje é um projeto de periodicidade quinzenal, basicamente alguns meses têm mais edições, e outros meses que tem menos

edições, depende das condições climáticas, o mês mais frio diminui o número das apresentações e nos meses que são um pouquinho mais quentes, são feitas mais apresentações. Hoje discutimos uma pré-programação de datas para o ano que vem. Veja, o ano passado tivemos 80 e poucas bandas inscritas, 82 se não me equivoco, esse ano tivemos quase 90, e como a banda que se inscreve em um ano não pode participar do outro, imagina que foi um universo de mais ou menos de 160, 170 bandas, se você pensar em 5,6 pessoas por bandas envolvida a gente tem mais de mil pessoas envolvidas no Sexta às Seis, em termos de produção musical. Isso é muito importante porque a cidade também ganhou muito em termos de bandas. Veja as bandas que apareceram no Sexta e hoje tem destaque nacional, como Cadillac Dinossauros, e outros que surgiram no Sexta às Seis. Então o projeto é muito importante sobre esse aspecto, e também de levar à população de Ponta Grossa a oportunidade de assistir shows. Quando eu entrei aqui, ele era só pop, rock, reggae e tal, agora ele é aberto a todos os gêneros musicais, mas ainda há a predominância do pop rock, mas, ele é aberto. Já tivemos música gaúcha, samba, rap, já teve outros gêneros musicais selecionados dentro do Sexta às Seis. Então temos um carinho muito grande por esse projeto, não apenas por ser um projeto que eu tive a felicidade de iniciar em 1990 e que está até hoje e cresce cada vez mais. Anteriormente, foi feita uma pesquisa sobre os três eventos culturais de maior destaque na cidade que foram o FENATA, o FUC e o Sexta às Seis. Se você considerar que o FUC e o FENATA são mais antigos, e há que se considerar também que a população tem esse carinho também pelo Sexta às Seis.

Já o Festival é uma maneira de você projetar tudo aquilo que está sendo feito lá no conservatório, trazer também novos professores para que os alunos tenham o contato com professores de diferentes níveis, e juntar a música clássica com o Palco Novas Sonoridades que traz bandas que estão emergindo no cenário cultural brasileiro, e trazer também shows e outras apresentações, oficinas, *masterclass* e uma série de atividades que tem o objetivo justamente de trazer um conhecimento maior para os alunos do conservatório, bem como uma oportunidade da cidade de Ponta Grossa assistir essas bandas que estão no caminho do sucesso, como foi o caso de Francisco el Hombre, que pouca gente conhecida e que cresceu bastante; O Terno; esse ano veio a Scalene; então sempre tem vindo várias bandas que estão emergentes dentro do cenário, e isso é muito importante, pois proporciona

para a cidade, para a população daqui assistir aos shows dessas bandas que raramente teriam oportunidade de ver se não fosse em eventos como esse.

Pesquisadora: O ano passado foi feita uma pesquisa sobre as pessoas que vieram de fora da cidade assistir aos shows do Festival. Qual foi o resultado dessa pesquisa?

Entrevistado: Quem fez esse trabalho foi a Secretaria de Turismo, eles é que fazem esse tipo de trabalho, mas temos acompanhado que muitas pessoas vem de fora, porque notamos as placas de carros, notamos as pessoas que estão lá até meio que acampando, acampando não seria o termo, mas que estão lá fazendo um piquenique maior e notamos que são pessoas de outras cidades, temos muitas solicitações de pessoas de fora que perguntam do Festival, tanto na parte dos alunos de música clássica quanto também para assistir aos shows no Parque Ambiental, naquela área em frente ao Paraguaizinho e que hoje, mais em frente até Estação Saudade, que está restaurada e muito bonita.

Pesquisadora: Sobre a organização desses eventos, as decisões são tomadas durante as conferências ou nas reuniões do conselho?

Entrevistado: Na verdade é assim, o Sexta às Seis é feito o edital, então as bandas se inscrevem, passam pelo processo de seleção com pessoas de reconhecida capacidade dentro da área musical, e em seguida é feita a seleção das bandas. No Festival de Música acontece algo semelhante, pedimos muitas indicações até para a população participar e percebermos o que estão escutando mais, a partir disso são convidadas as bandas. As bandas daqui são escolhidas através dos editais, e algumas de fora são escolhidas junto aos pedidos do público, e também de acordo com as condições financeiras, já que temos um orçamento e precisamos trabalhar dentro desse orçamento, é claro que tentamos trazer bandas famosas mas não podemos fugir do objetivo e do orçamento, desse modo procuramos adequar essas duas coisas, e sempre “pechinhamos e choramos” muito para poder trazer. Esse ano veio Scalene, Bixiga 70, que são bandas já de um certo destaque no cenário nacional, então, o processo é basicamente esse, e é bastante interessante porque temos visto que a resposta do público tem sido muito boa.

Pesquisadora: Sobre a estimativa do número de público.

Entrevistado: Temos muitas apresentações do Festival de Música fora: tem em escolas, tem nas ruas, tem em creches, tem em penitenciárias, enfim, nós temos

um público estimado nesse ano de evento no Festival de Música de 30 mil pessoas entre todas essas apresentações, isso sem contar o calçadão que você não tem como mensurar as pessoas que estão passando, umas param, outras não, mas em termos do palco do Novas Sonoridades, conservatório, em escolas e em todos esses ambientes onde acontece o festival, há uma participação muito grande da população que fica sempre esperando o festival, temos um cuidado muito grande porque envolve muita gente, é uma organização que acaba envolvendo diferentes pessoas aqui da fundação. Além dos shows tem toda a parte estrutural: o som, a parte de gastronomia, enfim, é um processo que envolve muita coisa, os convites aos professores de fora da cidade, da disponibilidade de agenda deles, também da disponibilidade de cachês, todo esse processo que é um pouco demorado. No Sexta às Seis é um pouco mais simples, porque como as bandas são todas locais (exceto os especiais) existem os cachês pré-determinados, ao fazer a inscrição eles já sabem o valor dos cachês, e a estrutura fazemos uma licitação anual para isso. Então é mais tranquilo, mas também exige responsabilidade, mesmo porque temos três datas diferenciadas: que é a abertura, o encerramento e o Dia Mundial do Rock que vem bandas convidadas, sempre colocamos uma banda daqui e toca uma banda convidada nessas três datas.

Pesquisadora: Sobre as críticas dos eventos, existem críticas? Quem faz?

Entrevistado: Olha, sinceramente existe, claro! Não podemos achar que tudo que fazemos aqui todo mundo vai elogiar. É claro que existem algumas coisas, mas é muito pouco perto do que tem de saldo positivo. Às vezes tem gente que não gosta de determinada banda, outra que atrasou um pouco, no Sexta às Seis, quem não é selecionado faz alguma crítica aos critérios, mas são coisas que sempre vão existir, você não consegue agradar todo mundo, e é evidente que “para uma mãe o filho dela é sempre o mais bonito”, então o cara que toca numa banda sempre vai achar que a dele é melhor que a outra, por isso o processo seletivo é tão importante, assim como ocorre em festivais “ganhou um e porque não ganhou o outro?” isso é para tudo desde o concurso de miss até o Domingão do Faustão, então sempre quem não ganha, quem não é selecionado, sempre vai fazer alguma crítica, mas são coisas muito pequenas, ou então “Ah!! Por que que não teve sexta semana que não choveu?”, porque na quarta-feira estava previsão de chuva, temos que definir na quarta-feira, porque é preciso montar o som, o palco e se chover gastaríamos dinheiro à toa. Por isso temos que definir na quarta-feira, sempre pesquisamos em

vários institutos: Climatempo, Simepar, entre outros, para passarmos o panorama: “Qual é a previsão?”, “Há previsão de chuva”, então “Quantos milímetros?” “É tanto, então não dá”, às vezes erramos, cancelamos, e o dia acaba sendo bonito, pois é “previsão”, não é “constatação do tempo”. Então isso acontece, mas como te falei, tem críticas, mas são muito poucas perto do saldo positivo.

Pesquisadora: Porque a escolha do Parque Ambiental como local de realização dos eventos?

Entrevistado: Ocorre ali por vários fatores: primeiro porque é um lugar central, de fácil acesso, o terminal é ali, é muito fácil chegar no Parque Ambiental pelo terminal, as pessoas do centro podem ir a pé, tem todo um esquema de segurança já implantado com câmeras de vigilância, Guarda Municipal, há um posto da Polícia Militar do lado também, isso tudo são fatores que analisamos para podermos desenvolver um evento, porque é preciso pensar em todos esses fatores: o fator trânsito; o fator segurança; fator alvará; tem vários e vários. É um processo que necessita mandar solicitação e informação para polícia militar e civil, para o Juizado, enfim, toda essa parte legal precisa ser feita, ainda tem a questão dos bombeiros, e tudo mais. Esses são fatores que influenciam por isso que realizar naquele espaço é mais fácil. Primeiro por ser um local central e qualquer pessoa pode vir, gratuito, por ter pontos de ônibus, tem muitas pessoas que saem do trabalho e passam no Sexta, depois pegam o ônibus para ir para casa, tem as paradas para Uber, e outros aplicativos que facilitam ir e vir. Se fosse feito em outro local já não haveria aquela tradição, pois todo mundo sabe que o Sexta às Seis é no Parque Ambiental, só ficam confirmando as datas, desse modo o público não fica naquela dúvida: “De quando é, como é que é, como é que não é?”. Então, fazemos uma licitação de estrutura e uma previsão que será tudo naquele espaço porque não tem problema de transporte, de som, de palco, de uma série de coisas.

Pesquisadora: Os dois eventos ocorrem por vontade do poder público ou por uma certa pressão do público?

Entrevistado: O Sexta é um evento que nasceu na prefeitura e depois que ele tomou corpo, claro, que a função do poder público é promover os eventos e depois, não vou dizer que eles tenham vida própria, mas eles caem no gosto da população, tem alguns projetos que fazemos e que não dão certo, não podemos achar que tudo que fazemos aqui vai dar certo, ninguém é mágico para saber o que que o público está esperando, mas, sabemos que alguns projetos são vitoriosos,

como esses dois (Sexta às Seis e Festival de Música), são projetos realmente que hoje se parasse... Não podemos nem pensar nessa hipótese, porque realmente são projetos que estão consagrados pelo público, e mesmo o Sexta às Seis, que é um projeto existente desde 1990, não tem porquê pensarmos em parar. Entretanto, temos que estar repensando, buscando entender as necessidades da população, mesmo porque o tipo de música que se escutava em 1990 não é o mesmo tipo de música que se escuta hoje, há uma diferença. Tudo isso, essa modernidade, contemporaneidade, temos que estar analisando e estarmos muito atentos para o que está acontecendo como é o próprio Festival de Música, sempre se perguntando: “Quem são os melhores professores?”, pois já vieram grandes professores aqui na parte de música clássica, o Emmanuele Baldini (Orquestra Sinfônica de São Paulo) e tantos outros, já tivemos aqui fazendo sessões Nelson Ângelo, que é um dos grandes nomes do Clube da Esquina, junto com ele a Carmina Juarez que é filha de Benito Juarez (professora dos corais da USP de São Paulo), são nomes de peso, e fora quantos outros aí na área clássica, pessoas premiadas no mundo todo que estiveram aqui dando aula, mostrando um pouco do seu trabalho e isso é muito interessante porque as pessoas também estão tendo contato com esses nomes que são expoentes em diferentes áreas.

Pesquisadora: Quais os desafios encontrados durante a realização dos eventos?

Entrevistado: O desafio é sempre fazer melhor, esse é o ponto básico. Temos que fazer melhor, buscar saber o que tá acontecendo, não podemos viver do passado, temos que estar sempre nos atualizando, vendo as necessidades. O maior desafio no momento é esse: fazer melhor a cada ano. Como conseguir ter atrações diferenciadas, trazer bandas, como trouxemos no Sexta tantas bandas como: Casa das Máquinas, Patrulha do Espaço, Blindagem, agora mesmo, a Nômade Orquestra, tantos e tantos nomes que tem vindo para cá nessas oportunidades, tivemos bandas de Londrina, de Curitiba, fazendo esse intercâmbio cultural que é importante, bandas de São Paulo mais famosas dos anos 70, que é o caso da Casa das Máquinas, Patrulha do Espaço, é a oportunidade das pessoas assistirem grandes músicos dessas bandas. Afirmo que a dificuldade é sempre procurar fazer melhor, e isso é um desafio porque a cada ano que passa vemos o sucesso que foi aquele evento, e queremos que ele cresça, que é uma coisa natural e é o que procuramos fazer. Justamente esse é o grande desafio que enfrentamos.

Pesquisadora: A mudança no Governo Federal afetou em algo a organização cultural municipal?

Entrevistado: Não mudou em nada. Nada porque dependemos do Governo Federal, mas sim da própria prefeitura, então não tem participação do Governo Federal com relação a isso. Tanto um projeto quanto o outro é verba da própria prefeitura.

Pesquisadora: Em relação à verba destinada à elaboração desses eventos, como ocorre? Valor estimado.

Entrevistado: O Sexta às Seis e o Festival são recursos da prefeitura. É um repasse normal da prefeitura. Tem o orçamento anual, nesse orçamento entra o Conservatório, a Banda, o Coro, agora o grupo de teatro, Cine Teatro Ópera, Centro de Cultura, Biblioteca, a Mansão Vila Hilda, todas as nossas unidades são mantidas com o orçamento que dispomos e dentro desse orçamento tem os eventos, que é o caso do Sexta às Seis e do Festival de Música, todos eles são mantidos pelo orçamento da Fundação.

Pesquisadora: Mas é em reuniões que vocês decidem quanto vai ser destinado para cada evento?

Entrevistado: Na verdade é assim, a gente tem um orçamento pré destinado para cada um dos eventos, trabalhamos dentro daquele orçamento, as vezes para um vai um pouquinho mais, outro, um pouquinho menos, nós fazemos a adequação. Mas, normalmente... Agora já está na época de fecharmos o orçamento para o ano que vem. E então já temos basicamente os valores estipulados e tal, claro que seguimos um padrão, nós não aumentamos muito de um ano para o outro, sempre procuramos trabalhar dentro daquele limite anual, inflação e tudo mais, trabalhamos nesse caminho e é o caminho que tem sido bastante proveitoso até hoje, tem dado certo.

Pesquisadora: Tem um valor aproximado?

Entrevistado: Isso é muito variável, até mesmo por causa da estrutura toda, tem palco, tem som, tem iluminação, tem vários fatores, tem uma variação das bandas convidadas, é um valor variável em relação a isso. Como buscamos englobar em uma licitação de som e luz para outros eventos que a gente tem durante o ano, é difícil dizer quanto é do Sexta e quanto é para os outros eventos, o Festival de Música que tem uma estrutura separada, que é maior, existem bandas maiores, tem um *raider* maior, então é mais ou menos por aí. Temos que trabalhar

dentro daquilo que existe, das possibilidades, quando dá para espichar um pouquinho a gente espicha.

Pesquisadora: Da sua experiência em estar organizando esses dois eventos, o que fica?

Entrevistado: Temos uma preocupação muito grande em relação a isso, “o que fica para a cidade?” se eu pegar o Sexta às Seis, todas essas bandas que se formaram e que vão tocar lá e que tem espaço para se apresentar, porque o artista precisa do espaço, basicamente precisa do espaço, logicamente que precisa receber por isso, então paga-se o cachê. O que fica é justamente essa formação. Ponta Grossa é uma cidade muito musical por natureza, se pegarmos a história da cidade é desde o início dos tempos, Ponta Grossa sempre teve uma ligação muito forte com a música, antigamente tinha aqui a sociedade Cultural Basílio Itiberê que trazia grandes nomes, vários nomes da música brasileira daquela época, da década de 40 e 50 e passaram por aqui, tinha o Jazz Guarani que era uma banda fantástica daqui, depois vários e vários ritmos musicais nas décadas de 70 e 80, tem a Orquestra, a Banda Lyra, que tem 65 anos, então todo esse trabalho que acontece na cidade torna ela musical. Isso tudo vemos que tem dado resultado, como o FENATA tem dado resultado, isso que é importante, é o que deixamos na cidade. Por que é muito fácil trazermos um show da Ivete Sangalo que custou lá R\$ 300.000,00 tá, mas, e ficou o que? Então isso não é uma política nossa, nossa política é justamente: primeiro abrir o espaço para o artista local, valorizar esse artista, tanto que temos feito, inclusive já fizemos várias conversas e estamos trabalhando junto com a coisa do empreendedorismo com os artistas locais, que eles possam ter condição de fazer um *release* melhor, um trabalho fotográfico melhor, escritos como uma empresa para ter documentação para entrar em editais de outras prefeituras e aqui também, para receber seus cachês, toda essa parte burocrática temos demonstrado para eles como é que se desenvolve, para que possam se desenvolver e crescer. Temos aquele projeto Sons da Terra que reuniu tantos e tantos compositores de música raiz que estavam simplesmente, não vou dizer abandonados, mas nunca ninguém tinha ido atrás, nós trouxemos esse pessoal para cá, produzimos os ensaios ali na Concha Acústica da praça e daí já surgiram dois grupos fortes: Senhores da Música e esse ano saiu a Sueli e Sereninho, ou Sereninho e Sueli. O ano passado o Senhores da Música foi premiado, estadual do SESC, quatro grupos do Paraná e esse foi daqui da cidade,

esse ano foi o Sereninho e Sueli também, premiados daqui, é um trabalho de resgate desse pessoal todo que tem feito muito sucesso e foram premiados pelo SESC, então por que? Porque alguém foi lá trouxe eles, conversou. Tem um senhor aqui que tem 300 músicas e nunca ninguém falou sobre ele, conseguimos resgatar o trabalho com ele, trouxemos ele para Fundação, como fizemos com as benzedadeiras, tivemos essa preocupação. Eu acho que isso é fundamental para nós, pois somos passageiros no cargo, precisamos fazer alguma coisa que possa ficar para cidade, notamos o crescimento da música, do teatro, tanto que fizemos o grupo de teatro do município que é uma coisa rara no Brasil, temos lá 15 atores e 4 técnicos recebendo bolsa todos os meses para trabalhar com teatro. Então, são elementos assim muito importantes, o pessoal foi premiado no FENATA como o melhor em iluminação, foi indicado como melhor figurino, ganhou prêmio do júri popular, é um trabalho que foi muito bem executado. É isso que temos desenvolvido, para que possa ficar para outras pessoas que vierem aqui, para as outras gerações. Veja, o FENATA está aí a 47 anos, o FUC está aí a trinta e poucos anos, poderia até ter mais mas teve um hiato de sete anos, é um festival que estamos ajudando a universidade a repensar a sua execução, no futuro fazer uma maneira um pouco diferente do que é, já que ele tem perdido público, estamos estudando algumas maneiras um pouco diferenciadas, não sei se vai ser feita na praça um pouco mais voltado para a população em geral. O que mais tem lotado, isso é um ponto interessante, é o FUC Regional, que são os artistas locais, mostra que o público tem prestigiado os artistas locais, grande parte dos bares aqui de Ponta Grossa tem música ao vivo e boa parte dessa música ao vivo é de música popular brasileira, e o pessoal tem tocado, é um gênero musical bastante apreciado aqui, é o segundo, foi feita uma pesquisa alguns anos pela Folha de São Paulo Datafolha que mostrou isso. São oportunidades que vemos, um projeto como Sexta às Seis que começou despretensiosamente, lá em 1990 e que hoje tem apresentações na praça ali para 4-5 mil pessoas, se pensarmos em termos de número o jogo do Operário leva isso de gente e é bastante coisa. Então, é uma oportunidade, veja quantas pessoas começaram a escutar um tipo de música, a prestigiar os músicos daqui, assistindo pela primeira vez no Sexta, é isso que realmente tem ficado. Esse ano fizemos a seleção do Sexta às Seis só com músicas autorais, tivemos mais de 80 bandas só com músicas autorais. É realmente um número muito significativo, temos forçado um pouco em cima das músicas autorais para que o artista se desenvolva, pois o grupo só vai se destacar no cenário

estadual e nacional com músicas próprias, fazer covers todo mundo faz, então o autoral realmente é uma maneira de dizer que as bandas começam a se destacar e com isso também, uma área que é muito boa por aqui que é a de composição, enfim. Essa é uma visão que temos, e é aquela história “a gente sempre quer que os filhos cresçam e prosperem cada vez mais”.

ENTREVISTA COM EDUARDO GODOY, REALIZADA NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2019.

Pesquisadora: Nome, idade, cargo que trabalha e quanto tempo trabalha no cargo.

Entrevistado: Meu nome é Eduardo Godoy, tenho 27 anos, sou diretor do departamento de Cultura e estou nesse cargo há 3 anos.

Pesquisadora: Quais as dificuldades na organização e manutenção dos eventos?

Entrevistado: Eu acho que talvez do Sexta às Seis, o mais complicado foi quando retomamos o projeto, foi a definição de como desenvolver o projeto, qual seria a cara dele nessa nova fase, pois, ele ficou marcado desde o seu início sendo um projeto de música e artes como todo, só que nos últimos anos ele tinha ficado marcado pelo rock, então havia essa delimitação. Acho que até ter essa definição e a comunidade da cidade ter uma certa participação nessa definição do que queria para o retorno do Sexta às Seis, acredito que foi, não digo uma dificuldade, mas foi uma das coisas que tivemos que repensar naquele momento. O espaço, porque ele era desenvolvido na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco, quando retomou, o espaço da Concha Acústica não poderia mais ser utilizado por conta do edifício Princesa que é em frente à praça. Já existia abaixo assinado por conta do som, e da Igreja do Rosário que realizava suas novenas no mesmo horário. Até definir em qual espaço seria? Como seria? A questão de estrutura e tudo mais, tivemos que chegar no formato que era na plataforma da Estação Saudade, depois a Estação foi fechada, foi preciso repensar onde fazer. Então foi essa a questão do espaço.

Para o Festival de Música, vou falar da parte do popular, até um tempo atrás era voltado especificamente a parte da erudita, logo com a nossa entrada repensamos o Festival ampliando-o para ter a parte erudita e a parte popular

também. Uma das novidades do Festival naquela época, em 2016, foi o Palco Novas Sonoridades, e que talvez seja uma das coisas que têm mais destaque hoje no Festival. Desse palco, as maiores dificuldades são: encontrar atrações autorais em Ponta Grossa e mostrar também para o público uma nova sonoridade, explicar que a música brasileira tem novidades, tem coisas diferentes, e ter um espaço na cidade para apresentar essas novas atrações da música brasileira. E falando das bandas autorais, a dificuldade de encontrar bandas em Ponta Grossa que tem shows inteiramente autorais, essa é a dificuldade que temos até hoje. A cada ano sentimos pena porque acaba ficando quase que um grupo de 10 a 15 bandas da cidade com shows inteiramente autorais. Tem muita banda com músicas autorais, mas que tenham um volume para fazer pelo menos uma hora de show inteiro autoral é mais restrito esse número. Do Festival, tem a dificuldade orçamentária, sempre existe essa dificuldade, temos que ter um planejamento e um poder de convencimento grande de mostrar que o que estamos oferecendo terá um impacto positivo na sociedade por isso deve haver esse investimento.

Pesquisadora: Qual sua visão sobre o Sexta às Seis e o Festival de Música?

Entrevistado: Do Sexta às Seis eu acredito que é um marco na cidade em relação à música, quando se fala em música em Ponta Grossa, talvez a primeira coisa que vem à mente é o Sexta às Seis e o FUC. O Sexta às Seis é responsável por incentivar e dar espaço para muitas bandas, para muitos músicos na cidade e a sua história é marcada por esses fatores e vem acontecendo isso ao longo de todos os anos, vemos muitas bandas surgindo e despontando no Sexta às Seis que o tem como o seu primeiro grande palco e que dali traçam uma carreira importante. Então é essa a minha visão, do Sexta às Seis como um importante palco para as bandas da cidade.

O Festival de Música eu vejo ele hoje como um dos maiores eventos culturais da região pelo seu aspecto plural, por atender: a música erudita, a música popular, a música na rua, a música nas instituições, oficinas, espaços formativos para músicos, enfim, conseguimos abranger uma diversidade de públicos e necessidades, então eu acredito que o Festival hoje é um dos principais eventos da região e com capacidade de crescer ainda mais.

Pesquisadora: Há estimativa de número de público?

Entrevistado: No Sexta às Seis a média de público gira em torno de 800 pessoas por edição, edições normais, quando não são datas diferenciadas como o Dia do Rock, abertura e encerramento, nesses outros chega 2,3 até 5 mil pessoas já chegou de expectativa de público. Do Festival de Música esse número a gente tem... (já vamos ver...) ³⁸

Pesquisadora: Sobre a atividade para as crianças, de quem foi a ideia? Houve uma demanda?

Entrevistado: Foi a ideia de alcançarmos outros públicos, todo ano nos perguntamos: onde mais podemos ir? E pensamos que precisávamos de alguma coisa para as crianças, então foi uma ideia que surgiu da equipe. A nossa ideia é aumentar essa atividade, o ano passado e esse ano fizemos uma atividade com um palco específico para as crianças, a nossa ideia é para o ano que vem, por exemplo, pensar em mais atividades nessa categoria, que é uma coisa que tem dado certo.

Pesquisadora: Como ocorre a parceria com a praça de alimentação?

Entrevistado: Há um convênio, um termo de cooperação técnica, com a ACIPG, com os núcleos da ACIPG, onde há vários núcleos e um deles é um núcleo de alimentação para eventos que é o NAPS, utilizamos desse termo de cooperação técnica com eles para fazer a praça de alimentação.

Pesquisadora: Existem críticas sobre os eventos? Quem faz?

Entrevistado: Do Festival eu não lembro de críticas negativas, que boa essa pergunta (risos). De positiva são em termos de lugar, de abranger bastante público, diferentes tipos de público, trazer coisas diferentes para cidade, isso ouvimos bastante as pessoas falando. Do Sexta às Seis já tivemos algumas situações. Tivemos críticas principalmente no início sobre a questão da bebida alcoólica, e logo que foi retomado o Sexta às Seis, foi bem na época da Lei Seca que não podia beber bebida alcoólica em espaço público e tudo mais, e nisso a Guarda Municipal também começou a nos cobrar posicionamento em nossos eventos, principalmente no Sexta às Seis, na época que era feito no gramado do lado da Estação terminava com muita garrafa espalhada pelo chão, sendo assim, tivemos que realizar uma ação educativa no palco falando sobre consumo de bebida alcoólica, e a Guarda Municipal fazendo as ações diretamente com as pessoas, isso gerou muita crítica na época. A questão de som: ainda ouvimos a vizinhança

³⁸ A entrevista seguiu sem saber o dado.

reclamando do som alto, mesmo sendo no centro e em horários que não são muito tardes, normalmente termina 8 ou 9 horas, mesmo assim ainda há reclamação, tem crítica dessa parte. Esse ano teve duas situações de ofensa a mulheres, teve uma no início do ano com uma repórter da RPC, em uma situação que aconteceu no momento que ela estava fazendo a passagem no Sexta às Seis, não era diretamente do evento, mas ela estava ali no contexto. E esse ano com a cantora MUM que fez o show com dança e intervenção e tudo mais, e infelizmente teve uma parte da sociedade que não compreendeu e criticou.

Pesquisadora: Em quais políticas culturais estão envolvidos os eventos?

Entrevistado: Eles atendem bastante itens do nosso Plano Municipal de Cultura, falamos que está sob o guarda-chuva do Plano Municipal de Cultura desde o final de 2017, os eventos têm que atender no mínimo uma parte dos itens que demandam do Plano, exemplo: a democratização do acesso à cultura é um dos principais, já que os dois eventos ocorrerem gratuitamente, o Sexta às Seis, por acontecer no espaço central, próximo ao terminal urbano, aberto ao público. O Festival de Música, em espaços também centrais abertos ao público, mas também nas comunidades, instituições, presídios, enfim, atendendo grande parte da população em diversos bairros; a questão do auxílio do apoio ao fazer artístico, no Sexta às Seis é quase 100% de bandas da cidade, tirando os especiais, ele é voltado para os músicos da cidade, o Festival de Música boa parte, também é voltado para os artistas locais; atendimento a crianças e adolescentes; o incremento ao turismo cultural, que é um dos itens que acaba trazendo principalmente no Festival de Música, que vem pessoas de fora da cidade para curtir o festival não só de contratação, mas para participar do festival. Os principais itens são esses.

Pesquisadora: Em relação a escolha dos músicos? Do Sexta às Seis é por editais, mas e do Festival?

Entrevistado: Do Festival de Música tem uma parte com edital para as bandas aqui da cidade, e para osicineiros. Das bandas daqui da cidade até para recebermos mais inscrições, é aquela dificuldade que estávamos comentando, de conhecer bandas com shows inteiros autorais, para abrir essa oportunidade de outras bandas também prepararem shows autorais, esse é um dos motivos do edital, abrimos edital para música na rua, músicas nas instituições, para que possamos receber coisas diferentes e que percebemos que funcionam muito bem, teve atrações que não conhecíamos e que se inscreveram e foram muito bem em todos

os editais. Do restante da programação, que é o Palco Novas Sonoridades, de atrações nacionais, e as atrações de música infantil, acabamos circulando bastante no festivais e feiras de música para conhecer o que está sendo produzido fora da cidade, e o que está em voga no cenário nacional da música. Abrimos um espaço, normalmente no início do ano, para as pessoas sugerirem via *Facebook* e *Instagram* da Fundação as atrações e por ali os ouvimos bastante, assim, percebemos muita coisa, às vezes não a atração, normalmente vamos atrás da atração e vemos datas e valores, mas se não conseguimos as atrações que as pessoas estão pedindo, vemos pelo menos o estilo que as pessoas estão pedindo, obviamente nunca que vamos agradar todo mundo, mas tentamos pegar atrações que agradam estilos diferentes, para um público mais jovem, para a moçada, um para o pouco mais velho, para as mulheres, atrações da cultura afro, enfim, tentamos fazer um *mix* variado no palco.

Pesquisadora: Sobre a questão monetária, quanto é gasto no Sexta às Seis e no Festival?

Entrevistado: Do Sexta eu não vou saber te informar agora, pois é outro setor que cuida disso, do Festival dessa edição nós ainda não fechamos, mas temos o orçamento do ano passado. Nesse orçamento vai ter tudo mesmo, desde hospedagem a caches, valor geral R\$ 234.220,63.

Pesquisadora: Qual retorno da população?

Entrevistado: Do Sexta às Seis temos um retorno muito bacana das pessoas que acompanham de forma recorrente e é até engraçado ver, passamos as sextas-feiras à tarde lá no Parque Ambiental, pode ter Sexta às Seis ou pode não ter Sexta às Seis, o público vai estar lá de qualquer forma, tem muita gente que criou esse hábito de ir sexta-feira à tarde no Parque Ambiental, vemos também o retorno do público em relação ao acompanhamento das bandas, incentivar as bandas dos amigos que vão estar lá se apresentando, percebemos muito isso, tem bandas que conseguem levar muita gente, conseguem fazer essa mobilização do público, mas mesmo assim todo Sexta às Seis tem público, porque tem o público que é recorrente, público fiel mesmo do evento, isso nós identificamos nos rostos (risos), e isso é muito bacana. Do Festival de Música vemos um retorno muito bacana, principalmente a alegria das pessoas por estarem em um momento musical na cidade, acompanhar uma semana e curtirem diversas atrações na cidade, e isso dizendo das pessoas que vão até as atividades, têm as atividades no conservatório,

no Ópera, no Parque Ambiental, até algumas da rua a gente vê pessoas que vão para acompanhar a programação mesmo, além disso as atividades que são feitas na rua e em espaços abertos nós vemos muitas pessoas que estão passando e às vezes não estão nem sabendo o que está acontecendo e se deparam e se surpreendem com uma atração musical, com o Festival ali no meio da rua, nisso elas nos dão um retorno muito positivo desse carácter de surpresa mesmo, de estar alegrando o dia. Esse ano fizemos apresentação lá na rodoviária e foi muito bacana de ver as pessoas que estavam indo e voltando aproveitando, e das instituições que atendemos: presídio, asilo, CRAS, CAPES, escolas, vemos a importância de estar chegando nesses locais, também às pessoas que algumas não podem acompanhar que é o caso de asilo e penitenciária e se não fosse a prefeitura, o poder público levar essas iniciativas, elas não teriam acesso por diversas impossibilidades, vemos a importância de estar chegando até eles, até porque de qualquer forma são cidadãos que merecem e tem direito garantido pela constituição de ter o acesso à cultura, então estamos possibilitando esse acesso para eles, e para os outros que podem até se deslocar. Há a questão da formação de público e percebe-se isso muito claramente, a questão da formação de público que vemos em algumas instituições e depois indo procurar as atividades em outros locais da cidade. O Festival é um evento que temos um carinho muito grande por ele por percebermos a importância dele para a cidade e como consegue atingir tão diretamente as pessoas.

Pesquisadora: Qual o retorno dos músicos?

Entrevistado: Do Sexta às Seis eles veem o evento como um grande palco, tem muita banda que o sonho é chegar ao Sexta às Seis, já ouvimos esse relato de diversas bandas, principalmente as que estão começando, veem como o principal palco da cidade enfim, então temos esse retorno deles, do município estar possibilitando um espaço com estrutura recorrente, não é um projeto específico é algo que desde que foi retomado ele nunca mais parou, então tem essa continuidade, a certeza da continuidade para os músicos é um fator importante. Esse ano que foi exigido o envio de uma música autoral para ser avaliado, também já deu uma repercussão diferente entre os músicos, nós fizemos pesquisa em relação à movimentação financeira que isso gerou, porque tiveram que contratar estúdio para gravação, enfim, vimos que teve um impacto também no mercado musical da cidade, o movimento do Sexta às Seis. Do Festival de Música, agora em relação ao Palco Novas Sonoridades, as bandas daqui da cidade também estão

vendo como um passo seguinte do Sexta às Seis, por ser um palco que admite só shows inteiros autorais, é um palco bem maior, é outra estrutura, os músicos estão em contato direto com as outras bandas, com bandas que às vezes eles são fãs, inclusive tem camarim, tem toda uma estrutura de um grande festival, recebemos um retorno em relação a isso, eles se sentem muito privilegiados e prestigiados por estarem participando de um festival dessa envergadura.

Pesquisadora: Qual sua visão sobre o Parque Ambiental?

Entrevistado: Hoje ele é um espaço, um verdadeiro ponto de encontro dos pontagrossenses, é a principal praça da cidade, e quando entramos na Fundação 2013 para 2014 ainda existia muita piada em cima do Parque Ambiental, pois não tinha árvore, que não era um Parque Ambiental, era apenas um espaço que tinha as quadras, não tinha muito movimento, era ao lado da Estação Saudade e havia muita recorrência de tráfico de drogas, e uma das ações que definimos como meta naquele momento era movimentar mais aquele espaço, transformar o Parque em Ambiental mesmo. Isso foi inclusive uma demanda que veio diretamente do Governo Municipal, diretamente do Prefeito que aquela área fosse melhor ocupada, e a partir do momento que começamos a levar mais atividades para lá, que o Sexta às Seis foi para lá, o Parque Ambiental virou realmente um espaço que as pessoas sabem que: “alguma coisa vai acontecer na cidade? vai acontecer no Parque Ambiental!”. É no centro, é ao lado do terminal de ônibus, tem lugar para estacionar em volta, é prático o deslocamento, tem vários espaços que dá para ser utilizado, o Sexta às Seis é um exemplo, ele já usou três espaços do próprio parque, no Festival de Música a gente usa mais um ainda que é o Palco das crianças que é mais atrás das quadras, então temos essa possibilidade de circular, com palcos dentro do parque. Tem hoje, depois da reestruturação do Parque, um parque infantil, tem pista de caminhada, quadra de futebol, melhor iluminação, segurança, tem movimento muito maior de pessoas que estão circulando por lá, independente se tem uma atividade cultural ou não, então isso para nós também é um facilitador, por saber que se a levarmos alguma atividade para lá vai ter público, vai ter pessoas. E é um espaço democrático que vai desde as pessoas mais humildes até classe alta. É um espaço que todo mundo se sente acolhido, é o Parque Ambiental.

Pesquisadora: Qual o papel do Conselho Municipal de Política Cultural na elaboração desses eventos?

Entrevistado: Nos dois eventos eles não têm nenhuma participação.

Pesquisadora: A forma como o Governo Federal vê a cultura tem afetado o trabalho de vocês?

Entrevistado: Não temos uma ligação direta com o Governo Federal, então nessa questão de ligação direta mesmo não sentimos, mas claro, o momento que o Brasil vive para cultura obviamente acaba refletindo aqui na cidade. Em relação a pensamentos, o atual momento do Governo Federal e da Secretaria Especial da Cultura, acabou rebaixando a importância da cultura a nível Federal e isso possibilitou que muitas pessoas da própria cidade que tem o pensamento político social ligado ao Governo Federal comesse a ter esse espaço de fala aqui na cidade, e isso obviamente que acaba refletindo de forma indireta aqui, mas ligação direta mesmo de recurso ou qualquer outra coisa não sentimos, é mais essa percepção das pessoas que se sentiram livres para rebaixar a cultura para o nível menor.

Pesquisadora: Sobre a sua experiência pessoal na organização desses eventos.

Entrevistado: A minha experiência pessoal e profissional com certeza foi um divisor de águas. Logo que entrei na Fundação o Sexta às Seis retornou, naquela época eu ficava só na assessoria de imprensa, só fazia fotos do Sexta às Seis, não estava diretamente ligado a delimitações do projeto, mas mesmo assim, ali que eu comecei a aprender sobre produção cultural, produção musical, entender o que era trabalhar em eventos, que até então eu vinha do jornalismo, minha formação é em jornalismo, então, o Sexta às Seis para mim foi o meu *start*, e depois o Festival de Música que eu comecei a atuar na reformulação dele, nesse momento de mudança, no ano seguinte na direção do Festival, de compreender a função tanto minha enquanto gestor, de ter que ter vários olhares dentro desse evento, como também de aprender coisas na prática, do dia a dia de produção mesmo, trato com banda, trato com contratações, trato com os espaços, trato com a coordenação de equipe, de comunicação, e de uma maneira geral de um evento de grande porte que é o Festival de Música.

Pesquisadora: Sobre o Fundo Municipal de Cultura? O que houve com o repasse?

Entrevistado: Vou fazer um panorama geral que foi o mesmo que eu fiz na reunião do conselho. O orçamento do município é um orçamento que é construído em torno de previsão de receita, arrecadação de impostos, IPTU, repasses do

Governo Federal, repasse do Governo Estadual, enfim, dentro dessas fatias, tem uma fatia que é voltada para a Fundação de Cultura e dentro da Fundação de Cultura uma fatia que é para o Fundo Municipal de Cultura, e esses repasses são feitos mensalmente, então mesmo tendo um orçamento aí na casa dos 9 milhões, temos consciência que não temos 9 milhões, não tem 9 milhões de dinheiro obviamente, não temos essa disponibilidade financeira de 9 milhões ao longo do ano, que a receita é sempre inferior ao que tem previsto no orçamento, então trabalhamos com o valor menor anualmente. O Fundo tem um artigo dentro do Plano Municipal de Cultura que obriga o poder público a repassar o recurso do Fundo em uma conta específica do Fundo de Cultura, sempre no primeiro trimestre do ano. O ano passado foi o primeiro ano que o Plano Municipal de Cultura estava valendo, que a conta estava regularizada, que o conselho estava entendendo, a gente ficou dois anos sem os editais porque teve um processo de transição legal para regulamentar esse repasse e a conta, enfim, o ano passado foi o primeiro ano de tudo isso e funcionou muito bem, foi repassado o dinheiro, ficou dinheiro na conta, foi sendo pago os editais, ainda sobrou um saldo de 74-75 mil na conta para ser usado nesse ano. Esse ano, o secretário de fazenda, em fevereiro-março foi bem em um momento de transição de pagamento de IPTU (que era pago em janeiro) esse ano foi pago em março, eles não teriam dinheiro, o recurso total para ser passado para a conta do Fundo naquele momento, e fez-se um acordo com o presidente da Fundação de ir repassando conforme fossem sendo executados os editais, as primeiras parcelas que já não começaram a vir, foram sendo pagas com recursos que já tinha no Fundo do saldo do ano passado, só que o dinheiro acabou e daí começou a gerar esse atraso, o presidente já tinha falado para o Conselho que o dinheiro estava na conta acreditando na boa-fé de que o dinheiro iria cair e não caiu, foi então que acabou estourando toda essa situação. Então tivemos uma reunião na segunda-feira, com o Secretário de Fazenda, entre Conselho e Secretário de Fazenda, ele se comprometeu a fazer os repasses agora no final do ano, tiraram de outros lugares que eu não sei de onde, reserva, sei lá, isso não nos compete no caso, e repassar uma parte agora em novembro e uma parte em dezembro para quitar todos os editais desse ano, a parte agora de novembro ele já passou, repassou ontem, já estamos fazendo os pagamentos, os jurados já estão quase todos pagos hoje mesmo, alguns editais já estão sendo quitados, a outra parte de dezembro ele se comprometeu perante o Conselho, publicamente, e em

janeiro do ano que vem ele deposita o restante do fundo desse ano ainda que não foi empenhado mas é de direito do fundo, em março ele se comprometeu a depositar o restante do dinheiro.

APÊNDICE G- QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS MÚSICOS PARTICIPANTES DO SEXTA ÀS SEIS (2018 e 2019) E FESTIVAL DE MÚSICA (2019).

Nome	Em relação à música, para você, qual a sensação em OUVIR música ao vivo e música gravada? Há diferença? Quais?
Kevin Luiz da Silva	Sim, a diferença na realidade é muito subjetiva, mas tem relação com sentimentos e sensações, a música gravada pode sim ter uma carga sentimental perceptível, mas a música ao vivo deixa a experiência mais evidente, sem contar que um show ao vivo você tem a relação direta com o artista e com outras pessoas que também gostam do gênero musical exibido, o que torna a experiência muito mais rica e emocionante.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Com toda certeza do mundo. Apesar da tecnologia ser absurdamente boa, e de atingirem frequências difícilíssimas de conseguir em um show ao vivo com baixos recursos (o caso de 95% dos shows em nossa cidade), mesmo com estes fatores, a energia passada no ao vivo, o ânimo, a dança, expressão corporal, tudo isso é muito mais presente nas apresentações ao vivo.
Alain Barros	Sim. A música ao vivo vai além do simples ouvir. A vibração do som, as luzes, as performances dos artistas e as pessoas em volta tornam a experiência multissensorial.
Nicholas Rosa	Sim, porque ao vivo há uma experiência social mais ativa.
Ronaldo	Sim obviamente. Existe diferença, a gravação é um artifício tecnológico utilizado para alcançar vários públicos para deixar o registro o que pode ser trabalhado, ouvido, por muitas vezes e aprimorado. A música ao vivo por sua vez é a paixão e o compartilhamento de energia que a música causa no público Quando você ver a música ao vivo você não apenas sente a música os músicos você sente as pessoas e a beleza que existe na arte produzida por elas de uma forma que você também participa como parte de um todo
Juliano Bittencourt Silva	Gosto dos dois formatos, mas prefiro ouvir com a emoção da música executada ao vivo.
Felipe Mesquita	Muita diferença.
Luiz Felipe de Bortoli	Há sim, e muito! A principal é a questão do timbre dos instrumentos e a interpretação do artista! Não podemos deixar de citar também a subjetividade do artista no palco, pois o mesmo interfere na interpretação.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Quando se ouve uma música gravada, o ouvinte não passa de um mero espectador, apenas recebendo aquela informação. Quando se assiste a um show ao vivo, o espectador passa a fazer parte do espetáculo e interferir no andamento da apresentação. O estímulo áudio visual é maior e faz com que a mensagem passada na música chegue com maior força a quem assiste.
Alexandre Cosati	O momento em que se vai a um concerto de música, é dedicado àquela finalidade, enquanto que nem sempre paramos para ouvir música em outros momentos. Ao assistir um show, há também a interação do artista diretamente com a plateia.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Geralmente prefiro música gravada. Há inúmeras diferenças. A principal delas é edição.
Eric Santana	No Ao Vivo você consegue sentir a essência do artista e toda a sua energia. Na Gravação x artista passa exatamente aquilo que ele quer que x ouvinte ouça e sinta, porém muitas vezes x artista não consegue passar a mesma energia ao vivo.
Edwardes José Vieira Neto	Ao vivo é uma vivência, um experiência real, onde nos reconhecemos como pessoas, a relação entre os artistas e público toca mais profundamente e é melhor do que ouvir em plataformas de streaming. É no <i>offline</i> que a música acontece, é pra isto que foi feita.
João Manoel de	As diferenças entre esses dois modos de ouvir música é grande. Por uma questão técnica, ao vivo a qualidade e performance diminuem um pouco porém facilita pra

Oliveira Vieira	entender a energia do momento, tanto por parte da banda quanto do público. Músicas gravadas em estúdio há um cuidado especial com o que é captado.
-----------------	--

Nome	Como ficou sabendo da existência do evento Sexta às Seis/ Festival de Música?
Kevin Luiz da Silva	Conheci o 'Sexta às Seis' em 2012 quando era realizado na concha acústica da estação saudade, conheci através de amigos que me convidaram para ir prestigiar o evento.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Já na adolescência frequentava o 'Sexta às Seis', juntamente com amigos.
Alain Barros	Através de amigos, comecei a assistir em 2006.
Nicholas Rosa	Festivais passados.
Ronaldo	Recebendo convite para tocar no ano de 2005 ou 2006 não lembro.
Juliano Bittencourt Silva	Desde pequeno ouço falar, não lembro exatamente como, mas acho que foram amigos que me falaram do Festival.
Felipe Mesquita	Ha muito tempo atrás.
Luiz Felipe de Bortoli	Sempre frequentei, desde adolescente. Acredito que tenha sido pelos amigos.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Através de amigos que frequentavam os shows.
Alexandre Cosati	Anúncio em redes sociais.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Por amigos.
Eric Santana	Mídias Sociais.
Edwardes José Vieira Neto	Fui chamado como banda, pela própria organização
João Manoel de Oliveira Vieira	Através dos nossos amigos e músicos do Cadillac Dinossauros.

Nome	Como foi a sua experiência em tocar no Sexta às Seis/ Festival de Música?
Kevin Luiz da Silva	Foi muito positiva, sempre tive muita vontade em tocar nesse evento.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Muito gratificante, são poucas as oportunidades musicais em nossa cidade, e a realidade musical de bares e palcos em nossa cidade não oferece uma infraestrutura minimamente adequada, então o 'Sexta às Seis' acaba se tornando uma ótima oportunidade. Além de atingir um público muitas vezes diferente do qual estamos acostumados.
Alain Barros	Minha primeira vez foi em 2014 e pessoalmente foi uma conquista, principalmente por ser público desde anos anteriores.

Nicholas Rosa	Muito boa.
Ronaldo	Todas as vezes que participamos do projeto foram experiências realmente gratificantes percebemos o carinho do público e a relevância de nosso trabalho.
Juliano Bittencourt Silva	Não tenho palavras, eu estava muito nervoso, mas subindo ao palco fiquei mais à vontade. É lindo de ver o público aberto a conhecer seu trabalho, e quem já conhece cantar junto. Muito bom.
Felipe Mesquita	Sempre maravilhosa.
Luiz Felipe de Bortoli	Sempre muito gratificante, o público sempre nos recebeu muito bem.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Neste ano, a experiência foi consideravelmente diferente das participações dos outros anos. No sorteio das bandas, conseguimos fazer com que as duas bandas de música celta pudessem tocar na mesma noite. Com isso, fizemos um grande trabalho de divulgação pela internet e conseguimos atingir um grande número de pessoas. O resultado pôde ser visto no dia, quando um grande público estava presente desde o início da primeira banda, conseguimos também com que a cervejaria presente servisse chopp verde para combinar com o evento. Por isso a sensação foi diferente, parecia um 'Sexta às Seis' especial, temático. A sensação de ter participado dessa apresentação foi catártico! Um sabor sublime!
Alexandre Cosati	Excelente.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Foi incrível! Foi meu primeiro festival e eu fiquei feliz demais!
Eric Santana	Simplesmente Incrível. É muito massa poder tocar com artistas tão maravilhosxs e alguns até renomados da música, e tocando numa banda tão nova é um baita incentivo pra gente continuar o nosso trabalho.
Edwardes José Vieira Neto	Inesquecível, uma noite muito gelada com a presença de muita gente, ou seja, a cultura em sua melhor forma, agindo e esquentando!! Quero de novo.
João Manoel de Oliveira Vieira	Foi muito boa, tratamento excelente e pontual.

Nome	Pontos positivos desse evento
Kevin Luiz da Silva	Palco grande, boa qualidade em equipamentos sonoros e iluminação, espaço amplo e com possibilidade de um público maior do que os dos habituais barzinhos e casas noturnas.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Infraestrutura, plateia diferenciada (alcançando uma parcela da população na qual não costumamos ver em bares) e o valor do cachê (digno).
Alain Barros	Estrutura, público e cachê. Além disso é uma bela vitrine para bandas que estão começando.
Nicholas Rosa	Boa divulgação e concentração de público.
Ronaldo	Gratuito comunitário e para todos.
Juliano Bittencourt Silva	Diversidade de estilos, oportunidade para os músicos da cidade, circulação de trabalhos autorais, valorização da cultura local, etc.
Felipe Mesquita	Igualdade no público.
Luiz	Qualidade sonora, aberto ao público e divulgação.

Felipe de Bortoli	
Willian Ricardo Pereira da Silva	O cachê tem melhorado a cada edição, valorizando todo o trabalho cultural realizado pelas bandas. A estrutura de palco, som e luz oferecida para as bandas é de grande qualidade. O material disponibilizado para as bandas depois da apresentação (fotos e vídeos) agrega valor ao trabalho das bandas. A mídia que se ganha com a divulgação das apresentações em diversos veículos (rádio, tv, Internet) sempre citando os nomes das bandas.
Alexandre Cosati	Oportunidade para exposição, remuneração aos artistas, estrutura disponibilizada, divulgação, exigência de trabalho autoral para inscrição, abertura para outras vertentes musicais além do rock, gravação áudio visual do evento.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Qualidade e quantidade de eventos realizados, acessibilidade.
Eric Santana	-As diversas atividades que rolaram ao longo do festival (Oficinas, Workshops, intervenções, etc). -Apoio à cena local. -Excelente organização. -Divulgação. -Seleção de Artistas.
Edwardes José Vieira Neto	Organização e produção impecável.
João Manoel de Oliveira Vieira	Aberto a população, equipamento de som bom, tratamento de backstage impecável.

Nome	Pontos negativos desse evento
Kevin Luiz da Silva	Apesar do nome do evento exigir que se comece o show as 18h, esse horário não é muito bom, é exatamente o horário em que muitas pessoas estão começando a sair do trabalho, por isso o show só começou a reunir um público consideravelmente grande a partir das 18:30. Se começasse as 19h seria melhor.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Ser um dos únicos incentivos da prefeitura em relação a bandas e projetos da nossa cidade (cidade na qual temos conservatório e universidade de música, onde fomenta e qualifica músicos sensacionais, mas que ficam escondidos, tentando sobreviver por conta, sem apoio).
Alain Barros	A atual localização, pois o público fica muito disperso. Nos tempos da Praça Barão o 'Sexta' tinha mais personalidade.
Nicholas Rosa	Horário para passagem de som.
Ronaldo	Há um investimento razoável feito, no entanto, o reconhecimento do ponto de vista financeiro para os músicos é muito pequeno.
Juliano Bittencourt Silva	Algumas pequenas coisas na questão da qualidade do som.
Felipe Mesquita	O público comparecer em maior quantidade.
Luiz Felipe de Bortoli	Não consigo dizer ao certo, talvez a questão de avaliação para classificação de bandas.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Neste ano, o único ponto negativo foi a equipe que operava o som. Em alguns momentos nos trataram com impaciência, falta de educação e rispidez. Péssimos profissionais.
Alexandre	Lixo deixado pelo público após o evento.

Cosati	
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Alguns pontos de organização.
Eric Santana	-Banda de músico com histórico de assédio. -Banda de covers/tributos/releituras.
Edwardes José Vieira Neto	Não encontramos.
João Manoel de Oliveira Vieira	Não temos nada de negativo para falar sobre o evento.

Nome	Qual sua opinião sobre o público do Sexta às Seis/Festival de Música?
Kevin Luiz da Silva	É um público bem diversificado, o que é muito bom, muitas pessoas não conhecem os gêneros musicais que são apresentados no evento, e podem conhecer de forma gratuita e de fácil acesso, além de incentivar a cultura local, por permitir somente que bandas da cidade toquem no evento.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Um público muito eclético, apesar de muitos já irem por conhecer as bandas, outra parcela vai para ouvir novos sons, conhecer novas sonoridades, ou até mesmo um público mais carente, onde só ali consegue desfrutar de um entretenimento musical com qualidade.
Alain Barros	O público assíduo é um público bacana, disposto a escutar coisas novas.
Nicholas Rosa	Desejosos por música ao vivo.
Ronaldo	Nós que tocamos em vários lugares e bares pela noite percebemos que o 'Sexta às Seis' é uma oportunidade para reunir várias tribos.
Juliano Bittencourt Silva	Público heterogêneo, aberto a conhecer coisas novas. Poucos dinossauros preconceituosos que chegam a ser irrelevantes perante a maioria que curte música.
Felipe Mesquita	Cult.
Luiz Felipe de Bortoli	Sempre receptivo e animado. Dá pra sentir que eles esperam sempre ansiosos pela sexta-feira.
Willian Ricardo Pereira da Silva	O público, em número, foi maior do que o esperado. Em diversão, foi fantástico! Interativo, animado, realmente o público foi um show à parte.
Alexandre Cosati	Bastante receptivo para determinados estilos musicais, porém acredito que ainda há muito preconceito com relação à outras vertentes que agora também estão participando do 'Sexta às Seis'.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Calorosos!
Eric Santana	Muito participativo e receptivo à novas Sonoridades
Edwardes José Vieira Neto	Maravilhoso, não vimos desrespeito de forma alguma e fomos muito bem recebidos com aplausos e calor.
João Manoel de	Incrível! Pessoas abertas a ouvir músicas novas e autorais.

Oliveira Vieira	
--------------------	--

Nome	O que você acha sobre o Parque Ambiental, enquanto local onde ocorre esse evento?
Kevin Luiz da Silva	Acusticamente acredito que o som ficava um pouco melhor na concha acústica, tanto na do ponto azul quanto na da estação saudade, porém no Parque Ambiental, pela presença do módulo policial, a segurança é muito melhor.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Acredito q seja um símbolo para nossa cidade, além de fácil acesso por ser no centro e ao lado do terminal central.
Alain Barros	O Parque Ambiental em si é um lugar bacana, mas creio que não é o melhor lugar para o 'Sexta às Seis'.
Nicholas Rosa	Boa circulação e oferece espaço suficiente para o público
Ronaldo	Amplio e adequado.
Juliano Bittencourt Silva	Está se tornando de fato um parque AMBIENTAL. Esporte, cultura, lazer. Estou gostando.
Felipe mesquita	Show!
Luiz Felipe de Bortoli	Excelente, espaço muito agradável.
Willian Ricardo Pereira da Silva	É um excelente espaço. Possui banheiros, lanchonete, quadra de esportes. É um espaço que é capaz de reunir um grande público além de oferecer uma noite diferente para quem apenas está praticando seus exercícios na pista de corrida ou nas quadras de esportes. O parque ambiental tem sido cuidado e está ficando cada vez mais bonito.
Alexandre Cosati	Ótimo!
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Acho massa por ser um espaço público aberto o que torna mais acessível o evento.
Eric Santana	Excelente escolha.
Edwardes José Vieira Neto	Perfeito.
João Manoel de Oliveira Vieira	Perfeito.

Nome	Como você considera os espaços públicos para a cidade?
Kevin Luiz da Silva	Importantes, pois, viver em sociedade não é só estudar e trabalhar, mas interagir com o outro, e os espaços públicos podem permitir isso, as praças, os parques, e outras formas e locais de lazer são importantes para o convívio em sociedade, para as expressões artísticas e para o lazer como forma de repouso e descanso.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Importantes com toda certeza, deveríamos ter ainda mais estruturas e espaços públicos, para acolher mais projetos e para dar espaço e oportunidade para os músicos e artistas de nossa cidade.

Alain Barros	Importantes. Áreas públicas bem planejadas são indispensáveis para a evolução da população, social e culturalmente.
Nicholas Rosa	Importantes, porque atendem à necessidade de lazer sem custos para a população.
Ronaldo	Centralizados
Juliano Bittencourt Silva	Está tendo melhoria de uns tempos pra cá. Quanto a prática do meu esporte favorito (basquete) sempre foi precária.
Felipe Mesquita	Poderia ter mais.
Luiz Felipe de Bortoli	Muito bem planejados e acessível.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Os espaços tem sido cuidados, pelo que vejo existe uma manutenção frequente das instalações. Mas acho que o investimento ainda poderia ser maior.
Alexandre Cosati	Frequento mais o parque ambiental, e vejo que há estrutura para diversos tipos de atividade, boa iluminação e há a sensação de segurança no local. Acredito que os banheiros poderiam ser melhores.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	OK
Eric Santana	Poderiam ser mais aproveitados com mais eventos.
Edwardes José Vieira Neto	Necessários para a humanização da sociedade, fundamentais para o contato entre as pessoas.
João Manoel de Oliveira Vieira	De extrema importância para fomentar cultura e lazer para a população.

Nome	Existem outros espaços públicos, além do Parque Ambiental, que você considera importante para a cidade de Ponta Grossa? Quais?
Kevin Luiz da Silva	Sem resposta
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Sem resposta
Alain Barros	Sem resposta
Nicholas Rosa	Sem resposta
Ronaldo	Parque Monteiro é muito agradável por exemplo.
Juliano Bittencourt Silva	Praça do Monteiro.
Felipe Mesquita	Sim, nos bairros.
Luiz Felipe de Bortoli	Com certeza, como por exemplo a concha acústica e outras praças da cidade.
Willian Ricardo	Sim, a praça do Pôr do Sol, praça Barão do Rio Branco, Estação Saudade, Calçadão, pátio da biblioteca e centro de música.

Pereira da Silva	
Alexandre Cosati	Ponto azul, Praça em frente à igreja dos Polacos.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Praça do Pôr do Sol, praça do regente, praça dos polacos.
Eric Santana	Concha Acústica, Centro de Cultura, Parque Monteiro Lobato, etc
Edwardes José Vieira Neto	Não conheço
João Manoel de Oliveira Vieira	Infelizmente não conhecemos muito bem Ponta Grossa para dizermos outros locais.

Nome	O que você acha sobre a prefeitura organizar ATIVIDADES CULTURAIS em espaços públicos da cidade?
Kevin Luiz da Silva	Importante, os impostos pagos para a prefeitura devem ser retornados a sociedade em formas de segurança, educação, saúde e lazer, este último é representado nos eventos culturais, por isso acho completamente plausível a prefeitura organizar atividades culturais em espaços públicos do que organizar em espaços privados.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Importante, incentivar a musicalidade, o senso crítico, o lazer e o entretenimento da nossa cidade, valorizar os excelentes músicos de Ponta Grossa.
Alain Barros	Importante. Valoriza tanto o espaço quanto os artistas, é uma forma de contar um pouco da história do lugar.
Nicholas Rosa	Importante, pela facilidade de acesso e variedade nas possibilidades de atividades com exposição cultural
Ronaldo	Essencial e cumprimento de uma obrigação de extrema importância cultura é vida
Juliano Bittencourt Silva	Gosto muito e que sempre tenha.
Felipe Mesquita	Muito legal.
Luiz Felipe de Bortoli	Acho que é uma grande conquista que temos que estar sempre lutando pra ter esse direito que é a cultura.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Eu acho que a realização de eventos culturais em espaços públicos é de grande importância. É um espaço que é da população e os governantes tem o dever de proporcionar uma estrutura de qualidade para que diversas atividades possam ser realizadas e fazer com que o espaço público cumpra sua função.
Alexandre Cosati	Os espaços públicos são responsáveis pela imagem atribuída à cidade, portanto nada mais correto do que utilizá-los para atividades culturais.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Acho imprescindível
Eric Santana	Que aconteçam cada vez mais atividades culturais e nos mais diversos espaços, não somente no ambiental.
Edwardes José Vieira Neto	É o que deve ser feito, os espaços foram feitos para isto, não tem outra função a não ser para o benefício público, que apenas a prefeitura pode promover.

João Manoel de Oliveira Vieira	Obrigação do poder público fornecer cultura e lazer para a população.
--------------------------------	---

Nome	O que você acha sobre a prefeitura manter esses eventos musicais na agenda cultural da cidade?
Kevin Luiz da Silva	Importante, muitas pessoas acham desperdício de verba pública eventos como o Sexta às Seis e o Festival de Música de PG, mas são justamente eventos como esses que incentivam a cultura e a música em Ponta Grossa.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Não só manter como deveria ampliar, querer colocar todos os estilos e bandas que Ponta Grossa tem, em um único edital é no mínimo vergonhoso.
Alain Barros	Não só manter, como também ampliar. PG é um celeiro de bons músicos e eventos assim deveriam dar visibilidade a todos, sejam iniciantes ou experientes.
Nicholas Rosa	Importante, porque agradam grande parte da população da cidade e atendem demandas culturais.
Ronaldo	Indispensável.
Juliano Bittencourt Silva	Lindo.
Felipe Mesquita	Perfeito.
Luiz Felipe de Bortoli	A mesma opinião da questão anterior.
Willian Ricardo Pereira da Silva	É imprescindível. Um povo sem cultura é povo sem vida. Além de manter, ainda pode melhorar e aumentar todos esses eventos. Cultura nunca é demais.
Alexandre Cosati	Importante, pois incentiva artistas a buscarem produzir melhor conteúdo, gera entretenimento gratuito para a população e mais movimento para comerciantes nas redondezas onde o evento ocorre.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Imprescindível
Eric Santana	Essencial para fortalecer a cena artística da cidade.
Edwardes José Vieira Neto	Nobre e necessário.
João Manoel de Oliveira Vieira	Como disse antes, é fundamental pra uma sociedade mais inteligente e aberta ao conhecimento.

Nome	A Fundação Municipal de Cultura oferece que tipo de suporte técnico aos músicos?
Kevin Luiz da Silva	Além do cachê, a fundação ofereceu fotos das apresentações, toda a estrutura do palco, iluminação, som (amplificadores, bateria, sistema do PA) e também o auxílio de técnicos de som, além também da divulgação do evento nas redes sociais e a exibição do show na TV educativa.
Luiz Vinícius	Particularmente dentre toda minha trajetória como músico, tive acesso e apoio da fundação pouquíssimas vezes, então não sei e não me recordo de quais suportes eles

Taborda Pacheco	oferecem.
Alain Barros	A nós sempre foi oferecido todo o suporte necessário, sempre foram muito solícitos.
Nicholas Rosa	Passagem de som e equipamentos de som.
Ronaldo	Palco com seu equipamento.
Juliano Bittencourt Silva	Oferece todos os equipamentos solicitados.
Felipe mesquita	De médio pra bom.
Luiz Felipe de Bortoli	Toda estrutura sonora e visual, como vídeo, fotos e iluminação.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Palco, som e luz. A equipe da Fundação Cultural é excelente. Sempre nos atendem prontamente.
Alexandre Cosati	No evento, com exceção dos instrumentos musicais, todo o equipamento estava à disposição, assim como técnicos para regulagem dos mesmos. Havia água a disposição dos músicos.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Sim
Eric Santana	Divulgação (Assessoria), Estrutura (Som), apoio financeiro (Cachê para xs artistas/bandas), etc.
Edwardes José Vieira Neto	Todo
João Manoel de Oliveira Vieira	Toda a logística para realizar um bom evento cultural e com visibilidade. Hospedagem, alimentação, transporte, espaço e equipamentos de qualidade.

Nome	Idade	Bairro onde mora?	Banda ou grupo musical que faz parte	Estilo musical da banda
Kevin Luiz da Silva	23	Santa Paula	Astronautas do Passado	Rock
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	25	Ponta Grossa (PR), Bairro Órfãs	Alligator Mine, Solana Dub, Med B, LizeLize, Soul Funk Música, Trovadores Celtas, Manga Loop.	Alternativo, eclético, autoral.
Alain Barros	30	Ponta Grossa	Jerimoon	Bregacore
Nicholas Rosa	23	Ponta Grossa	Alligator Mine	Rock alternativo
Ronaldo	37	Órfãs	Strêides	Rock and roll
Juliano Bittencourt Silva	34	Uvaranas	Gafanhoto	RAP
Felipe Mesquita	33	Santa Paula	Mocken	Reggae
Luiz Felipe de Bortoli	26	Uvaranas	Notórios Bardos	Musica celta
Willian	31	Centro	Trovadores Celtas	Música

Ricardo Pereira da Silva				celta/irlandesa
Alexandre Cosati	28	Orfãs	Notórios Bardos	Rock, Celta
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	23	Centro	MUM (projeto solo)	Indie rock/pop
Eric Santana	19	Boa Vista	Hoovaranas	Instrumental
Edwardes José Vieira Neto	26	Fora de Ponta Grossa	Stolen Byrds	Rock
João Manoel de Oliveira Vieira	24	Fora de Ponta Grossa	Stolen Byrds	Rock

Nome	Trajetória e experiência pessoal na música
Kevin Luiz da Silva	Toco guitarra há mais de 10 anos, nesse tempo passei por diversas bandas locais como a Anatema, Loud Ant's, Indígo e etc. Hoje toco na Raúlceras e na Astronautas do Passado. Já fiz shows por várias cidades do Paraná e toquei com dezenas de músicos.
Luiz Vinícius Tabora Pacheco	Formado em Licenciatura em Música pela UEPG, Professor de música, produtor musical, músico.
Alain Barros	Vocalista em diversas bandas de rock desde 2007. Som acústico em barzinhos desde 2011 com a banda Cangaceiro Jedi. Vocalista da Jerimoon desde 2015.
Nicholas Rosa	Banda ao vivo de covers e músicas autorais, mas com foco principal em material autoral e sua gravação.
Ronaldo	Baixista, cantor e compositor desde o ano de 1995 participando de bandas em Ponta Grossa.
Juliano Bittencourt Silva	15 anos na música, nos grupos. Federação Repúbli-k, Produto Nosso, PG Town.
Felipe Mesquita	20 anos.
Luiz Felipe de Bortoli	Desde criança tocando, porém, foi na adolescência que subi em palco.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Iniciei os estudos na música aos 5 anos no Conservatório Maestro Paulino. Sou formado em piano pelo Conservatório. Atuo como músico nas bandas Trovadores Celtas, Blues na Estrada, Asteróids, Vinil 45 e Desmond.
Alexandre Cosati	Toco com bandas em bares da cidade desde 2013.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Ativa no cenário musical de ponta grossa desde 2017. Lancei meu primeiro EP e clipe em 2019.
Eric Santana	Três anos
Edwardes José Vieira Neto	7 anos de banda, mais de 400 shows pelo Brasil e Europa, 4 discos lançados e por aí vai...

João Manoel de Oliveira Vieira	Nos apresentamos mais de 500 vezes ao vivo por todo o Brasil e uma passagem por Portugal. Passamos por festivais importantes da música independente. Festival DoSol(RN), Locomotiva Festival(SP), Festival Timbre(MG), Festival Alternativo de Londrina(PR), Festival Alternativo de Maringá(PR), entre outros...
--------------------------------	---

Nome	Atualmente, trabalha só com a música ou tem outra profissão? Qual?
Kevin Luiz da Silva	Faço Mestrado em História Pública na Unespar em Campo Mourão (mas moro em Ponta Grossa), trabalho como motorista de aplicativo, dou aulas de violão e guitarra na escola Santa Cecília e toco em bares nos finais de semana.
Luiz Vinícius Taborda Pacheco	Apenas com música, como professor de música, produtor musical, músico independente.
Alain Barros	Músico, Cervejeiro Artesanal, Designer Gráfico, Tradutor e Professor.
Nicholas Rosa	Possuo outra profissão.
Ronaldo	Advogado.
Juliano Bittencourt Silva	Trabalho com música e trabalho na Sanepar.
Felipe Mesquita	Administrador.
Luiz Felipe de Bortoli	Por hora a música é minha renda.
Willian Ricardo Pereira da Silva	Além de músico, sou programador.
Alexandre Cosati	Outra profissão. Analista de TI.
Gabriela Cordeiro de Paula (MUM)	Sou estudante.
Eric Santana	Só com música.
Edwardes José Vieira Neto	Música e produção de eventos culturais
João Manoel de Oliveira Vieira	Exclusivamente com música. Tocando ou produzindo eventos.

APÊNDICE H- QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO PÚBLICO PARTICIPANTE DO SEXTA ÀS SEIS E FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA.

Respondente	A QUANTOS ANOS participa do Sexta às Seis?	A QUANTOS ANOS participa do Festival de Música de Ponta Grossa?
1	Há dois anos, esporadicamente.	
2	7 anos.	3 anos.
3	2 anos.	1 ano.
4	Desde 2014	Desde 2016
5	Ao menos 7 anos	3 últimos anos.
6	4 anos	4 anos
7	Desde quando era na Praça Barão do Rio Branco	1 ano
8	5 anos	2 anos
9	5 anos.	3 anos.
10		Dois anos
11	14 anos	3 anos
12		Um ano
13	Aproximadamente cinco anos	Aproximadamente dois anos
14	20 anos	
15	5 anos.	3 anos.
16	Desde que começou	
17	Seis anos	Três anos
18	Desde 2004 ou 2005, não lembro!	Todos
19	Ha mais de 15 anos	Fui em poucos.
20	9 aninhos	Não lembro
21	5 anos.	5 anos.
22	Pelo menos 10 anos, teve uma época que era na praça em frente ao Regente, então deu uma pausa e voltou depois.	Fui em duas edições
23	10 anos	10 anos
24	1 mês	Nunca participei
25	5 anos	
26	Desde que era na praça da igreja do Rosário	Uns 3 anos
27	4 anos	
28		4 anos
29	5 anos	2 anos
30	Menos de um ano	
31	1 e meio	
32	3 anos	
33	6 anos	4 anos
34		Dois anos.
35	4 anos	4 anos

36	2 anos	1 ano
37	2 anos	0
38	8 anos	3 anos
39	2 anos	1 ano
40	8 anos	5 anos
41	2 anos	3 anos
42	Mais de 8 anos	4 anos
43	10 anos	3 anos

Respondente	Descreva como é a sua EXPERIÊNCIA nesses eventos:
1	As vezes em que fui, foram boas! Encontrei amigos, escutei música boa de maneira acessível.
2	O Festival de Música sempre é incrível!!!
3	A experiência nesses eventos foi de total satisfação pois tanto o Sexta às Seis quanto o Festival de Música contam um uma boa estrutura, além de, em sua maioria, ser respeitado por todos que comparecem.
4	Incrível.
5	Sempre muito boa, com bandas que valorizam a música regional e também atrações de diversos locais do país, valorizando os mais diversos ritmos musicais, brasileiro, latinos etc. Segurança nunca deixou a desejar uma vez que ocorrem próximos ao modulo da polícia militar.
6	Sexta às Seis como músico participante, sendo uma experiência fantástica. No festival de música já participei tanto como músico quanto como plateia, e também é sensacional pode ver artistas de nome e também conhecer os novos sons que surgem na cidade.
7	Boa, principalmente pela diversidade de estilos.
8	Esses eventos são um diferencial para a cidade. São momentos para as pessoas relaxarem e se divertirem, sem contar com a oportunidade de as bandas locais ganharem espaço e um público mais variado. Eu me sinto muito bem em tais eventos e adoro conhecer músicas e bandas novas.
9	Muito bom encontrar os amigos para nos divertir, com som bom e acessível a todos.
10	Positiva.
11	Muito boa.
12	Muito boa.
13	Muito legais, sempre encontro meus amigos.
14	3 anos.
15	Ótima.
16	Me sinto parte da cidade. Sinto felicidade por acessar e ver todo mundo acessando gratuitamente cultura e entretenimento.
17	Ótimo, lazer para um fim de dia encerrando meu expediente.
18	Melhor possível.
19	Me sinto muito bem ouvindo o trabalho de artistas locais, isso serviu como incentivo para minha banda e minha formação musical.
20	Massa, muito interessante, a música em Ponta Grossa tem ganhado um grande espaço.
21	Muito legal.
22	Gratificante, ver uma <i>vibe</i> legal, tanto do público quanto dos artistas, acho sensacional.
23	Gratificante receber as atrações nos dois eventos pois é o único incentivo à

	cultura que recebemos de volta da prefeitura, poder reunir a população gratuitamente com shows de qualidade é muito bom.
24	Sensacional, pois encontramos de tudo lá, tem várias "tribos" podemos se dizer
25	Gosto muito do sexta as seis porem esse ano a edição foi decepcionante
26	Animal. É incrível o empenho que todas as pessoas envolvidas na organização têm. São uns baita eventos!
27	Ótimo ponto de encontro com os amigos
28	Música boa, amigos e diversão
29	Muito boa
30	Muito divertido, é sempre bom ouvir música ao vivo
31	Boa
32	Legal quando a banda é boa é claro
33	No geral, é sempre muito boa
34	Muito boa, amo demais, conheço bandas novas, ambiente agradável e seguro.
35	Muito agradável e positiva.
36	Encontrar amigos, curtir as bandas, apoiar as bandas da cidade
37	Sensacional
38	Me sinto viva. A música traz sentido para a vida e ter eventos onde todo mundo pode ter acesso é demais.
39	Muito boa!! São sempre momentos ótimos!!
40	A experiência é sempre ótima, amo esses eventos na cidade.
41	É fantástica, tem a magia dos festivais e da descoberta de grandes artistas.
42	Boa
43	Maravilhosa

Respondente	Quais ATRAÇÕES você mais gosta/gostou?
1	Bandas de reggae.
2	O Terno, Cadillac Dinossauros, Solana Dub, Luiza Lian, Carne Doce e Dingo Bells.
3	Todas.
4	As bandas do festival e os concertos de piano e música na rua
5	Francisco el Hombre, Trombone de Frutas foram atrações inesquecíveis. Bandas pontagrossenses como Cadillac Dinossauros, Chave de Mandril, Lamalaika entre outros, sempre fazem muito sucesso.
6	Blindagem, Cadillac Dinossauro, Casa das Máquinas.
7	Sexta / FUC
8	Celta as Seis, O Terno, Francisco el Hombre, Ursos Caipiras, entre outros
9	Francisco el Hombre, Carne Doce, O Terno, Selvagens à Procura de Lei.
10	Selvagens a Procura de Lei, Dingo Bells, Carne Doce, O Terno, Grand Bazar
11	Gosto de bandas de rock n' roll e folk, tanto as bandas da região, como as extra regionais.
12	Carne Doce/ Dingo Bells/ Selvagens a Procura de Lei
13	Ano passado Confraria da Costa, curti muito.
14	Rock Roll
15	FUC - Todas as bandas
16	Made in Brazil

17	A Coisa, Dazaranha, Casa das Máquinas, Raimundos, Carne Doce
18	Bandas locais e de outras localidades
19	Várias. Gosto muito de Bolores, Cadillac, Fire Hunter, e Lulas Bitucas, dentre tantas outras bandas da cidade. Também gostei muito dos shows de Blindagem, Raimundos, Confraria da Costa, Reléspública. Tive a oportunidade de conhecer muita música boa ao longo desses anos.
20	Casa das Máquinas
21	A Coisa
22	Cadillac Dinossauros, Confusion, A Coisa, entre muitas e muitas atrações.
23	Gostei muito da abertura do Sexta às Seis com a banda Dazaranha e do show da Banda Mais Bonita da Cidade no Ópera.
24	Quando eles tocam músicas pop internacional
25	Maiden Rules, Music Machine, Trovadores Celtas, Fire Hunter
26	Lembro de Terra Celta, trombone de Frutas, ano retrasado então, Jesus, nem se fala, esse ano passado, Dingo Bells foi incrível, e esse ano, o Celta as Seis foi animal! E tô ansioso por sexta agora, que terá Stolen Byrds.
27	As bandas de rock
28	As de rock (Rammstein cover, bandas de rock mais pesado rrrrrs)
29	Bandas metal/hard rock
30	Notórios Bardos e Trovadores Celtas
31	Várias bandas
32	Patrulha do Espaço e Casa das Máquinas
33	Tirando a falta de lixeiras que é sempre recorrente, considero boa a experiência
34	Das bandas que se apresentam.
35	Dingo Bells, O Terno e Selvagens à procura de leis
36	Cadillac Dinossauros, Banish 12
37	As de Pop Rock
38	Selvagens à procura de lei, Francisco el Hombre e Cadillac Dinossauros
39	Gafanhoto & PgTown Cadillac Dinossauros Apologia Sul
40	O Terno, Francisco El Hombre, Selvagens à Procura de Lei, Bandinha Di Da Dó, A Banda Mais Bonita da Cidade
41	Luiza Lian e Marcelo Jeneci.
42	O primeiro sexta às Seis de 2019
43	Sexta às Seis: Bitch Box Festival de Música de Ponta Grossa: Selvagens à Procura de Lei

Respondente	Pontos POSITIVOS desses eventos?
1	Local acessível, espaço para dançar, circular.
2	Diversidade musical.
3	Pontos positivos Sexta às Seis: a localização do evento é em um ambiente agradável e familiar, sendo frequentado por pessoas de todas as idades. O local em dia de evento ganha um policiamento reforçado e isso dá a impressão de estar seguro. Pontos positivos Festival de Música: Bandas e atrações bem escolhidas agradando a maioria do público, o local onde é realizado é de fácil acesso e permite o lazer entre as famílias.
4	Mostra a música que existe na cidade e no Brasil.

5	Entrada gratuita, possibilitando o acesso à cultura das pessoas mais carentes, são realizados em local de fácil acesso.
6	Diversidade cultural, oportunidade para músicos locais que fazem um trabalho sério e profissional.
7	Divulgação dos trabalhos musicais das bandas regionais
8	Boa qualidade de luzes, palco e som; bandas excepcionais.
9	Festival gratuito de qualidade.
10	Ocupação dos espaços que sem esses eventos não são muito frequentados, interação com amigos e a população pontagrossense.
11	Promoção e acesso à cultura musical.
12	O evento ser aberto pra toda população de ponta grossa e outras cidades
13	A população pode ter acesso a cultura gratuitamente, podemos ver nossos amigos que não temos mais contar os, nos distrair.
14	Ser gratuito
15	Cultura, lazer e entretenimento
16	Público, gratuito, local aberto, diversidade de atrações, diversidade de público.
17	Lazer, boa música gratuita para todos. Culturas de diversos lugares.
18	Integração em público(s)
19	Música de qualidade. Encontro com os amigos. Conhecer gente interessante e produtiva. Fora o prazer de consumir Cultura depois de uma longa semana de trabalho. Ah! Não lembro de ter visto alguma briga em todo esse tempo.
20	As pessoas que frequentam, quase que 100% estão interessados na música, não em violência ou confusão desnecessária.
21	Divulgar novas bandas.
22	A divulgação de novos artistas junto com a experiência da galera mais velha, a estrutura, local, segurança.
23	Reunião de várias 'panelinhas' da cidade.
24	Interação de grupos e fazer novas amizades
25	A estrutura é boa
26	De forma geral, eles existem do jeito que estão já é um belo ponto positivo. A valorização de bandas locais, bem como trazer artistas de fora pra cá. Além de tudo isso ser de graça, levando música muitas vezes aqueles que não poderiam pagar por ela.
27	Difundir os músicos locais
28	Ar livre, bom espaço
29	Rock
30	Confraternização entre as pessoas, local público e de graça
31	Oportunidade de mostrar o trabalho
32	É ao ar livre e acaba cedo e de vez em quando tem bandas top.
33	Fomenta a cultura e economia local
34	Gratuidade, não chama bandas óbvias, ambiente de fácil acesso, organização muito boa.
35	Muita cultura é trazida de outros lugares para a cidade e muita coisa produzida aqui é incentivada.
36	Organização, segurança
37	Acessibilidade
38	Ser em local aberto e de graça
39	Boa estrutura e qualidade e é gratuito.
40	Variedade de bandas nacionais, evento gratuito, diversidades culturais.
41	Público legal e descoberta de novos artistas.
42	Ajuda a cultura e bandas de ponta grossa
43	Enriquecimento cultural para a população e espaço para bandas underground tocarem!

Respondente	Pontos NEGATIVOS desses eventos?
1	Banheiro químico mal utilizado.
2	Falta de bandas autorais novas da cena local.
3	Pontos negativos Sexta às Seis: Por ser um local onde várias pessoas frequentam, o consumo de alimentos e bebidas é evidente, ficando no final do evento lixo espalhados pelo local mesmo tendo várias lixeiras em sua volta. Pontos negativos Festival de Música: Pouco policiamento para uma quantidade alta de pessoas.
4	No caso do Sexta às Seis acaba ficando sempre na mesmice de bandas covers sem dar muito foco no som autoral ou underground da cidade.
5	Talvez não agrade moradores ao entorno do local de realização.
6	Falta de estrutura para o caso de chuva.
7	Sempre no mesmo lugar.
8	Quando chove torna-se difícil assistir às atrações, pois além da chuva há também barro e poças; o tempo dos artistas é muito limitado.
9	Acabar cedo; às vezes misturam estilos musicais muito diferentes, o que torna estranha a sensação de ouvir.
10	Impactos na vizinhança.
11	São bandas ruins.
12	Poderia abranger mais as populações.
13	Talvez a maneira que a população em geral vê, no sentido de dar mais credibilidade aos eventos e se apropriar mais do espaço.
14	Lixos acumulados no termino das atrações.
15	Descarte incorreto de lixo, falta de estrutura nos banheiros.
16	Pouca ou nenhuma oferta de bebidas e comidas.
17	A meu ver, não achei nenhum até o momento
18	Banheiros da PMPG.
19	Talvez a falta de banheiro em algumas ocasiões.
20	Organização em vendas de comidas e bebidas
21	Acabar cedo.
22	Banheiros!
23	Estrutura poderia ser melhor.
24	Drogas, bebidas e assédio
25	Escolha das bandas
26	Polícia fazendo merda, dando batida ao lado do palco, cortando a pira de todo mundo, isso é ridículo. Polícia é algo ridículo, mas o que eles fazem é ainda mais. E bom, acho que começa muito cedo o Sexta às Seis. Muitas pessoas saem do trabalho as 18:30h, e conseguem pegar só a última banda. Deveria iniciar as 19h e ir até as 21h.
27	Os shows são curtos
28	Poderia ter mais atrações de comidas/bebidas no local
29	Outros gêneros tocando no Sexta às Seis
30	A sujeira no Ambiental por causa da falta de conscientização
31	Pouco tempo
32	As bandas não estão mais chamando o público e não está tendo Heavy Metal, é o estilo que mais chama o pessoal.
33	Não vejo pontos negativos
34	Carece um pouco de mais divulgação.

35	Abuso de poder por parte das autoridades no Sexta às seis e o lixo produzido pelo público.
36	Poucas bandas por dia no Sexta às Seis.
37	Pouca divulgação, do Sexta às Seis principalmente.
38	Não acontecer mais vezes no ano
39	O tempo do Sexta às Seis poderia ser prolongado.
40	Não vejo pontos negativos.
41	Estrutura
42	Não sei dizer
43	Nenhum

Respondente	Como você considera os dois eventos para a VIDA CULTURAL da cidade? Justifique.
1	Considero muito bom para a vida cultural, embora imagino que não seja tão acessível para quem more longe do centro. Mas, poder ouvir música ao vivo de graça num espaço aberto é realmente muito importante, sob perspectivas financeiras.
2	Extremamente Importante. Tanto o Festival quanto ao Sexta Às Seis são os eventos mais acessíveis à comunidade em geral e ao mesmo tempo são os eventos mais alternativos promovidos pela fundação/prefeitura.
3	A cidade de Ponta Grossa dispõe de grandes eventos culturais, sendo esses os mais conhecidos. Acredito ser importante esse tipo de cultura na vida das pessoas, até mesmo para um conhecimento sobre os acontecimentos na cidade. Muita gente não sabe dos eventos que o município proporciona gratuitamente e procuram outros meios para evoluir culturalmente. Em específico, o evento Sexta às Seis, mostra uma diversidade de pessoas, cada um com uma forma de se comportar, se vestir, e isso é importante para a população perceber que há outras formas de se expressar, tendo uma visão menos preconceituosa por vivência o momento.
4	É uma forma de levar a cultura da cidade toda um lugar que a cidade toda vê
5	Muito importante. É a oportunidade que muitas pessoas tem de conhecer e ouvir bandas regionais, nacionais e até mesmo internacionais.
6	São importantes para a diversidade, permite que o artista mostre seu trabalho e permite ao público, que muitas vezes não pode comparecer aos bares, conhecer esses artistas bem como seu trabalho e sua mensagem.
7	Importantes, pela divulgação dos trabalhos autorais e expansão da cultura musical.
8	O Sexta às Seis mudou bastante nos últimos anos, com a ideia de inclusão, trazendo diferentes tipos de som e abrindo as oportunidades a outros grupos musicais. Isso enriqueceu relativamente o peso cultural, atraindo mais a atenção das pessoas. Ambos são importantes para a inclusão social através da arte, além de permitir às pessoas o conhecimento de diferentes tipos de culturas e sons.
9	Extremamente importante, pois permite que diversas classes sociais e etnias entrem em contato, trocando experiências. Sobretudo, valoriza a arte, unificando tanto a cultura local, também com a promoção de bandas locais, e a cultura de fora da cidade. Através de eventos como esse, percebemos como a cultura é importante nas nossas vidas, pois quando chegamos em casa, na maioria das vezes estamos satisfatoriamente cansados por dançar, cantar, gritar, rir, etc. Ainda que a cultura não se manifeste somente através da música, é um claro exemplo de como ter cultura é importante para uma população.
10	Importantes, visto que fomenta a ocupação de espaços públicos.
11	Muito importante, pois é acessível a todos, juntando todas as tribos da cidade num ambiente de paz e aceitação.
12	Enriquecedor.
13	Considero bons e necessários, porque eles abrangem todas as classes sociais pela maneira que é proposta é necessário pois todos temos direito a cultura

14	Muito bom pra formação de grandes bandas e músicos.
15	De grande importância.
16	O Sexta às Seis já tem uma identidade muito pontagrossense. O outro não posso avaliar.
17	Ótimos. Uma forma oportunizar as pessoas, que não podem pagar shows, o acesso a boa música. O Sexta às Seis proporciona aos apreciadores de música da cidade conhecer e prestigiar as bandas locais e aos mesmos de mostrar suas composições e seus trabalhos como músicos.
18	Importantíssimo.
19	Essenciais.
20	Bom. Com um grande apoio da prefeitura fica organizado.
21	Considero importante, pois para algumas pessoas é a única forma de ter acesso a cultura.
22	Assim como disse em uma resposta acima, é a divulgação dos artistas locais, o espaço que é dado a todos sem deixar gênero algum de fora, vai do rock ao sertanejo, proporcionando espaço para que todos tenham oportunidade de mostrar seu trabalho.
23	São os únicos incentivos à cultura se fosse melhorado a estrutura e ofertado mais tempo durante o ano seria de grande valia.
24	E uma forma de distração pra população até porque aqui não tem shows várias assim todo mês/semana
25	Considero muito bom pois precisamos de mais eventos culturais
26	Valoriza as bandas regionais, além de fomentar a vontade de futuros artistas entrarem na cena cultural também.
27	Essenciais
28	Essencial para cultura/turismo da cidade
29	Ótimos
30	É uma forma de melhorar a cultura da cidade, pois é um evento onde todos podem participar abertamente
31	Muito bom. Oportunidade de conhecer bandas da cidade e da região
32	É bom ter eventos que muitas das vezes traz muita boa música, sendo que Ponta Grossa é uma cidade muito decadente quando o assunto é cultura.
33	Enriquece a cultura local por possibilitar de graça o acesso aos eventos e por remunerar os artistas locais
34	Muito importantes e necessários
35	De extrema importância, já que ambos movimentam a maior parte da cena musical da cidade.
36	A União das pessoas, gente de todos os tipos em um só lugar
37	Indispensável
38	Os eventos ampliam as possibilidades de contato com a cultura. Por ser de graça, todo mundo pode participar. E para as bandas da cidade é uma grande oportunidade de divulgar trabalhos
39	Excelente! Coloca as pessoas próximas a arte musical independente da classe social.
40	Toda forma de cultura é bem-vinda à cidade, ainda mais de forma gratuita e acessível a diversos públicos.
41	São importantes, dão um ânimo a mais para a cidade. Seria bacana serem aliados a uma virada cultura, possivelmente em parceria com municípios do Campos Gerais.
42	Ótimos
43	Excelentes e essenciais para a cidade.

Respondente	Possui alguma LEMBRANÇA de um fato vivido durante os eventos que foi marcante para você, e gostaria de compartilhar nessa pesquisa?
1	Sim! Firmei e reencontrei amizades especiais nos eventos.
2	No show do Cadillac Dinossauros no Festival de Música em 2017 lembro muito bem de ter ficado uns 4 dias com dor no pescoço e alguns problemas de audição de tão insano que foi, valeu muito a pena!!!
3	Não.
4	Os shows e a organização do festival de música melhoram a cada ano! Espero que continue assim
5	Diversas.
6	A mais marcante foi poder dividir palco com artistas consagrados como Marcelo Jeneci e O Terno.
7	Bandas de abertura dos festivais (normalmente mais conhecidas).
8	Não.
9	Lembranças envolvem amores, amizades, risos, encontros com amigos que há tempos não via. Alguns desses amigos não moram mais em Ponta Grossa, mas na época do evento, muitos deles dão as caras por lá.
10	Não.
11	Lembro de uma briga entre punks e nazistas em 2006, na praça barão, foi um dos motivos que tiraram o Sexta às Seis daquele local, pois acabou com um rapaz esfaqueado. Lembro também do primeiro show da Bandinha Di-Da-Dó, que estava frio e chovendo e os cara conseguiram tirar todo mundo do chão e fez-se calor.
12	Não.
13	Não uma em si, mas eu sempre lembro dos meus amigos reunidos.
14	Não.
15	Sim. Várias.
16	Quando estava na universidade esperávamos toda a semana para o evento, encontrava muitos amigos, era como um ritual.
17	Conheci uma pessoa especial.
18	Várias lembranças boas!
19	Lembro de quando o Sexta às Seis era no ponto azul, e eu estava decidido q ia montar uma banda, mas nós ainda não conhecíamos muita gente no meio artístico da cidade. Me preparei a semana toda, e quando terminou o show na sexta-feira soltei o gogo cantando Babilônia do Raul. Continuamos tocando por um bom tempo e a partir daí conhecemos muita gente, na sequência disso formamos o Lulas Bitucas.
20	Sim. Crianças curtindo com segurança
21	Conheci pessoas importantes para mim nos eventos
22	Alguns, eu gostava muito mais quando era na praça do regente, na verdade eu fui mais vezes lá do que no parque ambiental talvez seja essa minha preferência, gostei muito do show do Dazaranha.
23	Shows de bandas como casa das máquinas, Dazaranha e outras tão importantes para o país deveriam ser mais frequentes aliado as bandas locais
24	Quando fiz amizade com os emos e góticos eu imaginava eles diferente, mas eles foram acolhedores
25	Não
26	Ah, Bandinha didadó eu estava muito loco. Foi insano! Quebrei o braço, mas me diverti muito!
27	Não
28	Fiz boas amizades nas "rodas punk"
29	Namoro
30	Tenho, porém, prefiro não compartilhar
31	A caminhada no parque Ambiental fica melhor.

32	Muitos parceiros que conheci no Sexta às Seis e vários roles memoráveis.
33	O primeiro festival de música que fui em 2015. Estava frio (muito frio). Veio terra celta, a banda mais bonita, trombone de frutas. Era dia dos namorados. Não aconteceu nada muito específico, mas lembro que pela primeira vez eu dancei e foi meu primeiro dia de casados. Ainda guardo esse dia como um dos melhores que já vivi até hoje por ter conseguido perceber e aproveitar coisas muito simples
34	O fato de me encontrar com os amigos e relaxar é sempre muito agradável.
35	O festival de música de 2017 foi o melhor dia desse ano que foi muito difícil pra mim.
36	Show da confraria da Costa
37	Não
38	Conheci os rapazes da Selvagens à Procura de Lei. Estava em um período difícil e neste dia pude dizer que estava verdadeiramente feliz
39	Muita cerveja sempre kkk
40	Fiz grandes amizades no Sexta às Seis, além de grandes momentos que não esquecerei ao presenciar o show de bandas favoritas
41	Não tenho recordação de nada específico
42	Sim já participei e toquei no Sexta às Seis
43	Conhecer integrantes de bandas que eu gosto muito!

Respondente	Dentre os espaços públicos da cidade, quais você gosta de frequentar?
1	Praças, Teatros, cinemas e similares, Áreas Naturais
2	Praças, Parques, Museus e similares, Áreas Naturais
3	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
4	Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
5	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
6	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
7	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
8	Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
9	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais, Outros
10	Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
11	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Áreas Naturais
12	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
13	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
14	Ginásios, Estádios e similares, Parques, Teatros, cinemas e similares, Áreas Naturais
15	Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
16	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
17	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
18	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas

	Naturais, Outros
19	Praças, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
20	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
21	Praças, Parques, Áreas Naturais
22	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
23	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Áreas Naturais
24	Praças, Parques, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
25	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
26	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
27	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
28	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
29	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
30	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Áreas Naturais
31	Ginásios, Estádios e similares, Parques, Áreas Naturais
32	Praças, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
33	Praças, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
34	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
35	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
36	Praças, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
37	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais, Outros
38	Praças, Parques, Áreas Naturais
39	Praças, Parques, Áreas Naturais
40	Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais
41	Parques, Teatros, cinemas e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares
42	Praças, Parques, Outros
43	Ginásios, Estádios e similares, Praças, Parques, Teatros, cinemas e similares, Museus e similares, Shoppings, feiras, centros comerciais e similares, Áreas Naturais, Outros

Respondente	O que você acha sobre o 'PARQUE AMBIENTAL', local onde ocorre o Sexta às Seis e o Festival de Música de Ponta Grossa?
1	Acho que está sendo melhor utilizado, tanto para esporte quanto para atividades culturais... central, com iluminação, e agora com mais arborização.
2	Acho que poderia ter muito mais manutenção.

3	O parque, principalmente ao anoitecer acontece alguns assaltos, consumo e venda de drogas. Apesar desses problemas considero o parque como um local de lazer e prática de atividades físicas para todas as pessoas.
4	O ambiental é o local mais público e acessível da cidade, é o melhor lugar pra se fazer eventos como esse
5	A história arquitetônica do parque é interessante, assim como as construções aos seus arredores, tais como, estação saudade e estação arte ambos patrimônios culturais. Nos últimos anos o parque passou por uma revitalização o que deixou mais bonito, mais arborizado. Sendo um local de fácil acesso propicio para realização de tais eventos.
6	Um bom espaço, aberto, com capacidade para um grande público.
7	É um lugar bom, mas como a estrutura é sempre remontada poderia ser transferida também para outras praças da cidade.
8	Monótono. Apesar de ter se desenvolvido com os anos, não há ainda algum motivo concreto para as pessoas frequentarem, além dos eventos.
9	Eu gosto do Parque Ambiental, reconheço o trabalho da prefeitura em sua restauração, mas acredito que deveria haver mais árvores nos gramados.
10	Um ambiente agradável e de fácil acesso
11	Realmente é um local mais acessível a todos, porém eu preferia a praça barão do rio branco, ou a prefeitura poderia fazer um itinerário, realizando o Sexta às Seis, cada sexta em um bairro.
12	Bacana. Mas sem arborização
13	Acho um ambiente bacana, pode melhorar, mas é legal ver o uso desses espaços.
14	Um lugar agradável.
15	Um bom local, mas não tão bom quanto a estação.
16	Gostava mais do evento na concha acústica.
17	Espaço bom para eventos culturais, área grande e bonita. Segurança depois das 22 horas arriscada.
18	Adequado local.
19	Eu gosto. Acho bem estruturado e muito acessível por estar ao lado do terminal Central.
20	Está ficando cada vez mais um espaço público bem aproveitado.
21	Acho um bom lugar.
22	Eu acho legal, fui em alguns shows ali, o espaço é maior e tem um fluxo muito grande de pessoas.
23	Deveriam investir mais na arborização e também no conforto dos usuários com mais bancos para sentar, ser ofertado mais diversidade de alimentação e ter Estrutura para dias de chuva.
24	Lá e onde todos se encontram desde os jovens até os mais velhos, no entanto tem pessoas que não cuidam só vão fazer bagunça e usar droga ou beber
25	Gosto muito do parque ambiental só acho precário na segurança
26	Tá sucessinho!
27	Ótimo local
28	Muito bom
29	Preferia na estação saudade
30	Deveriam ter mais árvores pra ser chamado de parque
31	Poderia ser melhor
32	Acho legal, mas poderia ser melhor.
33	Poderia ser muito melhor, mas já foi pior. Pra começar falta lixeiras (como em quase todos os parques e praças de PG
34	Acho um bom lugar para realizar o evento, obviamente precisa de mais cuidados, mas estes decorrem da conservação diária dele.
35	Bem adequado para o evento e com boa localização.
36	Não É tão ambiental

37	Acessível
38	Gosto
39	Acho ideal pelo espaço e também pelo que o local representa na história da cidade.
40	Lugar mais acessível e bom para esses eventos, apesar de precisar de muitas melhorias.
41	Um bom espaço, mas que merece uma reestruturação
42	Para um parque ambiental ele é pouco ambiental
43	Podia ser mais "ambiental".

Respondente	Como você considera os ESPAÇOS PÚBLICOS para a cidade?
1	Acho que têm potencial para ser explorado. Vejo muitas praças que poderiam servir como espaços culturais, mas que não frequentadas e acabam sendo alvo de depredação e vandalismo, uma pena.
2	Os espaços são muito mal-usados, infelizmente.
3	Em sua maioria possuem uma boa estrutura e devidos cuidados.
4	São necessários para realização de tais eventos.
5	Muito importantes e devem ser ocupados pela população.
6	Em geral são bons espaços, com opções de lazer e esporte.
7	Bons.
8	De extrema importância, desde que com infraestrutura e espaço para lazer e outras atividades.
9	Espaços públicos são de fundamental importância em países desenvolvidos por promover esporte, saúde, cultura e conhecimento à todas as classes sociais, e, portanto, é muito importante que os países em desenvolvimento invistam em espaços públicos.
10	Em geral não são muitos convidativos para a população frequentar.
11	Essenciais, pois é onde a vida da cidade acontece, pena que a população não é educada a usufruir mais desses espaços, e, infelizmente, muitos estão em más condições.
12	Importantes
13	Como equipamentos destinados ao uso da população.
14	Bacana para a nossa população
15	Bem utilizáveis.
16	Poucos.
17	Ainda são poucos.
18	Total importância pra o bem-estar social
19	Um ambiente agradável.
20	Acho q nossos espaços estão ganhando Grande cenário na cidade
21	Não muito seguros.
22	Malcuidados, muitos esquecidos.
23	Necessários para a convivência dos cidadãos e prática de esportes.
24	Importante, porque e algo nosso também
25	Considero bons, mas com pouca segurança
26	Olha, acho o Marcelo Rangel uma pessoa bem mesquinha. Mas não posso discordar que como prefeito, o moçuelo tá fazendo um bem danado pros espaços públicos, esses espaços são importantíssimos pra integração social da cidade, permitindo momentos de lazer pra todas as classes sociais.
27	Essenciais

28	Essencial para o lazer
29	Bom
30	Deveriam ser mais valorizados pelas pessoas
31	Bons
32	São poucos, deveriam ter mais.
33	Os mais próximos ao centro estão melhores, já os dos bairros estão abandonados, como sempre estiveram
34	Carentes, malcuidados, sem segurança ou de difícil acesso.
35	Poderiam ser melhor geridos e aproveitados.
36	Um ótimo local para encontro
37	Perfeito, mas deveria ser melhor equipado
38	Essenciais
39	Está melhorando! Os poucos espaços que frequento estão bem cuidados. E também estão surgindo mais espaços na cidade e isso é bom na minha opinião. Mas creio que a melhoria tem que ser constante.
40	A variedade desses espaços é pouca para uma cidade que só cresce.
41	No geral bons.
42	Não sei dizer
43	Com pouca estrutura!

Respondente	Quais ESPAÇOS PÚBLICOS você considera importante para a cidade de Ponta Grossa?
1	A Praça do Pôr do Sol foi uma criação importante para a cidade, praças em geral, o parque ambiental também, em questão de lazer. Quadras e pistas são essenciais para estimular o esporte. Museus e áreas naturais.
2	Parque Ambiental, Concha Acústica e Estação Saudade, entre outros espaços.
3	Parque Ambiental por conter parte da história de Ponta Grossa com a casa da memória e estação saudade, alguns prédios e ruas históricas, praça da catedral, etc.
4	Ambiental, estação saudade,
5	Parque Ambiental, Universidade, praças, locais onde são realizadas feiras de artesanatos, alimentos, centro de cultural, museu dos campos gerais, centro de eventos entre outros.
6	Parque Monteiro Lobato, Parque Ambiental.
7	Todos as praças, centrais e dos bairros, além dos parques naturais.
8	As universidades, os parques
9	Áreas para prática de esportes, e quando mais variados os esportes, melhor. Locais como o centro de cultura, museus, estação saudade, etc. Praças onde possamos encontrar as pessoas, e desfrutar de lazer.
10	Parque ambiental, praça Monteiro Lobato, Museu Campos Gerais
11	Teatros, praças em geral e ginásios de esportes.
12	Praças
13	Todos
14	Cine teatro Ópera e o Parque Ambiental
15	Parque ambiental, concha acústica.
16	Todos
17	Parque Ambiental, desconheço outros para avaliar.
18	Praças, parques, etc
19	Parque Ambiental. Ponto azul. Pista de skate em olarias. Gostaria de ver eventos como esses acontecendo nos bairros

20	Vários na verdade, não sei citar
21	Parque ambiental, praça do Jardim Carvalho, Praça pôr do Sol
22	Parque ambiental, Estação Saudade, praça em frente ao Regente (nunca lembro o nome), Parque do Monteiro, parque Marguerita...
23	Praças e áreas naturais.
24	Todas são importantes sem exceções
25	As praças
26	Teatro Ópera, quando rola concertos grátis, ambiental, concha acústica. E ESCOLASSSS, ESCOLA É ESPAÇO PÚBLICO, sinto que precisamos ter mais projetos culturais dentro das escolas.
27	Praças
28	Todos
29	Parque ambiental, concha
30	Parque Ambiental
31	Terminais de ônibus, postos de saúde, parques e praças
32	Estação Saudade, que neste exato momento é praticamente inexistente.
33	Se é público é importante, não deveria haver distinção
34	Praças, parques e museus.
35	Todos.
36	Parque ambiental, parque Monteiro lobato
37	Parque Ambiental e afins
38	Praças no geral
39	CEU na Vila Coronel Claudio pra mim por ser no meu bairro. Mas para a cidade o mais importante creio que seja o Parque Ambiental mesmo.
40	Museus, teatros, parques e áreas naturais
41	Praça do Pôr do Sol.
42	Tem várias praças
43	Estação Saudade e Biblioteca Pública

Respondente	O que você acha sobre a prefeitura manter esses EVENTOS MUSICAIS na agenda cultural da cidade?
1	Acho imprescindível!
2	Acho tanto ótimo quanto necessário.
3	Toda cidade deve garantir o acesso à cultura aos seus moradores, acredito que além de mantê-los, a prefeitura deveria fornecer mais eventos culturais para que as pessoas frequentem e se tornem mais cultas.
4	Acho sempre interessante a cidade ter uma agenda cultural repleta de opções
5	Muito importante. Levar cultura e arte a população mais carente.
6	É algo muito positivo para as bandas autorais da cidade.
7	Importante
8	A cidade se destaca com esses eventos. É ótimo para a prefeitura e para as pessoas.
9	Ótimo, pelos motivos citados acima.
10	Essencial.
11	Vital.
12	O certo
13	Importante e apoio.
14	Muito bom pois uma cidade sem cultura é uma cidade morta
15	É um diferencial na gestão do governo. Deve continuar.

16	Ótimo
17	Importante
18	Total apoio
19	Aprovo.
20	Grande aproveitamento cultural, englobando quase todos os cidadãos.
21	Muito importante
22	Uma ótima ideia, e muito importante para nossa cidade
23	Importante manter e investir mais para que tenhamos acesso à cultura em qualquer estação do ano.
24	Acho essencial
25	Acho importantíssimo e poderiam adicionar mais
26	Essencial, porém insuficiente. A prefeitura precisa rever a forma de divulgação dos eventos. Investir mais em redes sociais, principalmente <i>instagram</i> ou <i>facebook</i> , desde que patrocinado.
27	Obrigatório para a cultura da cidade
28	Fantástico
29	Ótimo
30	Ótimo, pois muita gente não tem oportunidade de ir em outros eventos, e esses facilitam muito
31	Deve manter
32	Se for pra trazer boa música apoio.
33	Necessário
34	Muito importante dar continuidade.
35	Importante para dar maior visibilidade e suporte à vida cultural produzida na cidade.
36	Acho de extrema importância, pra quem vive da música é um ótimo local para expor sua arte.
37	Essencial
38	Acho ótimo. Tem mais é que trazer mais bandas ainda!
39	Estão de parabéns! Essas iniciativas são excelentes para a cultura e a arte e para toda a população da cidade.
40	Deveria manter.
41	Com certeza
42	Ótimo
43	Deve

Respondente	O que você acha sobre a prefeitura organizar ATIVIDADES CULTURAIS em espaços públicos da cidade?
1	Acho bom. Se for em parcerias com outras instituições ligadas à cultura, melhor.
2	Concordo, e que isso ocorra cada vez mais de diversas maneiras.
3	Extremamente importante pois assim todo tipo de pessoa, independentemente de sua classe econômica pode frequentar.
4	Bom
5	Penso ser o local ideal desde que seja feita um bom planejamento garantindo segurança, infraestrutura como lixeiras, banheiros etc...
6	Acho interessante. Além de contribuir para o cenário cultural, também movimenta a economia, comércio e ambulantes.
7	Acho que a parceria com agenciadores culturais independentes muito válida.
8	Todos os tipos de pessoas têm acesso a música ao vivo em espaço público, gratuitamente. Melhor tipo de inclusão social.
9	Muito importante, pois muitas pessoas não saem de casa, não percebem o espaço da própria cidade. Promover eventos como esse, faz com que essas pessoas saiam

	de casa, vivam os espaços públicos, unindo a cultura da cidade, materializada em sua paisagem, com diversas outras manifestações culturais, que agrega conhecimento.
10	Importante para o desenvolvimento da cidade, do ponto de vista cultural.
11	É uma obrigação, pois o povo precisa disso.
12	Muito bom
13	Importante também
14	Muito bom
15	Uma iniciativa a ser copiada.
16	Essencial
17	Motivante para bandas locais. Agradável para apreciadores de atividades culturais.
18	Total apoio
19	Uma ótima opção para as pessoas saírem da sua rotina.
20	Super legal
21	Muito importante
22	Fantástica
23	Bom incentivo à população
24	Ótimo, e bom ter algo diferente da cidade
25	Maravilhoso
26	Sucessinho!
27	Ótimo
28	Acho positivo
29	Bom
30	Incrível pois todos podem participar de forma livre
31	Ótimo
32	Muito bom.
33	Considero uma obrigação
34	Interesse para democratizar esses momentos para a população.
35	Importante.
36	Genial! Acessível para todos
37	Muito importante
38	Proporciona momentos memoráveis
39	Muito bom! Espaços que precisam ser ocupados com muita arte e cultura para a população.
40	Deveria aproveitar mais esses lugares. A prefeitura faz revitalizações dos espaços e depois abandonam novamente. Deveria manter esses lugares ativos, há muitos artistas na cidade dispostos a utilizar destes lugares.
41	Muito importante. É fundamental o incentivo à cultura e a sua propagação de forma gratuita e unilateral.
42	Ótimo
43	Maravilhoso

Respondente	Em relação à música, para você, qual a SENSACÃO em OUVIR música ao vivo e música gravada? Há diferença? Quais?
1	A sensação é boa, de presenciar um momento único. Tem diferença, é a música que está rolando naquele exato momento, nunca vai ser igual como a gravada que pode se repetir quantas vezes se quiser.
2	São várias diferenças. A Música ao vivo tem muito mais emoção, o artista está dando o sangue ali pra tocar o melhor que ele pode pra quem tá ouvindo e isso é muito emocionante!

3	A música ao vivo traz uma experiência melhor como se fosse feito de maneira única e especialmente direcionado ao público presente, há uma energia diferente por se tratar de um público diferente.
4	Ver um show ao vivo no gramado de um parque é uma das melhores sensações que esses eventos nos proporcionam.
5	Há diferenças sem sombra de dúvidas. Música ao vivo tem vibração do público o que deixa ainda mais emocionante o espetáculo, ampliando as sensações.
6	Gravada em estúdio há a riqueza de detalhes, a qualidade sonora que só um estúdio pode proporcionar. Ao vivo, a energia do artista é fundamental, é uma troca entre artista e público que torna cada show único.
7	Música BOA sempre causa uma sensação agradável, sendo ao vivo ou gravada.
8	A música gravada é muito mais robótica. Ao vivo tem toda uma emoção que os artistas passam, uma energia. Não tem comparação
9	Conhecer os artistas pessoalmente. Música gravada é editada em estúdio, mas apenas pessoalmente é possível ver as verdadeiras habilidades musicais de um músico. Gosto do fato de que cada apresentação é única, e em cada uma delas, o artista se apresenta de maneiras diferentes. Os músicos profissionais, muitas vezes também são especialistas em levantar o astral das pessoas, e isso também conta.
10	Música ao vivo tem a energia da banda/cantor com o público, tem maior interação, enquanto que a música gravada você carrega ela pra todos os lugares e não tem a mesma emoção do que ouvir ao vivo, mas da mesma forma desperta emoção.
11	Claro que há diferença, a "vibe" do show ao vivo é muito melhor, é uma energia que você só sente ali na frente do palco, sem contar que quando se monta uma banda é para fazer shows, sem shows, não tem músicas gravadas.
12	Acredito que ao vivo tem muito mais emoção
13	É emocionante uma sensação bem diferente de ouvir música ao vivo do que a gravada, pois a gravada é mais íntima, um momento pessoal.
14	Música ao vivo você percebe o som original das músicas já em estúdio estão usando muitas tecnologias q interferem na qualidade do som original
15	Sim. A sonoridade e a energia da música.
16	Sim. Não sei explicar, mas música ao vivo posso ouvir e ter prazer, até de gêneros que não são de minha preferência.
17	Com certeza. Sonoridade melhor. Emoções táteis
18	Sim. Música ao vivo traz um feedback ao público em geral, integração, interpretação, mensagem, etc.
19	Gosto das duas opções. A diferença e a troca de experiências que a música ao vivo proporciona.
20	Ao vivo, emoção diferente.
21	Ao vivo é melhor.
22	Sim, música gravada você pode corrigir, até que chegue ao que você quer, ao vivo a sensação é outra muito melhor
23	Ao vivo agente interage literalmente aos artistas e assim se faz a arte
24	Sempre tem uma diferença, os efeitos talvez, e mais legal sei lá
25	Muita diferença ao vivo o som é melhor em estúdio pode ter muitas edições por isso o que ao vivo pode ser decepcionante
26	Toda. Ver música ao vivo nos lembra que são pessoas por trás daquela sonoridade, nos conecta, sente a energia. Além de que um show ao vivo, de certa forma, é algo ritualístico, abstrato, verbalmente inexplicável.
27	Ao vivo sempre é mais emocionante
28	Ao vivo bem mais emocionante
29	Ótima
30	A música ao vivo, junto a outras pessoas, dá uma sensação de harmonia entre todos e parece que todos se "encaixam". Já a música gravada pode ser escolhida mais facilmente, e você sempre fica na mesmice.
31	Sim, a música ao vivo pode haver interação do público junto com a banda
32	Vendo a banda tocar você sente a energia e também a galera ajuda pra fazer o

	espetáculo ser legal, com o MP3 ou CD Player ligado você não sente isso.
33	Como músico, considero o show o ápice de uma performance artística pelo fato de o artista ter um contato próximo ao seu público e vice-versa
34	Há diferença, a música ao vivo é vinculada a performance dos músicos e os sentidos que estes passam no momento da apresentação, a música gravada tem uma intimidade pessoal maior, mas carece de alguns sentimentos que só podem ser presenciados na oportunidade de ser apreciada ao vivo.
35	A sensação é melhor porque ao vivo há emoções que são perceptíveis pra gente que a música gravada não permite.
36	Ao vivo tem mais emoção, é quando são conhecidas e a galera cabra junto é uma sensação inexplicável
37	Há mais interação artista/público sem falar na qualidade de som que é muito melhor.
38	Há diferenças. Ao vivo a energia é incrível, dá pra fechar os olhos e ir pra outro mundo
39	Sim. Música gravada tem a função de estar próximo do ouvinte sempre. Mas o show ao vivo é troca de energia do músico no palco com o público. O show não está somente no palco. O show ao vivo envolve tudo. Quando essa harmonia acontece, entre os músicos e o público o show fica sensacional!
40	A sensação é muito melhor, você SENTE a música. Você nota cada instrumento ali tocado muito mais fácil.
41	Há sim. As música ao vivo pode ser carregada com mais emoção e entrega do intérprete.
42	Eu vivo da música então não tem o que descrever
43	Com certeza há diferença, música ao vivo é muito melhor e traz uma sensação maravilhosa.

Respondente	Qual sua idade?	Gênero	Bairro onde mora?	Renda	Escolaridade
1	27	Mulher	Nova Rússia	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
2	19	Homem	Boa Vista	Desempregado (a)	Ensino Fundamental completo
3	22.	Homem	Centro.	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
4	21	Homem	Olarias	Desempregado (a)	Ensino Superior Completo
5	24	Homem	Uvaranas	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
6	29	Homem	Jardim Carvalho	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
7	28	Homem	Olarias	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
8	20	Homem	Centro	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
9	23	Homem	Nova Rússia	Desempregado (a)	Ensino Superior Completo
10	21	Mulher	Boa vista	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
11	29	Homem	Nova Rússia	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Superior Completo
12	19	Mulher	Uvaranas	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
13	22	Mulher	Uvaranas	Desempregado (a)	Ensino Médio completo
14	43	Homem	Uvaranas	Desempregado (a)	Ensino Médio completo

15	22	Homem	Centro	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
16	32	Homem	Órfãs	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
17	45	Mulher	Centro	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
18	39	Homem	São José	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
19	34	Homem	Núcleo Pitangui	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Fundamental completo
20	29	Homem	Centro	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
21	29	Homem	Vila estrela	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
22	32	Homem	Jardim Carvalho	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
23	29	Homem	Uvaranas	Desempregado (a)	Ensino Médio completo
24	18	Mulher	Uvaranas	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Fundamental completo
25	21	Mulher	Santa Paula	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
26	25	Homem	Nova Rússia	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
27	42	Homem	Oficinas	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
28	26	Homem	Uvaranas	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
29	24	Homem	Nova Rússia	Desempregado (a)	Ensino Médio completo
30	16	Mulher	Jardim Canaã	Desempregado (a)	Ensino Fundamental completo
31	32	Mulher	Jardim Carvalho	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
32	16	Homem	Neves	Desempregado (a)	Ensino Fundamental completo
33	26	Homem	Uvaranas	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
34	21	Homem	Centro	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
35	20	Homem	Uvaranas	Desempregado (a)	Ensino Médio completo
36	20	Mulher	Contorno	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Médio completo
37	20	Mulher	Boa Vista	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
38	24	Mulher	Nova Rússia	R\$0,00 a R\$999,00 reais	Ensino Superior Completo
39	36	Homem	Uvaranas	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
40	25	Homem	Uvaranas	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
41	21	Homem	Centro	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Superior Completo
42	22	Homem	Nova Rússia	R\$1 mil a R\$4.999,00 reais	Ensino Médio completo
43	21	Mulher	Uvaranas	Desempregada	Ensino Médio completo

APÊNDICE I- ENTREVISTAS COM MÚSICOS PARTICIPANTES DO FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA EM 2018³⁹ (Questionário teste).

ENTREVISTA COM A BANDA APOLOGIA SUL REALIZADA EM JULHO 2018.

Pesquisadora: Como ocorreu o convite da participação de vocês no Festival?

Músicos: A gente já desenvolveu um trabalho anterior, por meio do Sexta às Seis, começamos a ter esse contato com a Fundação Municipal de Cultura, saber qual é a metodologia de trabalho deles. Nós, por muito tempo estivemos focados na música, em produzir, fazer e ir realmente pro lado da música, a partir do Sexta às Seis, via edital e toda a burocracia que é do festival, nós entramos e começamos a ter contato e eles conheceram nosso trabalho, e veio o convite específico para querer inserir o rap que é um gênero que hoje está bem difundido, é um gênero forte, e a gente já vem trabalhando, não só nós, mas, toda a 'rapa' que faz parte do cenário de Ponta Grossa, esse cenário é muito forte, sempre foi, vários talentos aí perdidos que estamos tentando resgatar, trazer junto pro trabalho. E o convite pro Festival veio paralelo a isso, depois do Sexta, esse foi o primeiro contato nosso com a fundação, gerando o convite direto.

Pesquisadora: Como foi a experiência de tocar no Festival?

Músicos: Não tem como falar, sem palavras. É muita emoção, ver o pessoal que você convive, amigos, familiares, pessoas que estudaram junto com a gente, então é muito especial, cantar em Ponta Grossa para nós é muito especial, porque é nosso dia a dia, é nossa vida, então, falando em palavras não tem como explicar, é foda, só ficando lá em cima do palco para sentir isso. São as pessoas que habitualmente circulam, então você sempre tá vendo esses caras, e você vê que eles estão felizes, de estar de certa forma representados, a sensação é de realização, uma sensação de que estamos no caminho certo, sentimento de missão cumprida. Que deu tudo certo, várias pessoas constaram, apareceram, estiveram presentes, fora que são nossas próprias letras, o rap é um conteúdo autoral, envolve muito sentimento muita história, você tá contando a sua história ali no palco para as pessoas, que também tem o dia a dia semelhante, é muito importante para nós, é

³⁹ As perguntas fazem parte do questionário inicial da pesquisa - questionário teste. Muitas perguntas não fazem mais parte dos questionários oficiais.

especial demais. Gera identificação, gera engajamento, gera um espelho, pois você está cantando aquilo que várias pessoas estão passando no seu dia a dia, isso acerta em cheio, pois, em certo momento a pessoa que está ali ouvindo vai se sentir tocada.

Pesquisadora: Vocês tocam em lugares privados? Lugares diferentes do Parque ambiental?

Músicos: Sim, esse ano tivemos uma agenda de shows bem mais legal que ano passado, temos visitado vários lugares, parques, casas noturnas, nós realizamos eventos também que é uma atividade que sempre fazemos. Nós sempre queremos tomar a frente, de estar convocando o pessoal pra estarem junto com o rap, tentamos fazer o movimento mais presente possível.

Pesquisadora: É diferente tocar em espaço público e espaço privado?

Músicos: Tem muita diferença, como um festival como esse, pois você tem que pensar que o show vai abranger pessoas que podem não ser seu público, as vezes o público de uma outra banda vai ouvir teu som, então, talvez ele também se identifique, nós sempre pensamos nisso, em moldar uma apresentação específica para cada lugar que vamos tocar. Igual hoje, temos crianças, temos pais de família que não tem muito envolvimento com o rap, então, tentamos fazer o mais apresentável possível, algo que encaixe nos olhos deles e que eles falem “Poxa, a cidade está bem representada”. E até mesmo desmistificar alguns paradigmas, que as vezes circulam em torno do rap, mas não só no rap, mas é a forma que queremos ser vistos, por isso temos esse cuidado.

Pesquisadora: Qual a visão de vocês sobre esse espaço público?

Músicos: Eu acho que primeiro é a ocupação, eu acho que essa ocupação dos espaços públicos não só para arte, vamos dizer conceitual, para aquela arte de galeria que chama, essa ocupação é importante, porque a pessoa que participa por exemplo do festival, ela vai passar por esse mesmo local e quando não estiver aqui toda essa estrutura, ela vai ter lembranças, ela vai ter aquela identificação com o espaço, então eu acho que para os anos posteriores isso vai ter um peso cultural enorme, porque você abre possibilidades quando é feito um evento desse em um lugar aberto, que todo mundo pode participar, prestigiar. E o espaço em si já traz muitas lembranças, eu e ele, nesse espaço que estamos, passeávamos com dez anos de idade juntos, a gente até cantou aqui há uns quinze anos atrás, no Festival de Arte da Rede Estudantil, no Projeto Fera, foi a primeira vez que subimos em um

palco e foi aqui, nesse espaço, e cantando rap, um rap que fala sobre o Zumbi dos Palmares para um público de duas mil pessoas, entendeu? Se para nós tem esse peso, se para nós já há esse sentimento, imagina para quem comparece, e ouve, as vezes escuta uma palavra que pode ajudar ela no dia a dia, entende?

Pesquisadora: Sobre a estrutura do festival e suporte técnico oferecido

Músicos: Eles dão total amparo, som de qualidade, estrutura de palco de qualidade, a Fundação está de parabéns, esse é um exemplo de estrutura que gostaríamos sempre de encontrar. Exatamente por ser a forma que as pessoas vão nos ouvir, um som de qualidade, um palco bom, isso agrega na nossa performance, então quando você chega e encontra uma estrutura dessa ficamos muito felizes e gratos, é gratificante para nós, porque de certa forma é uma valorização do nosso trabalho.

Pesquisadora: Pontos negativos e positivos do festival

Músicos: Eu não vejo pontos negativos, porque foi tudo bem programado antes, tentamos conversar e acertar tudo com a fundação antes, tentando fazer o mais perfeito possível, não tem o que reclamar. Talvez coisas específicas como a relocação do palco, que fica pra frente da praça de alimentação, talvez se o palco estivesse mais próximo, são coisas de tentativa e erro, não dá para colocar como pontos negativos, talvez para os próximos eventos a comissão organizadora verá o que pode melhorar, são coisas triviais. Pontos positivos são muitos, a divulgação foi massiva, vemos na cidade que está acontecendo, mesmo não passando nos locais, e toda a infraestrutura com praça de alimentação, um bom palco, termina um show rola outra coisa em paralelo, então isso é muito legal, eu vim ontem apreciar meus colegas que tocaram e consegui vivenciar isso.

Pesquisadora: Opinião sobre o público do festival.

Músicos: Aquilo que eu falei do início, você vê seus amigos, pessoas que fazem parte da sua vida, é especial, Ponta Grossa gosta muito de rap, tem um público bom para o rap, o pessoal veio em peso hoje aí. As vezes as pessoas ficam meio receosas por ser a primeira vez do rap num festival desse porte, eu acho que se continuar cultivando o rap ele está numa ascensão assim como gênero, hoje ele está nesse circuito de festivais, de shows grandes, vemos que tem a demanda, é só saber trabalhar o nicho que vai dar bons resultados, o público é 100%, porque tem todo tipo de público, lá do palco vemos famílias, vemos o pessoal que vem para

curtir a música, o pessoal que as vezes está de passagem e acaba parando, então isso é bem legal.

Pesquisadora: Nome, idade e onde mora

Músicos: Michel, vulgo Rafike, 27 anos, morando na Ronda. Meu nome Thiago, conhecido por Souls, 27 anos, moro na Ronda.

Pesquisadora: Como é a trajetória de vocês na música?

Músicos: Começamos, a nossa primeira experiência com o rap foi como ouvinte, a partir de uma fitinha cassete, que eu comprei em 2001, e quando comprei eu ouvi duas outras vezes e acabei deixando de lado, em 2002 eu conheci o Michel, nós convivíamos diariamente, estudávamos juntos éramos bem amigos, tipo irmão e ele achou a fita no meio das minhas coisas (bolinhas de gude, figurinhas etc) e ele falou “caramba, você tem uma fita do Racionais, já ouvi falar, e tal”, e eu não tinha aparelho de som em casa nessa época, pois vivíamos em situação bem precária, e ele tinha aparelho de som em casa, e ele levou a fita pra casa, até que um dia quando eu havia comprado um rádio e tal, acabei rasurando a fita, gravando outras coisas em cima, e ele ficou muito bravo comigo, e aí foi nosso primeiro contato. Dez anos de idade, uma fita cassete do Racionais foi o que mudou tudo, depois daquilo criamos o hábito de se reunir para tirar as letras de músicas em um caderno, iniciávamos e pausávamos o som e escrevendo e analisando o conteúdo das letras, o que não sabíamos o significado íamos atrás, pegávamos o dicionário.

E na época, eu fiquei bravo por ele rasurar a fita, porque eu fiquei sem saber a parte daquela música, pois na época não tinha CD e toda a tecnologia de hoje, então para você saber da música você tinha que ir atrás mesmo, pois nós não tínhamos dinheiro, não tinha como ir em lugares específicos para músicos, era raro quem tinha, para ter musica naquela época era bem difícil, ela era bem escassa, então começamos assim, conhecemos o rap, sempre fomos muito inquietos em relação a querer fazer as coisas, a primeira vez que fizemos um rap tirávamos num balde, fazia o bumbo num balde, as batidas eram num balde, e tentávamos gravar e produzir, aí conhecêssemos um outro amigo que tinha computador, na época para nós era coisa de outro mundo e aí ele começou a querer fazer os *bits*, querer produzir as músicas, a gente se internava na casa dele, saía da escola e corria para casa dele, com doze anos já trabalhávamos e começamos a querer fazer um circuito, comprar as coisas para produzir, investir, e assim começou, a primeira vez

que nos apresentamos foi em uma pista de skate e começamos a participar de festivais e assim por diante.

Pesquisadora: Tem outra profissão ou trabalham só com a música?

Músicos: Ainda estamos no processo de querer viver de música, ainda trabalhamos como autônomos, o que ajuda na flexibilidade de horários, a ensaios e se programar para dedicação exclusiva para a música.

ENTREVISTA COM ALEXANDRE MELLO REALIZADA EM JULHO DE 2018.

Pesquisadora: Como ocorreu o convite da participação?

Músico: Foi por meio de uma seleção, enviamos o nosso material para o email da Fundação, e eles conheceram nosso trabalho a partir do material enviado.

Pesquisadora: Como foi a experiência de tocar no Festival?

Músico: Foi bem bacana, fora o nervosismo. Fica apreensivo e cria expectativa e tudo mais, mas é sempre bacana, vamos ganhando experiência.

Pesquisadora: É diferente tocar em espaço público e espaço privado?

Músico: É, em termos assim, a música é quase a mesma, mas a energia e a galera são outras, é um outro público, em lugar aberto não é o público específico que frequenta o bar, ou que vai para ver você, então eu acho legal essa troca de experiência.

Pesquisadora: Qual a visão de vocês sobre esse espaço público?

Músico: Eu acho bacana, são espaços que não são muito usados, eu acredito que conforme esse tipo de evento vá acontecendo as pessoas vão cada vez mais frequentar, vão se tornar constantes.

Pesquisadora: Sua opinião sobre a ocupação dos espaços públicos através de atividades culturais.

Músico: Eu acho que tem que rolar mais, talvez criar parcerias, e dar espaço para galera que está trabalhando, hoje tem muitas pessoas produzindo, e investir nesse lance (público) de pegar pessoas que não estão ligadas diretamente com a noite, com a música, com a arte. Então eu acredito que esse seja um ponto importante, conscientizar culturalmente, ou algo desse tipo.

Pesquisadora: O que você acha da iniciativa da Fundação?

Músico: Muito massa, porque ainda é difícil as pessoas levarem o artista e a arte como uma coisa seria, então atitudes como essa, fomentam e movimentam a

cidade e faz com que as pessoas que tem aversão a isso entendam que realmente é um trabalho sério, que é preciso respeitar esse trabalho.

Pesquisadora: Sobre a estrutura do festival e suporte técnico oferecido.

Músico: Eu sempre me virei sozinho, os equipamentos que preciso, locomoção tudo eu já tenho, é mais simples, não consigo pensar em quão abrangente eles poderiam ser nesse quesito, mas a estrutura do festival está muito boa.

Pesquisadora: Pontos negativos e positivos do festival.

Músico: Positivos tem vários. A interação com o público, espaço para novos artistas, interação com artistas já reconhecidos é muito bacana. Pontos negativos eu não consigo dizer nenhum.

Pesquisadora: Nome, idade e onde mora.

Músico: Alexandre Mello, tenho 27 anos, moro no Jardim Carvalho.

Pesquisadora: Como é a sua trajetória na música?

Músico: Eu sempre ouvi meu avô cantando então eu sempre quis tocar, e acho que peguei um pouco da veia dele, eu toco desde os doze anos, trabalho com a música a cinco anos, profissionalmente, estou produzindo alguns vídeos, e tentando espaço em festivais e oportunidades como essa são muito bem vinda, estou trabalhando pra me colocar no mercado da música e virar um artista de verdade (risos).

Pesquisadora: Tem outra profissão ou trabalham só com a música?

Músico: Faz dois anos que trabalho só com a música, vivo da música.

ENTREVISTA COM A BANDA SOLANA DUB REALIZADA EM JULHO DE 2018.

Pesquisadora: Como ocorreu o convite da participação de vocês?

Músico: Tem uma lei agora, que quando tem bandas de fora vindo em nível nacional nesse tipo de evento é obrigatório ter a participação de bandas locais, então essa era uma brecha na normativa e tem o convite da fundação para apresentação de bandas novas, como estamos lançando um EP, eles contemplaram nossa banda para estar mostrando o trabalho, que é um som novo, um som *dub* que nem toca na cidade, que estamos mostrando agora, então é uma oportunidade que veio a calhar no momento.

Pesquisadora: Como foi a experiência de tocar no Festival?

Músico: Para quem toca na noite em Ponta Grossa, tocar no Festival, tem equipamentos melhores, tem um público maior, e poder divulgar sua música para pessoas que não vão à noite, não vão nas casas noturnas, para nós é abrangente como forma de divulgação e atingir o público que normalmente não alcançamos. O festival é bom também para fazer contato com outras bandas, conexão com outros artistas de fora e viver a música de outra forma que não é o cotidiano da cidade.

Pesquisadora: O que você acha da ocupação dos espaços públicos por atividades culturais?

Músico: A Solana Dub tem contato com esse tipo de atividade e ação, tanto é que ela faz esse tipo de atividade explorando esse campo, achamos muito positivo quando a arte entra onde não são lugares normais, onde pode explorar espaços diferentes, espaços que nem sempre são utilizados para cultura, que geralmente são abandonados, vandalizados, e ocupar esses espaços com arte, é trazer vida para esses espaços, e a banda tem algumas atividades nesse sentido também.

Pesquisadora: É diferente tocar em espaço público e espaço privado?

Músico: É diferente porque o espaço público é até mais democrático, que se a pessoa quer assistir ao show e não tem dinheiro ela não pode entrar nas casas de shows, pois o proprietário visa o lucro, que não é o caso desse espaço onde a prefeitura cede espaço para o povo participar é onde há mais democratização da arte, você pode ter acesso, todo mundo tem acesso, é só ter disponibilidade e curiosidade para assistir, não é cobrado nada, então eu acho isso bem interessante.

Pesquisadora: Qual a visão de vocês sobre esse espaço público?

Músico: A estrutura está bem legal, está ocorrendo periodicamente esse tipo de evento, para cidade é bem positivo, traz novos artistas para movimentar a cidade e esse espaço, utilizando esse espaço que é parado durante o restante do ano. E de certa forma o espaço aberto ele é mais abrangente, tanto para o músico como para o público, pois está no espaço aberto, pode sentar, pode ter outra experiência musical, pode trazer a família, o cachorro, então o espaço aberto é sempre mais positivo, que um espaço fechado.

Pesquisadora: Sobre a estrutura do festival e suporte técnico oferecido.

Músico: Há o cache, estrutura de som, estrutura de alimentação, lugar para se preparar, uma estrutura bem legal.

Pesquisadora: O que você acha sobre a iniciativa da fundação?

Músico: Eu acho bem positiva e espero que a fundação não pare, que eles sempre motivem e incentivem os artistas através desses eventos, e convidando músicos locais, para termos representatividade cultural local, então isso é bem positivo

Pesquisadora: O que achou do público do festival?

Músico: Muito bacana.

Pesquisadora: Nome, idade e onde mora.

Músico: Romulo Rosa, tenho 35 anos, moro no Sabará.

Pesquisadora: Como é a sua trajetória na música?

Músico: Minha trajetória na música começou com a poesia, eu tenho bastante facilidade para escrita, e eu tinha uma combinação de 100 poesias, e elas foram virando música com o passar do tempo, e a oito meses eu encontrei o pessoal da Solana Dub. Então minha experiência na música é de compositor letrista e interprete

Pesquisadora: Tem outra profissão ou trabalham só com a música?

Músico: Atualmente eu me dedico só a música, me dedico 100% só a música.

ENTREVISTA COM A BANDA LAMALAIKA REALIZADA EM JULHO DE 2018.

Pesquisadora: Como ocorreu o convite da participação?

Músico: Através da Elis e do Eduardo, que já conhecem a banda, conhecem o estilo, entraram em contato pessoalmente por já conhecer nosso trabalho e fizeram esse convite para tocar na rua, nos deixando muito felizes

Pesquisadora: Como foi a experiência de tocar no espaço público?

Músico: Na verdade foi a primeira vez da Lamalaika, eu já toquei várias vezes. Eu sempre curti tocar na rua. Como eu toco um instrumento como saxofone eu acabo dependendo de um instrumento que me dê suporte, por exemplo: alguém tocando um violão, um piano, então sempre que vou tocar na rua eu vou acompanhando alguém. E eu acho que é uma experiência maravilhosa tocar na rua, eu sinto que Ponta Grossa tem essa carência. Na verdade tocamos com a mesma vontade que tocamos no bar, mas na rua vão chegar outras pessoas que não vão aos bares a noite, você toca numa praça ao meio dia, você vai atingir um público

que nunca vai no Phono, que nunca vai no Rei das Batidas, então isso é o rico de tocar na rua.

Pesquisadora: Qual a visão de vocês sobre esse espaço público?

Músico: Eu acho bom esses espaços, o conservatório está com uma estrutura legal, o Opera também, aqui na praça o pessoal da organização trouxe os equipamentos, a qualidade está legal, mas o que acho interessante, que quando o Festival crescer mais, acho que a fundação deveria tentar descentralizar, tocamos nesse circuito de rua que foi muito legal, tocamos no CRAS, no Nova Rússia, tocamos na Prefeitura, no calçadão que eu acho muito legal tocar lá, eu acho que tem que descentralizar mais, levar para outras pessoas e não só para o centro.

Pesquisadora: O que você acha sobre a ocupação dos espaços públicos por atividades culturais?

Músico: Eu acho maravilhoso, como eu já disse, Ponta Grossa carece de música na rua, de cultura na rua, existem os eventos esporádicos, mas eu acho que temos que fazer coisas não dependendo só de Prefeitura, de verba pública, tem que fazer um pouco por conta mesmo, armar um ciclo e fazer a parada rolar. Por exemplo, nós compramos com o cachê da banda instrumentos para podermos tocar na rua sem precisar de tomada por exemplo, nós vamos chegar na rua e tocar a hora que tivermos vontade, e não vamos tocar só no parque ambiental, vamos tocar sei lá, numa vila, numa praça de alguma vila que estejam afim de receber a gente, sei lá.

Pesquisadora: O que você acha da iniciativa da Fundação?

Músico: Maravilhoso, acho que tem que fazer cada vez mais. Acredito que o FUC deveria ser gratuito, ou mais barato, é muito caro o FUC, eles já perderam muito público, eu sei que é uma logística complicada e tal, mas eles tem que tentar baratear o custo, o Sexta as Seis eu acho do caralho, abrir para outros sons, porque eles falaram que iam abrir mas não abriu tanto, ele ainda é muito focado no rock, o festival eu acho legal fazer esse link com a música erudita e a música popular, música é música é claro, mas o pessoal que faz música erudita tem uma maneira de fazer, música popular é diferente e tem quem transita entre as duas, tipo eu já fiz isso, hoje estou bem mais na música popular. Eu acho maravilhoso! Chegar aqui e ver um show da Lama de música instrumental, aí depois vai ver um concerto com a banda Lyra dos Campos que é uma baita banda da cidade com uma grande história,

acompanhando o pessoal que está compondo música hoje em dia, isso é maravilhoso!

Pesquisadora: Você acredita que a escolha desses espaços, dão um diferencial na experiência de quem participa?

Músico: Eu acho que sim, porque, aquele gramado da Estação Saudade, e aquele palco que eles montam, eu acho maravilhoso, porque aquilo só é utilizado quando tem feira de *food truck*, e eu acho que aquele gramadão é lindo para montar um palco e fazer show ali, eu acho a escolha muito massa.

Pesquisadora: Pontos negativos e positivos do festival?

Músico: Essa eu preciso pensar mais (risos).

Pesquisadora: Sobre a estrutura do festival e suporte técnico oferecido.

Músico: Cada apresentação é um suporte diferente, por exemplo, esse tínhamos um cache, levamos nossa mesa de som, nossas caixas de som, a ideia inicial era fazer acústico, mas a Lama não tem como ser acústico, então fizemos um esquema de pouco equipamento para se virar e tocar na rua, transporte por conta nossa, hoje que está diferente, tem o palco, está tudo montadinho, não precisou trazer bateria, amplificador, mesa de som, já tá tudo, então variou.

Pesquisadora: Nome, idade e onde mora?

Músico: Nicolas, 30 anos, banda Lamalaika, o estilo é complicado de falar porque tocamos muitos estilos, mas temos a base na música instrumental brasileira, em vários ritmos latinos e africanos, bebemos nessas três fontes, eu não posso te dizer que a Lama tem apenas um estilo.

Pesquisadora: Como é a sua trajetória na música?

Músico: Eu comecei na música a mais de dez anos, comecei a estudar violão depois flauta transversal, me formei no Conservatório, me formei na UEPG, aí dei aula no conservatório, e hoje eu trabalho só com música, eu trabalho com fotografia também. Toco em várias bandas além da Lamalaika, com uma banda de Curitiba.

Pesquisadora: Tem outra profissão ou trabalham só com a música

Músico: Faço fotografias.

ENTREVISTA COM A BANDA BROTHERS SOULS REALIZADA EM JULHO DE 2018.

Pesquisadora: Como ocorreu o convite da participação?

Músicos: Então aqui rola uma inscrição, aqueles que tem as músicas próprias passam e fazem o show.

Pesquisadora: Como foi a experiência de tocar no espaço público?

Músicos: Para mim é ótimo em todos os sentidos.

Pesquisadora: Qual a visão de vocês sobre esse espaço público?

Músicos: Entre tantos outros espaços públicos, o parque ambiental é o melhor, é uma referência, tem outros que são bons, mas eu digo no quesito referência, tem o terminal logo aqui atrás, com ônibus que vão para todos os bairros, então aqui é melhor local pra ter um evento desse porte.

Pesquisadora: O que vocês acham sobre a ocupação dos espaços públicos?

Músicos: Acho muito importante, porque a população começa a conhecer ritmos e estilos variados, a cultura entra nessas pessoas, se não tiver um incentivo da prefeitura fica bem preocupante.

Músicos: É importante ocupar espaços públicos, assim como é importante fazer a música local, entretanto, como é uma cultura geral, nem todo mundo está receptivo a receber essa mensagem que as bandas hoje vão passar, nem todo mundo pode receber essa mensagem, então é tentar deixar igualitário isso, por isso a importância de usar o espaço público, para deixar todo mundo igual.

Pesquisadora: Pontos negativos e positivos do festival.

Músicos: Ponto negativo foi o fato do meu empresário ter que entrar comigo no palco hoje, isso é ruim pois não é a profissão dele, ele é empresário e eu sou músico. Ponto positivo, é que tá tudo muito bom, o som está legal, a galera é da hora, há um respeito mútuo, ter uma estrutura dessa para tocar som autoral é maravilhoso. Lógico, que as vezes a resposta do público não é aquela que a gente quer, mas faz parte, isso é a arte.

Pesquisadora: O que vocês acharam do público do festival?

Músicos: Foram muito receptivos, apesar que tinha muito amigo nosso ali, muita gente que conhecemos, então o pessoal foi muito receptivo, tratou a nossa música autoral com muita receptividade. Teve uma galera cantando junto, como a “Lagoa Dourada” todos cantando junto.

Pesquisadora: Estilo musical da banda?

Músicos: *Black soul* e *samba rock*.

Pesquisadora: Nome, idade e onde mora?

Músicos: Marcos, moro no Santa Terezinha, 39 anos e Fabricio, 37 anos, moro na Catarina Miró.

Pesquisadora: Como é a trajetória de vocês na música?

Músicos: Marcos veio do Rio de Janeiro, é meu irmão. Fundamos a banda com a ideia de fazer um som diferencial, que mostrasse a cultura negra que há no Brasil todo, mas que no Paraná não aparece tanto, será que eu sou tão pixaim assim? É complicado ser paranaense, ou melhor, ser negro no Paraná é difícil.

Músicos: Eu tenho uma filhinha de cinco anos que ela sente na pele isso, na escola, a gente tenta esconder isso as vezes mas não tem jeito, e como eu vim do Rio de Janeiro, eu acho que 80% da população do Rio é negra, a gente não tem isso tá entendendo? Voltando à sua pergunta, eles tocam desde pequenos, e eu vim de intruso pra cá, e um dia começamos a fazer esse som maluco, justamente para dar essa ênfase nessa negritude.

Músicos: Inclusive todo o tema do show é voltado para isso, falamos sobre as pessoas que moram na rua, as pessoas menos favorecidas, assim como a cultura geral que rola no Paraná que nos deixa desfavorecidos. Entramos na música muito cedo, desde criança, já toquei com muita gente, então são muitas histórias.

Pesquisadora: Tem outra profissão ou trabalham só com a música?

Músicos: Só trabalhamos com música no momento, quando não estamos com nossa banda estamos envolvidos nos nossos trabalhos individuais.

ANEXOS

ANEXO A- EDITAL 004/2019 REGULAMENTO DO PROJETO SEXTA ÀS SEIS 2019

A Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Fundação Municipal de Cultura, com o objetivo de selecionar grupos, conjuntos e bandas ponta-grossenses para apresentação pública, identificando, divulgando e incentivando a produção musical local, promovendo o intercâmbio cultural entre os artistas e proporcionando cultura gratuita para toda comunidade, institui o edital que regulamenta o projeto **Sexta às Seis 2019**.

1 - DA PARTICIPAÇÃO:

1.1 - A participação no projeto Sexta às Seis 2019 é facultada a músicos residentes em Ponta Grossa, que passarão por processo seletivo para apresentação pública no Parque Ambiental de Ponta Grossa.

1.2 - Podem se inscrever grupos, conjuntos e bandas, aqui denominados bandas, ponta-grossenses, de diferentes estilos musicais com, no mínimo, três integrantes.

1.3 - A participação de menores de 18 anos só será permitida com a apresentação de

autorização por escrito dos pais ou responsáveis, no ato da inscrição.

1.4 - É expressamente proibida a interpretação de música acompanhada por playback.

1.5. - A coordenação do projeto Sexta às Seis poderá convidar artistas, grupos, conjuntos e bandas de reconhecida trajetória musical para apresentações especiais ao longo do ano.

1.6 – Não poderão se inscrever bandas que tenham sido premiadas no projeto em dois editais consecutivos, nos anos de 2017 e 2018.

1.7 – Para inscrição, as bandas deverão enviar material autoral (áudio e letra) para avaliação. Os shows a serem realizados não necessitam ser inteiramente autorais.

2 – DAS INSCRIÇÕES:

2.1 - As inscrições são gratuitas e estarão abertas no período de **07 a 18 de fevereiro de 2019** e podem ser feitas por meio do preenchimento do FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO ONLINE, disponível no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, até às 23h59 do dia 18 de fevereiro de 2019, ou podem ser entregues pessoalmente no Departamento de Produção Artística da Fundação Municipal de Cultura (na Mansão Villa Hilda – Rua Júlia Wanderley, 936 - Centro), no horário das 13h às 17h30, com TODOS os arquivos solicitados no item 2.2.

2.2 - Para as inscrições serão necessários:

- Ficha de inscrição preenchida por todos os integrantes e assinada pelo representante da banda;
- Cópia do RG, CPF e Comprovante de residência do representante do grupo;
- Repertório para show de 50 a 60 minutos;
- Release do grupo, conjunto ou banda com no máximo uma página, contendo: formação atual, histórico, influências musicais, estilo e projetos futuros;
- 01 (uma) gravação AUTORAL da formação que se apresentará no projeto, em boa qualidade, para avaliação.
- Letra da composição enviada para avaliação;
- 03 (três) fotos do grupo, conjunto ou banda com boa resolução, no formato horizontal, em boa qualidade.

2.3 - A Prefeitura de Ponta Grossa e a Fundação Municipal de Cultura não se responsabilizam por inscrições não efetivadas por motivos de ordem técnica, falhas de comunicação, congestionamento de linhas de comunicação, divergência de horário ou outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

2.4 - Todos os documentos pessoais solicitados são referentes ao responsável pela banda (RG, CPF, comprovante de residência e conta bancária para depósito). O representante deve, obrigatoriamente, integrar a banda como músico.

2.5 - Todas as informações dos integrantes devem constar na ficha de inscrição ou a mesma não será aceita.

2.6 - Não será permitido um representante para mais de uma banda e nem mais de um representante para cada banda (os representantes devem ser exclusivos de apenas uma banda inscrita). As bandas com representantes repetidos serão automaticamente desclassificadas.

3 – DA HOMOLOGAÇÃO E RECURSOS:

3.1 - A Fundação Municipal de Cultura publicará até o dia 20 de fevereiro de 2019, em Diário Oficial e no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, o edital de homologação com as inscrições deferidas e indeferidas, com os nomes das bandas listados em ordem alfabética.

3.2 - Eventuais recursos ao indeferimento de inscrição devem ser encaminhados pessoalmente, em formato de ofício, até às 17h do dia 21 de fevereiro de 2019, na sede da Fundação Municipal de Cultura. Os recursos devem conter provas que justifiquem o possível deferimento da inscrição (*print* da tela de confirmação da inscrição, documentos comprobatórios, etc).

3.3 - Os recursos serão avaliados em até 24 horas pelos representantes da Fundação

Municipal de Cultura. O resultado dos recursos será divulgado até o dia 22 de fevereiro de 2019, podendo haver publicação de novo edital de inscrições deferidas, com os devidos reparos.

4 – DA SELEÇÃO

4.1 - A seleção dos participantes ficará a cargo de uma comissão designada pela Fundação Municipal de Cultura, que avaliará as gravações, tendo como critérios a qualidade técnica da execução (composição, letra, arranjo, harmonia, timbre e afinação) e adequação à proposta do projeto.

4.2 - A qualidade da gravação interferirá no processo de seleção.

4.3 - Será feita uma seleção de até 20 (vinte) bandas para a participação no projeto Sexta às Seis 2019, conforme agenda constante no Anexo I (com possibilidade de mudanças a critério da organização, conforme item 5.4 deste edital).

4.4 - O resultado será divulgado até o dia 07 de março de 2019 no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, bem como no Diário Oficial do Município.

4.5 - A ordem de apresentação será decidida através de sorteio público, durante reunião a ser realizada no dia 14 de março de 2019, às 19h, no auditório do Centro de Música (Conservatório Maestro Paulino - Rua Frederico Wagner, 150 - Olarias). Todos as bandas selecionadas deverão enviar seus representantes legais (aqueles responsáveis pela inscrição), que deverão estar dentro do auditório impreterivelmente às 19h, levando à automática exclusão do processo as bandas que não enviarem seus representantes. Não serão tolerados atrasos, sendo desclassificadas as bandas que não respeitarem o horário.

4.6 – Caso algum grupo, conjunto ou banda não leve representante no dia do sorteio público, será chamado, automaticamente, o suplente para ocupar a vaga.

4.7 - Se o número de inscrições for menor que 20 (vinte), a curadoria do projeto determinará o número de apresentações.

5 – DA PREMIAÇÃO

5.1 - Os grupos, conjuntos e bandas selecionados receberão um prêmio no valor de R\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos reais), pago posteriormente à data da apresentação, por meio de depósito em conta bancária do seu representante legal, em data a ser definida pela Fundação Municipal de Cultura.

5.2 - Em caso de desistência, uma banda suplente poderá ser chamada, a cargo da coordenação do evento, caso haja tempo hábil para a substituição.

5.3 – As bandas selecionadas (e, assim sendo, premiadas) nunca ultrapassarão o limite de 20 (vinte), sendo que qualquer outra participação no evento será considerada como artista ‘convidado’, a critério da Fundação Municipal de Cultura.

5.4 - Custos sobre alimentação e transporte são de inteira responsabilidade da banda.

5.5 – A Fundação Municipal de Cultura arcará com as despesas decorrentes de ECAD.

6 – DAS APRESENTAÇÕES

6.1 - O projeto Sexta às Seis 2019 acontecerá às sextas-feiras, conforme calendário constante deste edital, no Parque Ambiental. Cada banda terá até 60 minutos para se apresentar com músicas autorais ou covers.

6.2 - Todos os componentes da banda têm que estar presentes para a apresentação com antecedência mínima de 30 minutos, no local. Em caso de descumprimento do horário, será considerada como desistência, sem direito a recebimento do prêmio.

6.3 - Em caso de chuva ou outros motivos de força maior, a coordenação do projeto Sexta às Seis poderá desmarcar as apresentações, transferindo-as para outras datas, a critério da Fundação Municipal de Cultura.

6.4 – Cada banda terá direito a uma passagem de som a partir das 16h no dia da sua apresentação, ou conforme acordado com a organização do projeto.

6.5 - Como suporte técnico, serão disponibilizados, pela coordenação do projeto, apenas equipamentos de som, incluindo a bateria (os pratos serão de responsabilidade da banda), um cubo de baixo, dois cubos de guitarra, palco e iluminação, a critério da Fundação Municipal de Cultura.

6.6 - Quaisquer danos nos equipamentos disponibilizados serão de responsabilidade daqueles que venham a causá-los.

6.7 – As bandas deverão levar para a apresentação seus próprios instrumentos, pratos, pedais e outros objetos e acessórios que necessitem, que ficarão sob sua responsabilidade, assim como seus objetos pessoais. Em caso de dúvida, os mesmos deverão entrar em contato com o Departamento de Produções Artísticas da Fundação Municipal de Cultura, no sentido de se informar sobre o que será disponibilizado pela mesma em equipamentos de sonorização e iluminação (pessoalmente ou pelo telefone 3220-1000 ramal 2087).

7 – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

7.1 - A TV Educativa de Ponta Grossa poderá gravar e exibir os shows em horários e datas definidos pela emissora. Qualquer questão envolvendo as gravações, bem como a disponibilização de cópia dos materiais para bandas, será de inteira responsabilidade da TV Educativa de Ponta Grossa.

7.2 - Todos os participantes do projeto Sexta às Seis automaticamente cedem os direitos de uso de imagem e som para fins de divulgação e registro documental para a Prefeitura de Ponta Grossa, Fundação Municipal de Cultura e TV Educativa de

Ponta Grossa. A Fundação Municipal de Cultura poderá exibir a gravação dos shows em plataformas digitais, bem como em outros canais de comunicação.

7.3 - Cabe ao responsável pela inscrição informar aos demais membros do grupo, conjunto ou banda sobre todas as questões relativas a este regulamento, incluindo datas, horários, pagamento de premiação, entre outros assuntos relativos ao projeto como um todo.

7.4 - Os responsáveis pelas inscrições deverão manter seus e-mails atualizados junto à coordenação do evento, bem como deverão acompanhar as publicações referentes ao edital pelo site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura.

7.5 - Os participantes declaram estar cientes e de acordo com este regulamento e o seu não cumprimento acarretará na desclassificação do grupo, conjunto ou banda.

7.6 – Os casos omissos neste regulamento serão julgados e resolvidos pela Fundação Municipal de Cultura.

7.7 – Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (42) 3220-1000 - ramal 2087.

Ponta Grossa, 06 de fevereiro de 2019.

FERNANDO RÖHNELT DURANTE

Presidente da Fundação Municipal de Cultura

ANEXO I DATAS IMPORTANTES

07 a 18 de fevereiro	Período de inscrições
20 de fevereiro	Homologação das inscrições
21 de fevereiro	Prazo para recursos
22 de fevereiro	Resultado dos eventuais recursos
07 de março	Divulgação dos selecionados
14 de março	Sorteio das datas de apresentações, no Centro da Música
15 de março	Abertura - atração convidada
12 de abril	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
26 de abril	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
10 de maio	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
24 de maio	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
31 de maio	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
28 de junho	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
12 de julho	Dia Mundial do Rock - Banda selecionada no edital + atração convidada
16 de agosto	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
23 de agosto	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
27 de setembro	Apresentação de duas bandas selecionadas no edital
04 de outubro	Encerramento – Banda selecionada no edital + atração convidado

ANEXO B- EDITAL Nº 008/2019 CREDENCIAMENTO DE BANDAS PARA O 11º FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA

A Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Fundação Municipal de Cultura, abre edital para credenciamento de **até 5 (cinco) bandas da cidade de Ponta Grossa** para realização de shows no Palco Novas Sonoridades do 11º Festival de Música de Ponta Grossa.

1. DO OBJETO:

1.1 - O Festival de Música de Ponta Grossa será realizado no período de 02 a 11 de agosto e traz como iniciativa o Palco Novas Sonoridades, que tem como objetivo valorizar as bandas que estão produzindo música autoral na cidade. Serão contratadas até 05 (cinco) bandas para participarem nos dias 10 ou 11 de agosto de 2019, conforme agenda determinada da Fundação Municipal de Cultura.

2. DA PARTICIPAÇÃO

2.1 - Serão aceitas inscrições de pessoas físicas ou jurídicas (inclusive MEI e ME...).

2.2 - Poderão participar bandas nas quais 75% dos componentes residam em Ponta Grossa, sejam maiores de 18 anos e atendam os critérios previstos neste edital.

2.3 – Entende-se como 'banda' aquelas compostas por no mínimo 3 (três) músicos e que possuam show com repertório majoritariamente autoral, de no mínimo 50 minutos e máximo de 1 hora.

2.4 - Não poderão participar:

a) Menores de 18 anos de idade; (retificado em 18 de abril de 2019)

b) Representantes que sejam menores de 18 anos de idade;

c) Servidores da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, cônjuge ou companheiro, parente consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau de funcionário público municipal da cidade de Ponta Grossa;

d) Membros da Comissão de Seleção;

e) Interessados que possuam vínculo profissional/empresarial ou grau de parentesco com membros da Comissão de Seleção.

f) Bandas que participaram do 10º Festival de Música de Ponta Grossa, em 2018.

3. DAS INSCRIÇÕES:

3.1 - Os interessados deverão inscrever-se exclusivamente por meio do preenchimento de formulário eletrônico, disponível no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, no período de **17 de abril a 12 de maio** de 2019.

3.2 - O proponente poderá representar legalmente apenas uma banda. As demais inscrições serão automaticamente indeferidas.

3.3 – Etapas de inscrição:

1 - Formulário eletrônico (dados de contato);

4 - Documentos de habilitação.

5 – Documentos de comprovação artística.

4 – Link do vídeo.

3.4 – Os documentos de habilitação serão os seguintes (formato JPG ou PDF, tamanho máximo de 5 MB):

a) PESSOA FÍSICA:

- Cópia do comprovante de residência em nome do proponente;

- Cópia do RG do proponente;

- Cópia do CPF do proponente;

- Cópia do cartão bancário em nome do proponente;

- CND Municipal;

- CND Estadual;
- CND Federal conjunta;
- CND Trabalhista.

b) PESSOA JURÍDICA:

- Cópia do comprovante de residência em nome da empresa;
- Cópia do RG do representante legal;
- Cópia do CPF do representante legal;
- Cópia do cartão bancário em nome da empresa;
- Cópia do contrato social e alterações ou estatuto atualizado;
- CND Municipal;
- CND Estadual;
- CND Federal conjunta;
- CND FGTS;
- CND Trabalhista;
- CND Falência e Concordata (exceto MEI);
- Carta de Exclusividade (conforme modelo disponibilizado no site).

3.5 – Os documentos de comprovação artística serão os seguintes:

3.5.1 Ficha de inscrição (formato DOC ou DOCX, tamanho máximo de 10 MB), conforme modelo disponível no site, que deverá conter:

- a) Dados dos integrantes da banda;
- b) Proposta artística da banda, justificando sua participação no Festival;
- c) Currículo;
- d) Repertório do show a ser apresentado.

3.5.2 Portfólio contendo fotos, clipping, link de ações, cartazes, entrevistas, programas etc (formato PDF, tamanho máximo de 10 MB).

3.6 – O interessado deverá anexar o link de um vídeo (em YouTube ou Vimeo) de uma performance musical da atração com tempo máximo de 5 minutos, no qual serão avaliados técnica na execução, adequação à proposta curatorial do festival (brasilidade, inovação, trabalho autoral, interlocuções com variados estilos) e interação com o público.

3.7 - Não serão aceitas inscrições que não cumpram rigorosamente todas as exigências previstas neste edital, sendo que a ausência de qualquer documento implicará na desclassificação do(s) interessado(s).

4. DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

4.1 - À Comissão de Seleção caberá a análise e a seleção dos inscritos.

4.2 - A Comissão de Seleção será composta por 03 (três) servidores da Fundação Municipal de Cultura, integrantes da curadoria do Festival de Música e nomeados por meio de Portaria.

4.3 - A Comissão de Seleção é soberana quanto ao mérito das decisões.

4.4 - Nenhum membro da Comissão de Seleção poderá participar do presente edital na condição de interessado(s)/proponente(s) ou ter quaisquer vínculos profissionais ou empresariais com as propostas apresentadas ou grau de parentesco com os interessados.

5. DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

5.1 - A Comissão de Seleção avaliará os inscritos, considerando as exigências especificadas neste Edital.

	Deverá constar em	Critério de avaliação	Pontuação
1	Currículo	Álbuns e EP's lançados (até 03 álbuns e EP's)	0,8 pontos (máximo: 2,4 pontos)
2	Proposta*	Avaliação da qualidade geral da proposta cultural, sua execução e adequação ao festival (brasilidade, inovação, trabalho autoral, interlocuções com variados estilos)	3,6 pontos
3	Portfólio** e link de vídeo***	Análise da concepção artística da banda, envolvendo performance, técnica na execução, empatia com o público, produção geral, etc. (verificável principalmente através da disponibilização de material em vídeo.)	4,0 pontos
	TOTAL		10 pontos

* A proposta deverá conter objetivo e justificativa.

** A comprovação das atividades através do portfólio poderá se dar por fotos, redes sociais, matérias de jornais ou links das ações.

***O vídeo deverá conter uma performance musical de até 5 minutos.

5.2 - Para efeito de desempate serão utilizados os seguintes critérios abaixo relacionados, nesta ordem:

- a) Maior pontuação recebida no item 3 (link de vídeo);
- b) Maior pontuação recebida no item 2 (proposta).

6. DA HOMOLOGAÇÃO:

6.1 - A Fundação Municipal de Cultura publicará até o dia 13 de maio de 2019, no Diário Oficial do Município e no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, a homologação com as inscrições deferidas e indeferidas, com o nome dos inscritos listados em ordem alfabética.

6.2 - Eventuais recursos ao indeferimento de inscrição deverão ser encaminhados ao email fmcpg@hotmail.com impreterivelmente até as 18 horas do dia 15 de maio de 2019. Os recursos devem conter provas que justifiquem o possível deferimento da inscrição (print da tela de confirmação da inscrição, documentos comprobatórios, etc).

6.3 - Os recursos serão avaliados pela Fundação Municipal de Cultura. O resultado dos recursos será divulgado até o dia 17 de maio de 2019, podendo haver nova publicação das inscrições deferidas, com os devidos reparos.

7. DO RESULTADO:

7.1 - O resultado final será publicado no Diário Oficial do Município e no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura até o dia 24 de maio de 2019.

7.2 - Haverá uma listagem de suplentes, no caso de eventual desistência ou impossibilidade de participação/contratação de alguma banda selecionada, após publicado o resultado final.

7.3 - No caso de desistência ou impossibilidade de participação, os selecionados deverão comunicar expressamente no e-mail fmcp@hotmai.com até o dia 31 de maio de 2019, apresentando os motivos.

8. DA REMUNERAÇÃO

8.1 – Cada banda selecionada terá remuneração de R\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos reais), por meio de contratação por inexigibilidade. Parágrafo único: Os valores acima mencionados estarão sujeitos à dedução dos impostos legais (INSS, ISS e IR).

9 – DAS OBRIGAÇÕES

9.1 - Da contratante: a Fundação Municipal de Cultura ficará responsável por determinar as datas, horários e locais de apresentações, pelo pagamento de ECAD, alvará, disponibilização de estrutura de palco, som, iluminação, e pela divulgação das ações.

9.2 - Da contratada: são de responsabilidade da atração selecionada cumprir com as datas e horários determinados pela Fundação Municipal de Cultura.

10 – DAS PENALIDADES

10.1 – Caso a banda informar sua desistência à coordenação do evento (sem justificativa plausível, a ser avaliada pela coordenação do evento) com prazo inferior a 35 (trinta e cinco) dias corridos, ficará sujeito à multa no valor de 40% da remuneração a que teria direito;

10.2 – Caso a banda selecionada desista de sua participação no meio do evento (02 a 11 de agosto de 2019), ficará sujeita à multa no valor de 30% da remuneração e não poderá participar de editais do Município de Ponta Grossa, nem contratar com a Prefeitura pelo prazo de 02 (dois) anos.

10.3 – As irregularidades supracitadas, bem como outras que porventura vierem a ocorrer, serão avaliadas pela Fundação Municipal de Cultura, Procuradoria Geral do Município e Controladoria Geral do Município seguindo o disposto na Lei Municipal nº 8.393/2008 e Decreto 1.990/2008.

11. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

11.1 - Todos os selecionados automaticamente cedem os direitos de uso de imagem e voz para fins de divulgação e registro documental para a Prefeitura de Ponta Grossa, Fundação Municipal de Cultura e TV Educativa de Ponta Grossa. A Fundação Municipal de Cultura poderá exibir a gravação das apresentações em plataformas digitais, TV e outros canais de comunicação.

11.2 - A inscrição do interessado implica na prévia e integral concordância com as normas deste Edital.

11.3 - Cada selecionado será responsável pelo desenvolvimento de sua atividade e pelas informações e conteúdo dos documentos apresentados, excluída qualquer responsabilidade civil ou penal da Fundação Municipal de Cultura.

11.4 - A seleção não gera vínculo trabalhista entre a municipalidade e o artista.

11.5 - Dúvidas sobre este edital podem ser esclarecidas através do e-mail fmcpg@hotmail.com.

11.6 - Os casos omissos relativos ao presente edital serão resolvidos pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa.

11.7 - Fica eleito o foro de Ponta Grossa para dirimir quaisquer dúvidas em relação a este edital.

Ponta Grossa, 15 de abril de 2019.

FERNANDO ROHNELT DURANTE

Presidente da Fundação Municipal de Cultura

ANEXO C- CREDENCIAMENTO DE ATRAÇÕES PARA O 11º FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA

A Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Fundação Municipal de Cultura, abre edital para credenciamento de **até 5 (cinco) atrações** para realização de apresentações nos Circuitos Música na Rua e Música para Todos do 11º Festival de Música de Ponta Grossa.

1. DO OBJETO:

1.1 - O Festival de Música de Ponta Grossa será realizado no período de 02 a 11 de agosto e tem como um de seus objetivos a democratização do acesso à cultura. Para isso, contamos com o Circuito Música na Rua e o Circuito Música para Todos, em que as apresentações ocorrem em espaços alternativos, difundindo a música para públicos diversos.

1.2 - Serão contratadas até 05 (cinco) atrações para atenderem às seguintes categorias:

a) Circuito Música na Rua: a atração selecionada deverá realizar de três a cinco apresentações em espaços alternativos, como terminais de ônibus, praças e calçadão, a serem definidos pela Fundação Municipal de Cultura.

b) Circuito Música para Todos: a atração selecionada deverá realizar de três a cinco apresentações em instituições sociais, asilo, penitenciária e escolas, a serem definidos pela Fundação Municipal de Cultura.

2. DA PARTICIPAÇÃO

2.1 - Serão aceitas inscrições de pessoas físicas ou jurídicas (MEI, ME...).

2.2 - Poderão participar músicos e produtores residentes em território brasileiro, maiores de 18 anos, que atendam aos critérios previstos neste edital.

2.3 – Entende-se por ‘atração’ trabalhos musicais de grupos, bandas, duplas ou músicos individuais, desde que atendam aos critérios exigidos.

2.4 - Não poderão participar:

a) Menores de 18 anos de idade; (retificado em 18 de abril de 2019)

a) Representantes que sejam menores de 18 anos de idade;

b) Servidores da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, cônjuge ou companheiro, parente consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau de funcionário público municipal da cidade de Ponta Grossa;

c) Membros da Comissão de Seleção;

d) Interessados que possuam vínculo profissional/empresarial ou grau de parentesco com membros da Comissão de Seleção.

3. DAS INSCRIÇÕES:

3.1 - Os interessados deverão inscrever-se exclusivamente por meio do preenchimento de formulário eletrônico, disponível no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, no período de **17 de abril a 12 de maio** de 2019.

3.2 - O interessado poderá se inscrever nas duas categorias, porém, será selecionada em apenas uma delas, a critério da Comissão de Seleção.

3.3 – Etapas de inscrição:

1 - Formulário eletrônico (dados de contato);

6 - Documentos de habilitação.

7 – Documentos de comprovação artística.

4 – Link do vídeo.

3.4 – Os documentos de habilitação serão os seguintes (formato JPG ou PDF, tamanho máximo de 5 MB):

a) PESSOA FÍSICA:

- Cópia do comprovante de residência em nome do proponente;
- Cópia do RG do proponente;
- Cópia do CPF do proponente;
- Cópia do cartão bancário em nome do proponente;
- CND Municipal;
- CND Estadual;
- CND Federal conjunta;
- CND Trabalhista.

b) PESSOA JURÍDICA:

- Cópia do comprovante de residência em nome da empresa;
- Cópia do RG do representante legal;
- Cópia do CPF do representante legal;
- Cópia do cartão bancário em nome da empresa;
- Cópia do contrato social e alterações ou estatuto atualizado;
- CND Municipal;
- CND Estadual;
- CND Federal conjunta;
- CND FGTS;
- CND Trabalhista;
- CND Falência e Concordata (exceto MEI);
- Carta de exclusividade (conforme modelo disponibilizado no site).

3.5 – Os documentos de comprovação artística serão os seguintes:

3.5.1 - Ficha de inscrição (formato DOC ou DOCX, tamanho máximo de 10 MB), conforme modelo disponível no site, que deverá conter:

a) Dados dos integrantes da banda;

b) Currículo;

3.5.2 - Portfólio contendo fotos, clipping, link de ações, cartazes, entrevistas, programas etc (formato PDF, tamanho máximo de 10 MB).

3.6 – O interessado deverá anexar o link de um vídeo (em YouTube ou Vimeo) de uma performance musical da atração com tempo máximo de 5 minutos, no qual serão avaliados adaptação ao local de apresentação, técnica na execução, adequação à proposta curatorial do festival (brasilidade, inovação, interlocuções com variados estilos) e interação com o público.

3.7 - Não serão aceitas inscrições que não cumpram rigorosamente todas as exigências previstas neste edital, sendo que a ausência de qualquer documento implicará na desclassificação do(s) interessado(s).

4. DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

4.1 - À Comissão de Seleção caberá a análise e a seleção dos inscritos.

4.2 - A Comissão de Seleção será composta por 03 (três) servidores da Fundação Municipal de Cultura, integrantes da curadoria do Festival de Música e nomeados por meio de Portaria.

4.3 - A Comissão de Seleção é soberana quanto ao mérito das decisões.

4.4 - Nenhum membro da Comissão de Seleção poderá participar do presente edital na condição de interessado(s)/proponente(s) ou ter quaisquer vínculos profissionais ou empresariais com as propostas apresentadas ou grau de parentesco com os interessados.

5. DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

5.1 - A Comissão de Seleção avaliará os inscritos, considerando as exigências especificadas neste Edital.

	Deverá constar em	Critério de avaliação	Pontuação
1	Currículo	Participações em festivais (até 03 participações)	0,8 pontos (máximo: 2,4 pontos)
2		Álbum lançado* (até 03 álbuns)	0,4 pontos (máximo: 1,2 pontos)
3	Portfólio	Comprovação de apresentação musical na rua ou em instituições** (até 05 apresentações)	0,7 pontos (máximo: 3,5 pontos)
4		Não ser necessária amplificação/som para a apresentação	0,4 pontos
5	Link de vídeo	Vídeo de apresentação na categoria escolhida (rua ou instituição) ***	2,5 pontos
	TOTAL		10 pontos

* Não serão considerados EP's.

** Para os pretendidos fins, considera-se música na rua toda apresentação em espaços abertos/públicos com circulação de pessoas.

** A comprovação das atividades através do portfólio poderá se dar por fotos, clipping de matérias ou links das ações.

*** O vídeo deverá conter uma performance musical de até 5 minutos, no qual serão avaliados adaptação ao local de apresentação, técnica na execução, adequação à proposta curatorial do festival (brasilidade, inovação, interlocuções com variados estilos) e interação com o público.

5.2 - Para efeito de desempate serão utilizados os seguintes critérios abaixo relacionados, nesta ordem:

- a) Maior pontuação recebida no item 5 (link de vídeo);
- b) Maior pontuação recebida no item 1 (participações em festivais).

6. DA HOMOLOGAÇÃO:

6.1 - A Fundação Municipal de Cultura publicará até o dia 13 de maio de 2019, no Diário Oficial do Município e no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura, a homologação com as inscrições deferidas e indeferidas, com o nome dos inscritos listados em ordem alfabética.

6.2 - Eventuais recursos ao indeferimento de inscrição deverão ser encaminhados ao email fmcpg@hotmail.com impreterivelmente até as 18 horas do dia 15 de maio de 2019. Os recursos devem conter provas que justifiquem o possível deferimento da inscrição (print da tela de confirmação da inscrição, documentos comprobatórios, etc).

6.3 - Os recursos serão avaliados pela Fundação Municipal de Cultura. O resultado dos recursos será divulgado até o dia 17 de maio de 2019, podendo haver nova publicação das inscrições deferidas, com os devidos reparos.

7. DO RESULTADO:

7.1 - O resultado final será publicado no Diário Oficial do Município e no site www.pontagrossa.pr.gov.br/cultura até o dia 24 de maio de 2019.

7.2 - Haverá uma listagem de suplentes, no caso de eventual desistência ou impossibilidade de participação/contratação de algum(a) selecionado(a), após publicado o resultado final.

7.3 - No caso de desistência ou impossibilidade de participação, os selecionados deverão comunicar expressamente no e-mail fmcpg@hotmail.com até o dia 31 maio de 2019, apresentando os motivos.

8. DA REMUNERAÇÃO

8.1 – As atrações selecionadas serão remunerados de acordo com as categorias a seguir, estando elas divididas de acordo com a distância da residência do interessado até a sede da Fundação Municipal de Cultura (Rua Julia Wanderley, nº 936, Centro- Ponta Grossa - PR, 84010-170):

a) R\$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos reais) para residentes em Ponta Grossa ou cidades distantes até 300km de Ponta Grossa/PR;

b) R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para residentes em cidades distantes de 301km até 550km de Ponta Grossa/PR;

c) R\$ 5.500,00 (cinco mil e quinhentos reais) para residentes em cidades distantes acima de 551km de Ponta Grossa/PR. Parágrafo único: Os valores acima mencionados estarão sujeitos à dedução dos impostos legais (INSS, ISS e IR).

9 – DAS OBRIGAÇÕES

9.1 - Da contratante: a Fundação Municipal de Cultura ficará responsável por determinar as datas, horários e locais de apresentações, pelo pagamento de ECAD, alvará, pela disponibilização de estrutura de palco, som, iluminação, e pela divulgação das ações.

9.2 - Da contratada: são de responsabilidade da atração selecionada os custos de transporte, alimentação e hospedagem, equipamento técnico necessário para apresentação, cumprir com as datas e horários determinados pela Fundação Municipal de Cultura.

10 – DAS PENALIDADES

10.1 – Caso a atração selecionada confirme sua presença, mas não venha à Ponta Grossa, ficará sujeito à multa no valor de 40% da remuneração a que teria direito, e não poderá participar de editais do Município de Ponta Grossa, nem contratar com a Prefeitura pelo prazo de 02 (dois) anos.

10.2 – Caso a atração informe sua desistência à coordenação do evento (sem justificativa plausível, a ser avaliada pela coordenação do evento) com prazo inferior a 35 (trinta e cinco) dias corridos, ficará sujeito à multa no valor de 30% da remuneração a que teria direito;

10.3 – Caso a atração selecionada desista de sua participação no meio do evento (02 a 11 de agosto de 2019), ficará sujeita à multa no valor de 30% da remuneração e não poderá participar de editais do Município de Ponta Grossa, nem contratar com a Prefeitura pelo prazo de 02 (dois) anos.

Parágrafo único: a coordenação do evento poderá acertar, de comum acordo com a atração selecionada, a exclusão e/ou a inclusão de apresentações que não estavam previstas, mas que atendam às necessidades e expectativas do evento, caso em que este artigo não será aplicado.

10.4 – As irregularidades supracitadas, bem como outras que porventura vierem a ocorrer, serão avaliadas pela Fundação Municipal de Cultura, Procuradoria Geral do Município e Controladoria Geral do Município seguindo o disposto na Lei Municipal nº 8.393/2008 e Decreto 1.990/2008.

11. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

11.1 - Todos os selecionados automaticamente cedem os direitos de uso de imagem e voz para fins de divulgação e registro documental para a Prefeitura de Ponta Grossa, Fundação Municipal de Cultura e TV Educativa de Ponta Grossa. A Fundação Municipal de Cultura poderá exibir a gravação das apresentações em plataformas digitais, TV e outros canais de comunicação.

11.2 - A inscrição do interessado implica na prévia e integral concordância com as normas deste Edital.

11.3 - Cada selecionado será responsável pelo desenvolvimento de sua atividade e pelas informações e conteúdo dos documentos apresentados, excluída qualquer responsabilidade civil ou penal da Fundação Municipal de Cultura.

11.4 - A seleção não gera vínculo trabalhista entre a municipalidade e o artista.

11.5 - Dúvidas sobre este edital podem ser esclarecidas através do e-mail fmcp@hotmai.com.

11.6 - Os casos omissos relativos ao presente edital serão resolvidos pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa.

11.7 - Fica eleito o foro de Ponta Grossa para dirimir quaisquer dúvidas em relação a este edital.

Ponta Grossa, 15 de abril de 2019.

FERNANDO ROHNELT DURANTE

Presidente da Fundação Municipal de Cultura

ANEXO D- FOTOS DO SEXTA ÀS SEIS EDIÇÃO 2018.

Fotografia 1-5: Shows com as bandas Valvox e Patrulha do Espaço (13-04-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 6-9: Show com as bandas Moryah, Caseína e Alligator Mine (11-05-2018).





8



9

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 10-13: Shows com as bandas Bitch Box e Garagem 1040 (18-05-2018).



10



11



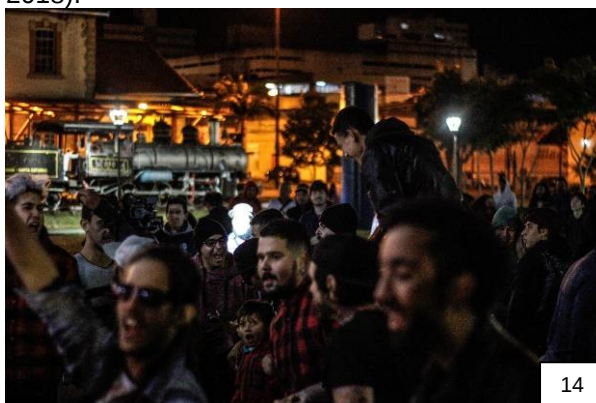
12



13

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 14-17: Shows com as bandas Zé Moreira's Band, Jerimoon e Dejavu Experience (25-05-2018).



14



15



16



17

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 18-21: Show de Silvio Prandel e Banda Por Akaso (08-06-2018).



18



19



20



21

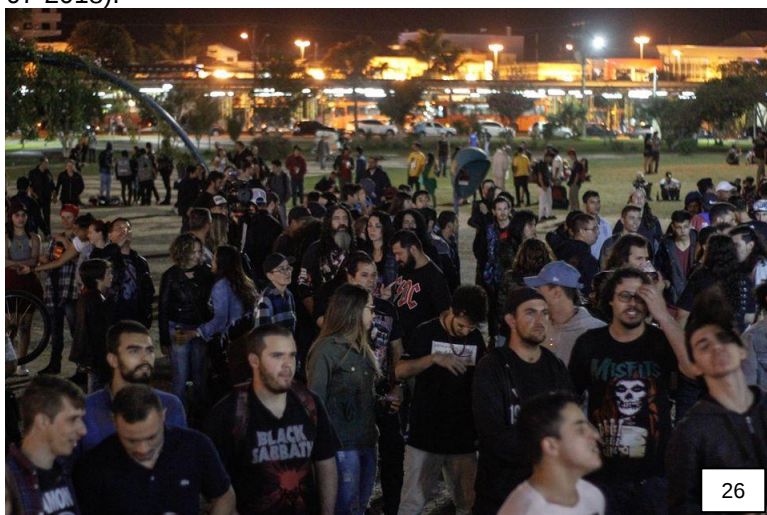
Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 22-25: Shows com as bandas Juliano Carneiro e Turtle River (29-06-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 26-29: Shows com as bandas Halef Santos, Ronaldo Costa e Banda e Banda Beltane (06-07-2018).





Fonte: SEMENSATI, M. (2018).

Fotografia 30-33: Shows com as bandas Guilherme Santos, Streides e Blindagem (13-07-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 34-37: Shows com as bandas Boogie Gang, Deconstruct e Thrashall (20-07-2018).



34



35



36



37

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 38 e 39: Shows com as bandas Vamo e Dinossauros Blues Band (10-08-2018).



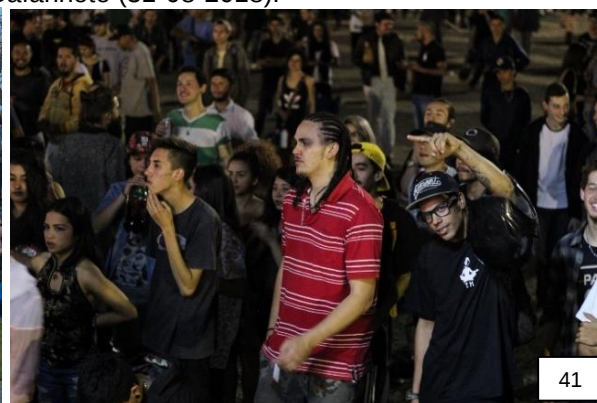
38



39

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 40-43: Shows com as bandas J Rod e Gafanhoto (31-08-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 44-47: Shows com as bandas FNM e Sevastra (21-09-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

Fotografia 48-51: Shows com as bandas Musik Maschine, West Hill e Confraria da Costa (28-09-2018).



Fonte: SEMENSATI, M (2018).

ANEXO E- Fotos Sexta às Seis, edição 2019.

Fotografia 52-55: Shows de abertura com a banda Dazaranha (15-03-2019).



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Fotografia 56-59: Shows com as bandas Astronautas do Passado e 3° Andar (12-04-2019).



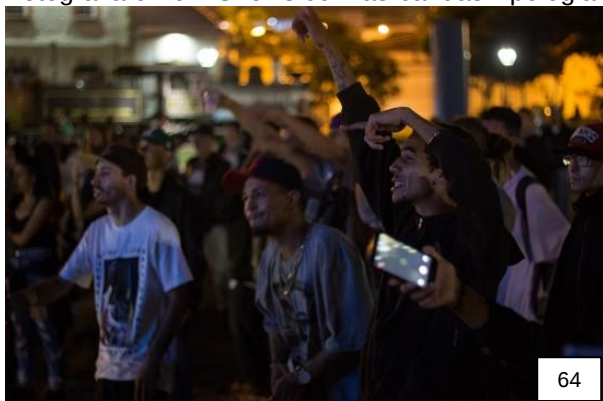
Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Fotografia 60-63: Shows com as bandas 4four Names e Mocken Raggae (26-04-2019).



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Fotografia 64-67: Shows com as bandas Apologia Sul, D Banga e PG Town (10-05-2019).



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Fotografia 68-71: Shows com as bandas Trovadores celtas e Notórios Bardos (24-05-2019).



Fonte: SEMENSATI, M (2019).

Fotografia 72-75: Shows com as bandas Circuito Absoluto e Índigo (07-06-2019).



Fonte: VIANA, H (2019).

Fotografia 76-79: Shows com as bandas Banish 12 & Stolen Byrds (12-07-2019).



76



77



78



79

Fonte: BAZZI, M (2019).

Fotografia 80-83: Shows com as bandas Zero Meia e Salve Salve Mic On (16-08-2019).



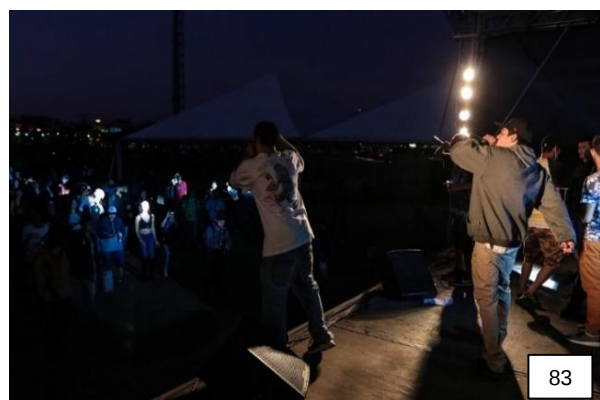
80



81



82



83

Fonte: BAZZI, M (2019).

Fotografia 84- 85: Shows com as bandas Bonsai Persa e (30-08-2019).



84



85

Fonte: NASCIMENTO, L (2019).

Fotografia 86-89: Show com as bandas MUM e A Vera (27-09-2019).



86



87



88



89

Fonte: BAZZI, M (2019).

Fotografia 90- 93: Shows com as bandas Chamaduke e Nômade Orquestra (25-10-2019).



90



91



Fonte: BAZZI, M (2019).

ANEXO F- FOTOS DO FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA EDIÇÃO DE 2018.

Fotografia 94 e 95: Apresentação Festival de Música (2018).



94



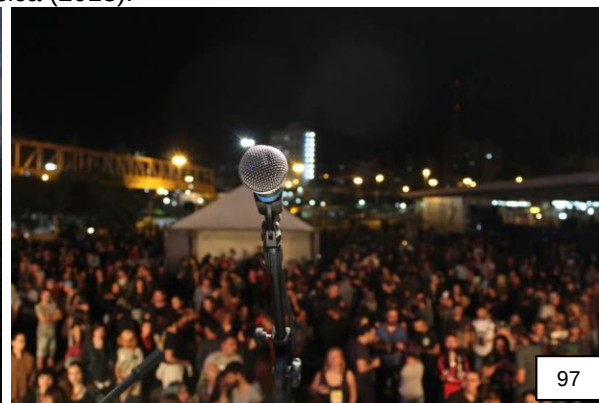
95

Fonte: PRIMOR, A (2018).

Fotografia 96 e 101: Apresentação Festival de Música (2018).



96



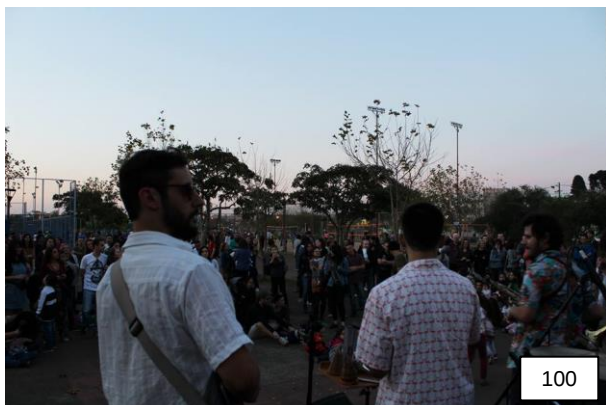
97



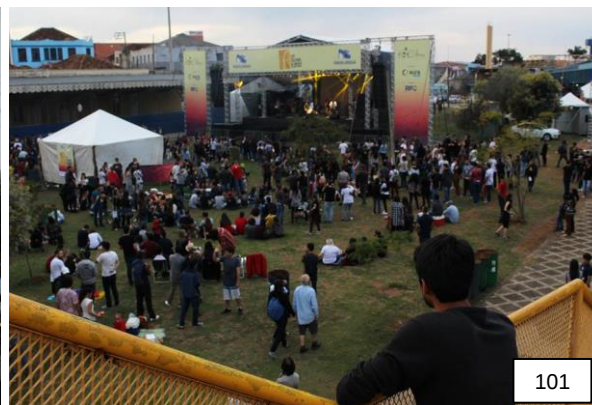
98



99



100



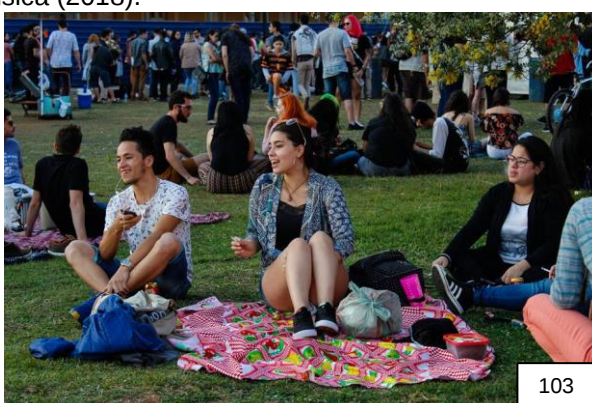
101

Fonte: NASCIMENTO, L (2018).

Fotografia 102 e 107: Apresentação Festival de Música (2018).



102



103



104



105



106



107

Fonte: SEMENSATI, M (2018).

ANEXO G- FESTIVAL DE MÚSICA DE PONTA GROSSA EDIÇÃO 2019.

Fotografia 108 e 113: Apresentação Festival de Música (2019).



108



109



110



111



112



113

Fonte: NASCIMENTO, L (2019).

Fotografia 114 e 119: Apresentação Festival de Música (2019).



114



115



116



117



118



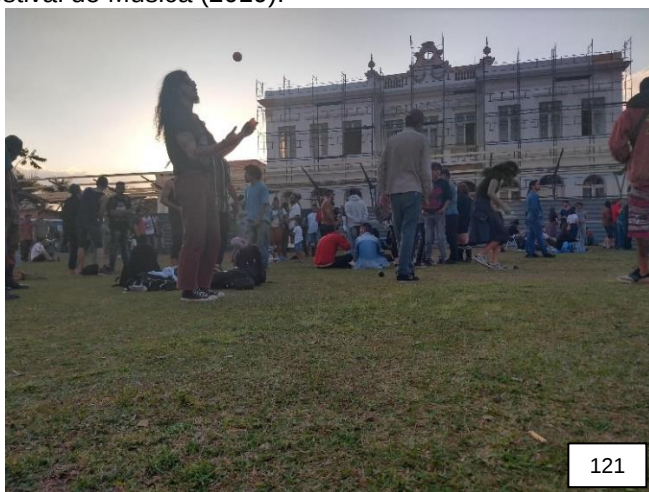
119

Fonte: BAZZI, M (2019).

Fotografia 120 e 123: Apresentação Festival de Música (2019).



120



121



122



123

Fonte: SANTOS, J (2019).